

Boletim Epidemiológico

NÚMERO ESPECIAL
22 Jan. 2024

Hanseníase | 2024



Boletim Epidemiológico

Ministério da Saúde / Secretaria de Vigilância
em Saúde e Ambiente

Número Especial | Jan. 2024

Hanseníase | 2024



1969 Ministério da Saúde.



Esta obra é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde.

Tiragem: 2024 – versão eletrônica

Boletim Epidemiológico
Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente
Ministério da Saúde
ISSN 9352-7864

Elaboração, distribuição e informações:

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente
Gabinete da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente
SRTV, Quadra 701, via W5 Norte, lote D, Edifício PO 700, 7º andar
CEP: 70719-040 – Brasília-DF
Site: <https://www.gov.br/saude/pt-br>
E-mail: gabinetesvsa@saude.gov.br

Ministra de Estado da Saúde:

Nísia Verônica Trindade Lima

Secretária de Vigilância em Saúde e Ambiente:

Ethel Leonor Noia Maciel

Coordenação-geral:

Ethel Leonor Noia Maciel (SVSA/MS)
Alda Maria da Cruz (DEDT/SVSA/MS)
Sandra Maria Barbosa Durães (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)

Organização e colaboração:

Alexandre Casimiro de Macedo (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)
Elaine Silva Nascimento Andrade (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)
Gustavo Laine Araújo de Oliveira (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)
Margarida Cristiana Napoleão Rocha (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)
Natalia Fernandes de Andrade (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)
Patrícia Pereira Lima Barbosa (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)
Reagan Nzundu Boigny (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)
Sebastião Alves de Sena Neto (CGHDE/DEDT/SVSA/MS)

Editoria técnico-científica:

Paola Barbosa Marchesini (CGEVSA/Daevs/SVSA/MS)
Antonio Ygor Modesto de Oliveira (CGEVSA/Daevs/SVSA/MS)

Produção:

Núcleo de Comunicação (Nucom/SVSA/MS)
Edgard Rebouças – Nucom/SVSA/MS

Diagramação e capa:

Fred Lobo – Editorial Nucom/SVSA/MS

Revisão e normalização:

Yana Palankof – Revisão Nucom/SVSA/MS

1. Hanseníase 2. Epidemiologia 3. Vigilância

Título para indexação:

Leprosy Epidemiological Record 2024

Lista de figuras

| | | |
|------------------|---|----|
| FIGURA 1 | Proporção de casos de hanseníase segundo o modo de entrada – Brasil, 2013 a 2022 | 15 |
| FIGURA 2 | Proporção de casos novos de hanseníase por sexo, razão de sexos e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 16 |
| FIGURA 3 | Proporção de casos novos de hanseníase por faixa etária e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 16 |
| FIGURA 4 | Proporção de casos novos de hanseníase por raça/cor e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 17 |
| FIGURA 5 | Proporção de casos novos de hanseníase por escolaridade e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 18 |
| FIGURA 6 | Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100.000 habitantes) por região de residência e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 18 |
| FIGURA 7 | Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil habitantes) por unidade da Federação de residência – Brasil, 2022 | 19 |
| FIGURA 8 | Distribuição da taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 20 |
| FIGURA 9 | Proporção de casos novos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física no momento do diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 21 |
| FIGURA 10 | Distribuição da proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado no momento do diagnóstico por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 22 |
| FIGURA 11 | Distribuição da proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física avaliado no momento do diagnóstico por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 23 |
| FIGURA 12 | Proporção de casos novos de hanseníase multibacilares segundo o ano de diagnóstico – Brasil e regiões, 2013 a 2022 | 24 |
| FIGURA 13 | Proporção de casos novos de hanseníase por forma clínica e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 25 |
| FIGURA 14 | Número de baciloscopias realizadas e proporção de positividade por ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 25 |
| FIGURA 15 | Proporção de casos novos de hanseníase por esquema de tratamento e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 26 |
| FIGURA 16 | Distribuição da proporção de cura de hanseníase entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 28 |
| FIGURA 17 | Distribuição da proporção de casos de hanseníase em abandono de tratamento entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 30 |
| FIGURA 18 | Distribuição da proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado na cura nos anos das coortes – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 32 |
| FIGURA 19 | Distribuição da proporção de contatos examinados de casos novos de hanseníase diagnosticados nos anos das coortes. Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 34 |
| FIGURA 20 | Proporção de casos de hanseníase em menores de 15 anos por modo de entrada e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 35 |

| | | |
|------------------|--|----|
| FIGURA 21 | Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos avaliados quanto ao grau de incapacidade física no momento do diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 36 |
| FIGURA 22 | Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos multibacilares – Brasil, 2013 a 2022 | 36 |
| FIGURA 23 | Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.) por região de residência e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 37 |
| FIGURA 24 | Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.) por unidade Federativa – Brasil, 2022 | 38 |
| FIGURA 25 | Distribuição da taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.) por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B) | 39 |
| FIGURA 26 | Casos de hanseníase investigados para resistência primária e proporção de resistência primária – Regiões e Brasil, outubro de 2018 a setembro de 2023 | 41 |
| FIGURA 27 | Casos de hanseníase investigados para resistência secundária e proporção de resistência secundária – Regiões e Brasil, outubro de 2018 a setembro de 2023 | 42 |
| FIGURA 28 | Marcos relacionados à implantação da vigilância do GIF 2 | 44 |
| FIGURA 29 | Fluxograma de investigação dos casos de hanseníase em menores de 15 anos com GIF 2 – Brasil, 2018 e 2019 | 44 |

Lista de quadros

| | | |
|-----------------|---|----|
| QUADRO 1 | Descrição dos indicadores epidemiológicos | 11 |
| QUADRO 2 | Descrição dos indicadores operacionais | 13 |

Lista de tabelas

| | | |
|-----------------|--|----|
| TABELA 1 | Proporção de cura de hanseníase entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022 | 27 |
| TABELA 2 | Proporção de casos de hanseníase em abandono de tratamento entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022 | 29 |
| TABELA 3 | Proporção de GIF avaliados na cura nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022 | 31 |
| TABELA 4 | Proporção de contatos examinados de casos novos de hanseníase diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022 | 33 |
| TABELA 5 | Proporção de casos de recidiva entre os casos notificados no ano – Brasil e regiões, 2013 a 2022 | 40 |
| TABELA 6 | Número de casos de hanseníase com <i>M. leprae</i> resistente segundo o padrão de resistência – Brasil, outubro de 2018 a setembro de 2023 | 42 |
| TABELA 7 | Número e percentual da vigilância do GIF 2 – UF e Brasil, 2023* | 45 |

Lista de tabelas (Anexo)

| | | |
|------------------|--|----|
| TABELA 1 | Número e proporção de casos de hanseníase segundo o modo de entrada – Brasil, 2013 a 2022 | 53 |
| TABELA 2 | Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo o sexo – Brasil, 2013 a 2022 | 53 |
| TABELA 3 | Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a faixa etária – Brasil, 2013 a 2022 | 53 |
| TABELA 4 | Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a raça/cor da pele – Brasil, 2013 a 2022 | 54 |
| TABELA 5 | Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a escolaridade – Brasil, 2013 a 2022 | 54 |
| TABELA 6 | Número e taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil habitantes) segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022 | 55 |
| TABELA 7 | Proporção de casos novos de hanseníase avaliados no momento do diagnóstico quanto ao GIF segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022 | 56 |
| TABELA 8 | Proporção de casos novos de hanseníase com GIF 2 no momento do diagnóstico segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022 | 58 |
| TABELA 9 | Número e proporção de casos novos de hanseníase multibacilares segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022 | 59 |
| TABELA 10 | Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a forma clínica – Brasil, 2013 a 2022 | 60 |
| TABELA 11 | Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo baciloscopia – Brasil, 2013 a 2022 | 61 |
| TABELA 12 | Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo esquema de tratamento – Brasil, 2013 a 2022 | 61 |
| TABELA 13 | Proporção de cura de casos novos de hanseníase segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022 | 62 |
| TABELA 14 | Proporção de contatos de casos novos de hanseníase examinados entre os registrados nos anos das coortes segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022 | 63 |
| TABELA 15 | Número e proporção de casos de hanseníase em menores de 15 anos – Brasil, 2013 a 2022 | 64 |
| TABELA 16 | Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos avaliados quanto ao GIF no momento do diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 65 |
| TABELA 17 | Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos multibacilares por região de residência e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022 | 65 |
| TABELA 18 | Número e taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil habitantes) segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022 | 66 |
| TABELA 19 | Número de casos de hanseníase investigados e número de casos confirmados com resistência antimicrobiana segundo a região e a unidade de Federação de notificação – Brasil, 2018 a 2023 | 68 |

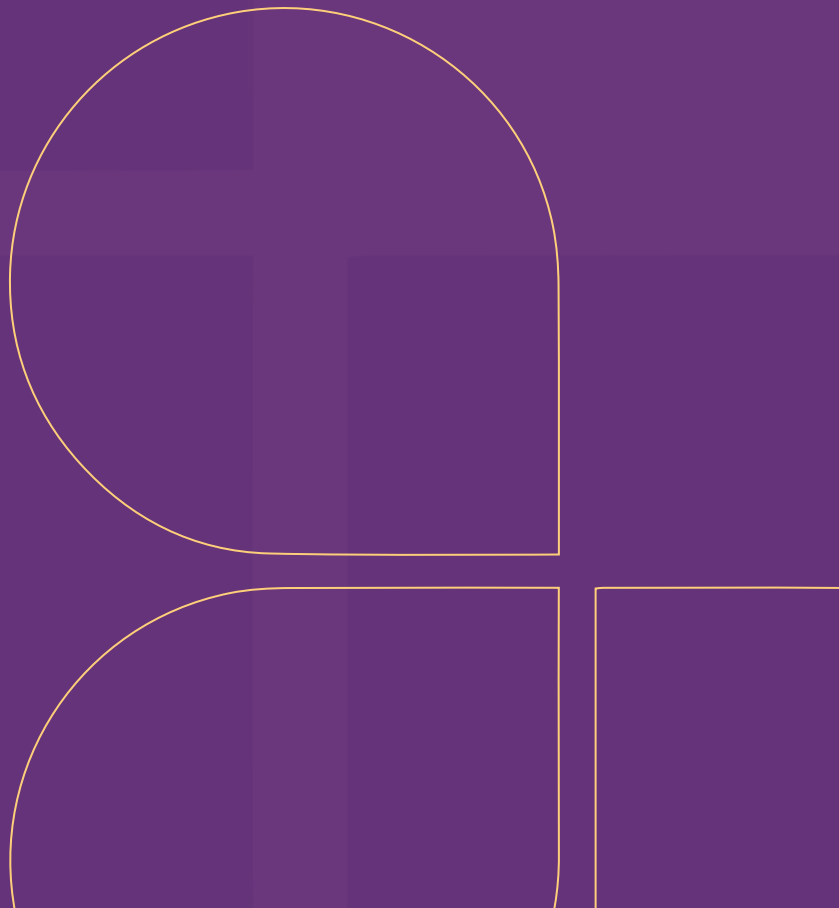
Lista de abreviaturas e siglas

| | |
|----------------|--|
| Baar | Bacilos álcool-ácido resistente |
| DTN | Doenças tropicais negligenciadas |
| ESL | Esquemas de segunda linha |
| GIF | Grau de incapacidade física |
| GIF 0 | Grau de incapacidade física 0 |
| GIF 1 | Grau de incapacidade física 1 |
| GIF 2 | Grau de incapacidade física 2 |
| IB | Índice baciloscópico |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| MB | Multibacilar |
| MS | Ministério da Saúde |
| ODS | Objetivos de Desenvolvimento Sustentável |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PB | Paucibacilar |
| PCDT | Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas |
| PQT | Poliquimioterapia |
| PQT-U | Poliquimioterapia única |
| Sigif 2 | Sistema de Investigação do Grau de Incapacidade Física 2 |
| Sinan | Sistema de Informação de Agravos de Notificação |
| Sirh | Sistema de Investigação da Resistência na Hanseníase |

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 9 |
| Métodos | 10 |
| Resultados | 15 |
| Hanseníase no Brasil | 15 |
| Hanseníase na população geral | 15 |
| Incapacidades físicas pela hanseníase | 21 |
| Perfil clínico | 24 |
| Tratamento farmacológico na hanseníase | 26 |
| Coortes na hanseníase | 27 |
| Hanseníase em menores de 15 anos | 35 |
| Recidiva | 41 |
| Vigilâncias específicas | 41 |
| Vigilância da resistência antimicrobiana na hanseníase | 41 |
| Vigilância do grau 2 de incapacidade física na hanseníase | 43 |
| Considerações finais | 46 |
| Links úteis | 49 |
| Referências | 51 |
| Anexo | 53 |

Introdução



A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae* que afeta a pele, os nervos periféricos, os olhos e a mucosa nasal.¹ A transmissão ocorre por gotículas provenientes do nariz e da boca durante o contato próximo e frequente com casos não tratados.² É mais prevalente em populações que vivem em condições de vulnerabilidade social, e o tratamento nas fases iniciais da doença pode prevenir incapacidades físicas.³

Desde a introdução da poliquimioterapia (PQT) houve um progresso significativo na redução da prevalência da hanseníase e na ocorrência de novos casos.⁴ No período de 2013 a 2019 foi observada uma redução de 6,1% no número de casos novos. De 2019 a 2022 essa redução foi ainda mais acentuada (14,0%) devido ao subdiagnóstico causado pelo impacto da pandemia da covid-19.^{5,6}

No mundo, em 2022, foram registrados 174.087 casos novos de hanseníase, correspondendo a uma taxa de detecção de 21,8 casos por 1 milhão de habitantes. Índia, Brasil e Indonésia reportaram mais de 10 mil casos novos de hanseníase cada. O Brasil permanece em segundo lugar no *ranking* mundial em número de casos novos, o que o classifica como um país prioritário para hanseníase pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Globalmente, em 2022 o número de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos foi de 10.302, o que corresponde a uma taxa de 5,1 casos por 1 milhão nesse grupo etário e a um aumento de 14,6% em relação a 2021. Outro indicador importante para o monitoramento da hanseníase é o Grau de Incapacidade Física 2 (GIF 2), que em 2022 teve um total de 9.554 casos, representando uma taxa de 1,2 casos por 1 milhão de habitantes — cerca de 5,5% a mais do que em 2021.¹

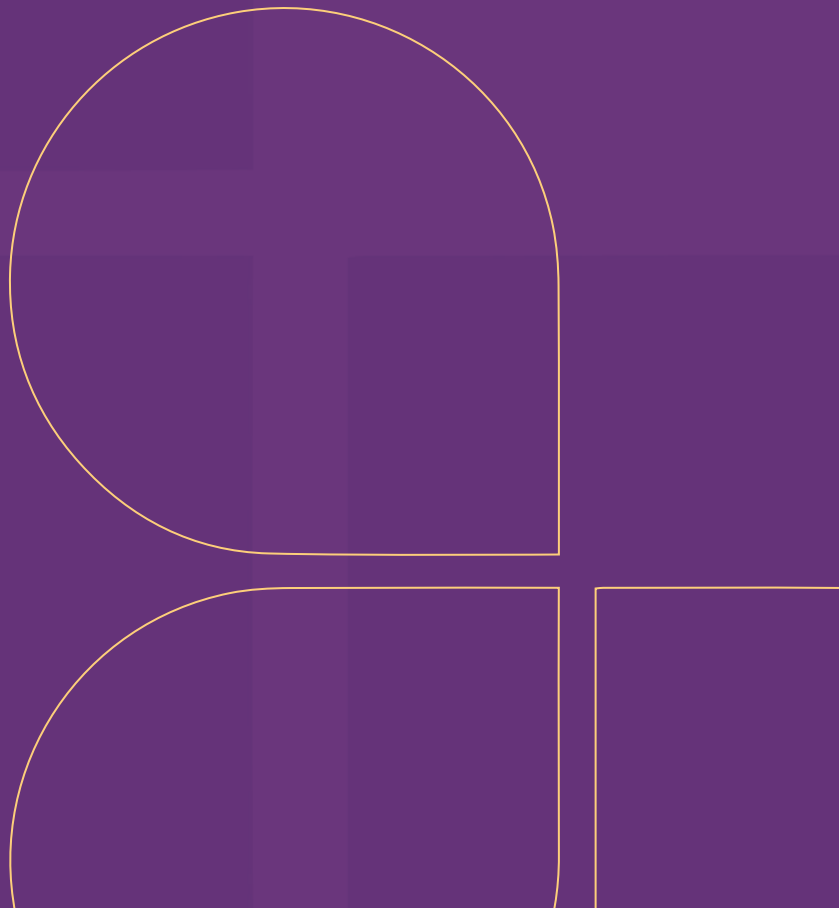
As estratégias globais têm evoluído à medida que há avanços na redução da carga da doença. A Estratégia Global de Hanseníase 2021-2030 traz a aceleração das ações para alcançar o objetivo de zero hanseníase (zero hanseníase, zero incapacidade e zero estigma e discriminação) e faz parte do plano de ação para doenças tropicais negligenciadas (DTNs) 2021-2030.^{4,7}

No Brasil, estratégias têm sido implementadas visando ao alcance das metas e dos compromissos globais pelo objetivo zero hanseníase. Dentre as estratégias implementadas está a execução das vigilâncias específicas. A primeira é a vigilância da resistência aos antimicrobianos utilizados no tratamento da hanseníase, cujo objetivo é a detecção e o monitoramento das resistências primária e secundária em pacientes em tratamento.⁸ A segunda diz respeito à vigilância do GIF 2 em casos novos de hanseníase. Esta ação visa qualificar o dado e investigar a ocorrência do GIF 2 a fim de desenvolver e implementar ações preventivas destinadas a reduzir o diagnóstico tardio da hanseníase e promover ações de reabilitação para o paciente.⁹ Com o objetivo de articular políticas públicas intersetoriais direcionadas à saúde foi estabelecido, por meio do Decreto nº11.494 de abril de 2023, o Comitê Interministerial para Eliminação da Tuberculose e Outras Doenças Determinadas Socialmente (Ciedds). Coordenada pelo Ministério da Saúde, a iniciativa integra outros nove ministérios e visa alcançar a equidade em saúde e a redução das desigualdades sociais, fatores diretamente ligados às causas das doenças que acometem, de forma mais intensa, as populações de maior vulnerabilidade social.

O plano de trabalho inicial inclui 11 doenças, dentre elas a hanseníase e cinco condições de transmissão vertical, e tem previsão de se estender até 2030. Essa estratégia está alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), que incentiva a integração de ações intersetoriais para o alcance de metas de eliminação e controle de doenças.

Este boletim tem como finalidade apresentar informações estratégicas destinadas a orientar as ações de saúde pública em hanseníase no âmbito nacional.

Métodos



Foi realizado um estudo ecológico com análises dos indicadores epidemiológicos e operacionais da hanseníase no Brasil utilizando dados provenientes do Banco Nacional do Sinan referentes aos anos de 2013 a 2022. A partir de 2020, os dados do Espírito Santo foram obtidos do Sistema de Informação em Saúde do estado, o E-SUS Vigilância em Saúde (E-SUS VS)

As bases de dados do Sinan/Hanseníase no âmbito do Ministério da Saúde e do ESUSVS, utilizadas neste boletim, são integradas à rotina de trabalho da CGDE/DEDT/SVSA, o que implica que não foram realizados procedimentos específicos de limpeza nessas bases.

O modo de entrada "caso novo" corresponde ao caso de hanseníase que nunca recebeu qualquer tratamento. "Outros reingressos" representa situações em que o paciente recebeu algum tipo de saída e retorna requerendo tratamento específico para hanseníase. Por sua vez, o modo de entrada "recidiva" caracteriza os casos de hanseníase tratados regularmente com esquema padrão que receberam alta por cura e voltaram a apresentar novos sinais e sintomas clínicos da doença em período superior a cinco anos após a cura.¹⁰ O ESL refere-se a uma abordagem terapêutica alternativa adotada em casos de intolerância grave, contraindicação ou quando há

resistência antimicrobiana comprovada laboratorialmente a uma ou mais drogas utilizadas no tratamento com PQT-U.¹¹

Para o cálculo dos indicadores foram utilizadas as Unidades Federativas de residência e diagnóstico dos casos de hanseníase, excluindo aqueles registrados com tipo de saída "erro de diagnóstico". Para calcular as taxas dos anos de 2013 a 2021 foram utilizadas as estimativas populacionais disponíveis no site do Datasus/MS, acessíveis por meio do link <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defptohtm.exe?ibge/cnv/popsvsbr.def>. Para o cálculo da taxa de detecção geral referente ao ano de 2022 utilizou-se a população do censo de 2022 disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que pode ser encontrada em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=37225&t=resultados>. A taxa de detecção em menores de 15 anos de 2022 foi calculada com a estimativa populacional de 2021. O cálculo do incremento/redução foi obtido por meio da seguinte fórmula: (valor atual-valor antigo)/valor antigo*100. Os dados foram tabulados no TabWin e manipulados por meio do Microsoft Excel versão 2013. Para confecção dos mapas temáticos usou-se o Arcgis versão 9.2.

QUADRO 1 Descrição dos indicadores epidemiológicos

| INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS | CONSTRUÇÃO | FATOR DE MULTIPLICAÇÃO | UTILIDADE(S) | PARÂMETRO |
|--|---|------------------------|--|---|
| Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase. | Número de casos novos residentes em determinado local e diagnosticados no ano da avaliação dividido pela população total residente, no mesmo local e ano de avaliação. | X 100.000 | Medir a força de morbidade, magnitude e tendência da endemia. | <ul style="list-style-type: none"> - Baixo: <2,00 por 100 mil hab. - Médio: 2,00 a 9,99 por 100 mil hab. - Alto: 10,00 a 19,99 por 100 mil hab. - Muito alto: 20,00 a 39,99 por 100 mil hab. - Hiperendêmico: ≥ 40,00 por 100 mil hab. |
| Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos. | Número de casos novos em menores de 15 anos de idade residentes em determinado local e diagnosticados no ano da avaliação dividido pela população de zero a 14 anos de idade no mesmo local e ano de avaliação. | X 100.000 | Medir a força da transmissão recente da endemia e sua tendência. | <ul style="list-style-type: none"> - Baixo: <0,50 por 100 mil hab. - Médio: 0,50 a 2,49 por 100 mil hab. - Alto: 2,50 a 4,99 por 100 mil hab. - Muito alto: 5,00 a 9,99 por 100 mil hab. - Hiperendêmico: ≥10,00 por 100 mil hab. |

continua

conclusão

| INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS | CONSTRUÇÃO | FATOR DE MULTIPLICAÇÃO | UTILIDADE(S) | PARÂMETRO |
|---|--|------------------------|--|--|
| Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico. | Número de casos novos com grau 2 de incapacidade física no diagnóstico residentes em determinado local e detectados no ano da avaliação dividido pela população residente no mesmo local e ano da avaliação. | X 1.000.000 | Avaliar as deformidades causadas pela hanseníase na população em geral e compará-las com outras doenças incapacitantes. Utilizado em conjunto com a taxa de detecção para o monitoramento da tendência de detecção oportuna dos casos novos de hanseníase. | Não definido. |
| Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico. | Número de casos novos com grau 2 de incapacidade física no diagnóstico residentes em determinado local e detectados no ano da avaliação dividido pelo total de casos novos com grau de incapacidade física avaliados residentes no mesmo local e ano da avaliação. | X 100 | Avaliar a efetividade das atividades da detecção oportuna e/ou precoce de casos. | - Baixo: ≤5,0% - Médio: 5,0 a 9,9% - Alto: ≥10,0% |
| Proporção de casos novos multibacilares. | Número de casos novos de hanseníase multibacilares dividido pelo total de casos novos de hanseníase. | X 100 | Avaliar os casos sob risco de desenvolver complicações e orientar o correto reabastecimento de poliquimioterapia (PQT). | Não definido. |
| Proporção de casos novos de hanseníase segundo o sexo entre o total de casos novos. | Número de casos novos de hanseníase do sexo feminino dividido pelo total de casos novos de hanseníase. | X 100 | Medir força de morbidade, magnitude e tendência da endemia por sexo. | Não definido. |
| Proporção de casos novos de hanseníase segundo a raça/cor e a escolaridade. | Número de casos novos de hanseníase por raça/cor dividido pelo total de casos novos de hanseníase. | X 100 | Avaliar a capacidade dos serviços em assistir os casos de hanseníase. | Não definido. |
| Proporção de casos novos de hanseníase segundo a escolaridade. | Número de casos novos de hanseníase por escolaridade dividido pelo total de casos novos de hanseníase. | X 100 | Avaliar a capacidade dos serviços em assistir os casos de hanseníase. | Não definido. |

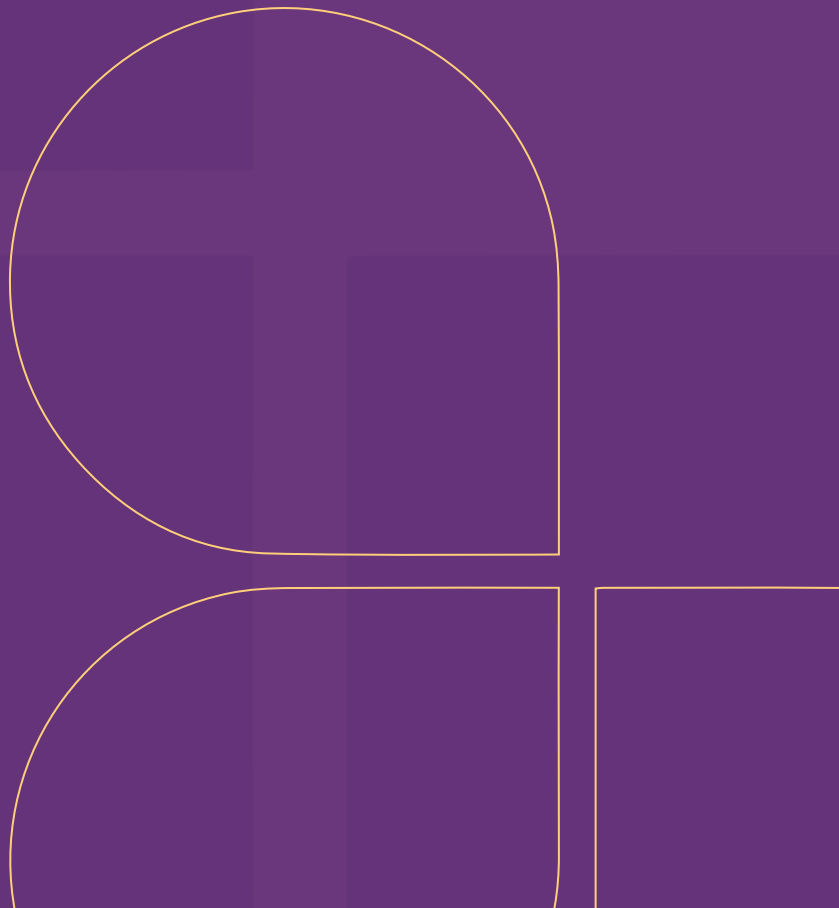
Fonte: Manual para tabulação dos indicadores da hanseníase, 2022.

QUADRO 2 Descrição dos indicadores operacionais

| INDICADORES OPERACIONAIS | CONSTRUÇÃO | FATOR DE MULTIPLICAÇÃO | UTILIDADE (S) | PARÂMETRO |
|--|--|------------------------|---|---|
| Proporção de contatos examinados de casos novos de hanseníase diagnosticados nos anos das coortes. | Número de contatos de casos novos de hanseníase examinados por local de residência anual e diagnosticados nos anos das coortes (paucibacilares diagnosticados no ano anterior ao ano de avaliação e multibacilares diagnosticados dois anos antes do ano de avaliação) dividido pelo número total de contatos dos casos novos de hanseníase registrados por local de residência atual e diagnosticados nos anos das coortes (paucibacilares diagnosticados no ano anterior ao ano de avaliação e multibacilares diagnosticados dois anos antes do ano de avaliação). | X 100 | Medir a capacidade dos serviços em realizar a vigilância de contatos dos casos novos de hanseníase, aumentando a detecção precoce de casos novos. | - Bom: ≥90,0% - Regular: 75,0 a 89,9% - Precário: <75,0% |
| Proporção de cura de hanseníase entre os casos novos de diagnóstico nos anos das coortes. | Número de casos novos de hanseníase residentes e diagnosticados nos anos das coortes (paucibacilares diagnosticados no ano anterior ao ano de avaliação e multibacilares diagnosticados dois anos antes do ano de avaliação) e curados até 31/12 do ano de avaliação dividido pelo total de casos novos residentes em determinado local e diagnosticados nos anos das coortes. | X 100 | Avaliar a qualidade da atenção e do acompanhamento dos casos novos diagnosticados nos anos das coortes, bem como a efetividade do tratamento. | - Bom: ≥90,0% - Regular: 75,0 a 89,9% - Precário: <75,0% |
| Proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. | Número de casos novos de hanseníase com o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico residentes em determinado local e detectados no ano da avaliação dividido pelo número de casos novos de hanseníase residentes no mesmo local e diagnosticados no ano de avaliação. | X 100 | Medir a qualidade do atendimento nos serviços de saúde. | - Bom: ≥90,0% - Regular: 75,0 a 89,9% - Precário: <75,0% |
| Proporção de casos de hanseníase em abandono de tratamento entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes. | Casos novos de hanseníase diagnosticados nos anos das coortes que abandonaram tratamento até 31/12 do ano de avaliação divididos pelo total de casos novos diagnosticados nos anos das coortes. | X 100 | Avaliar a qualidade da atenção e do acompanhamento dos casos novos diagnosticados até a completude do tratamento. | - Bom: <10% - Regular: 10 a 24,9% - Precário: ≥25% |
| Proporção de casos de recidiva entre os casos notificados no ano. | Número de casos de recidiva de hanseníase notificados dividido pelo total de casos notificados no ano. | X 100 | Identificar municípios notificantes de casos de recidiva para monitoramento de falência terapêutica. | Não definido. |

Fonte: Manual para tabulação dos indicadores da hanseníase, 2022.

Resultados



Hanseníase no Brasil

Durante o período de 2013 a 2022 foram notificados 316.182 casos de hanseníase no País. De 2013 a 2022 houve uma redução de 28,9% no número de casos notificados. Nos anos pré-pandemia da covid-19 (2013 a 2019) houve uma redução de 0,8%. No período de 2019 a 2022, a redução foi de 28,4% (Figura 1 e Tabela 1 – Anexo).

Quanto ao modo de entrada, 80,6% (n=254.918) são "casos novos"; 7,4% (n=23.432), "transferências"; 7,0%

(n=22.177), "outros reingressos"; e 4,7% (n=14.926), "recidivas". Observou-se uma diminuição de 9,5% na proporção de "casos novos", saindo de 85,7% em 2013 para 77,6% em 2022. Por sua vez, houve um aumento de 75,0% na proporção de casos por "outros reingressos" (saindo de 5,2% em 2013 para 9,1% em 2022), 58,0% em "transferências" (saindo de 5,0% em 2013 para 7,9% em 2022) e 28,2% em "recidivas" (saindo de 3,9% em 2013 para 5,0% em 2022) (Figura 1 e Tabela 1 – Anexo).

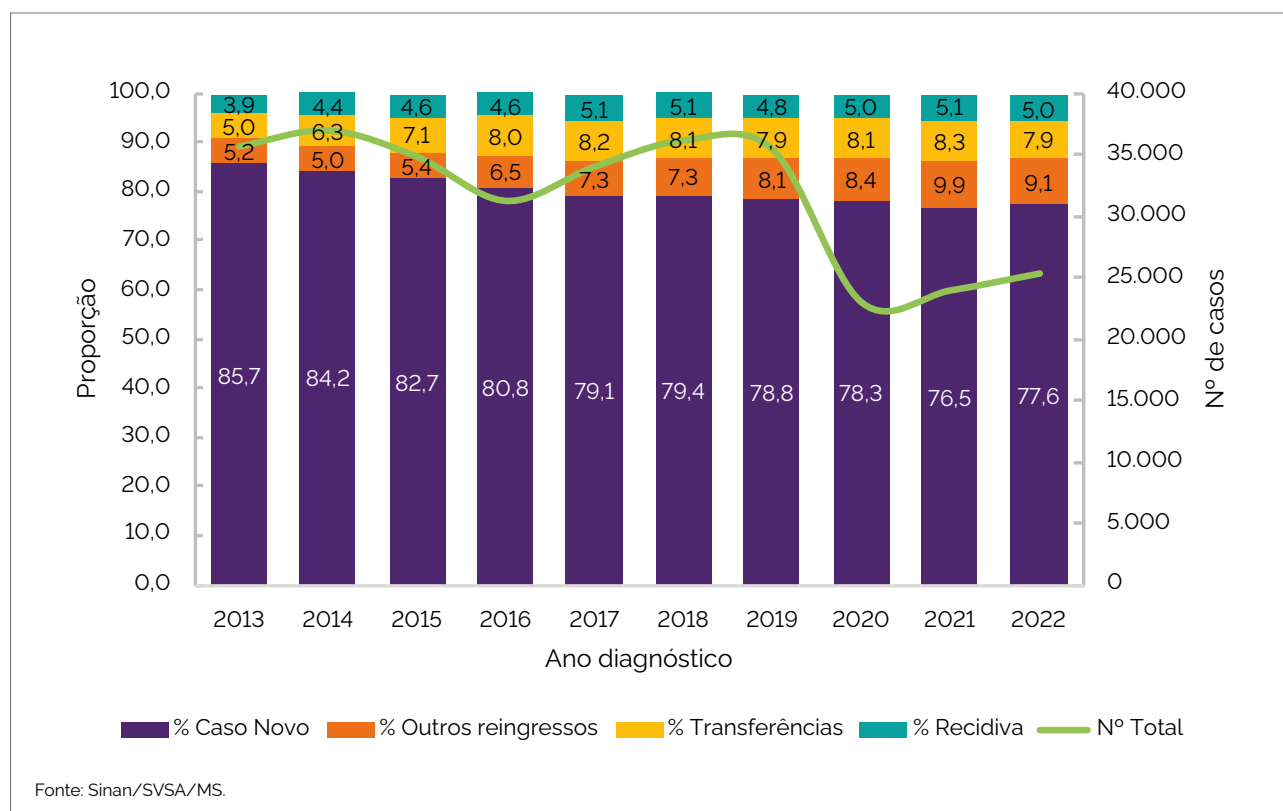


FIGURA 1 Proporção de casos de hanseníase segundo o modo de entrada – Brasil, 2013 a 2022

Hanseníase na população em geral

Dos 254.918 casos novos de hanseníase, 55,6% (n=141.671) ocorreram em homens. A razão de sexo (M:F) era de 1,2 (12 homens para cada dez mulheres) em 2013, aumentando para 1,3 (13 homens para cada dez mulheres) em 2022 (Figura 2 e Tabela 2 – Anexo).

Em relação à idade, 53,9% (n=137.379) tinham entre 30 e 59 anos, 24,6% (n=62.693), 60 anos ou mais,

15,3% (n=38.899), 15 a 29 anos, e 6,3% (n=15.947) eram menores de 15 anos. A maior redução na proporção de casos novos de hanseníase foi observada na faixa etária "menor de 15 anos", que passou de 7,7% em 2013 para 4,3% em 2022, o que representa uma redução de 44,2%. Por sua vez, na faixa etária "60 anos ou mais" houve um aumento de 30,1%, saindo de 22,6% em 2013 para 29,4% em 2022 (Figura 3 e Tabela 3 – Anexo).

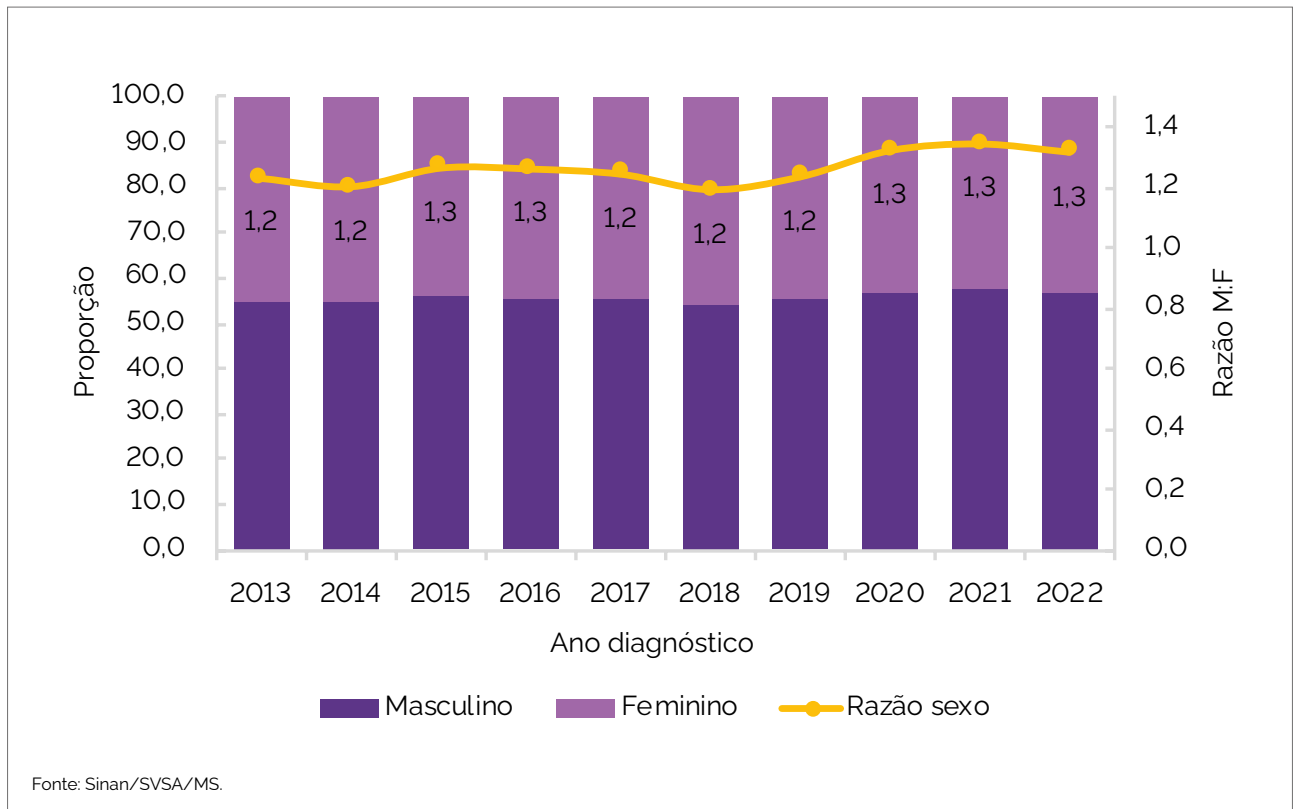


FIGURA 2 Proporção de casos novos de hanseníase por sexo, razão de sexos e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

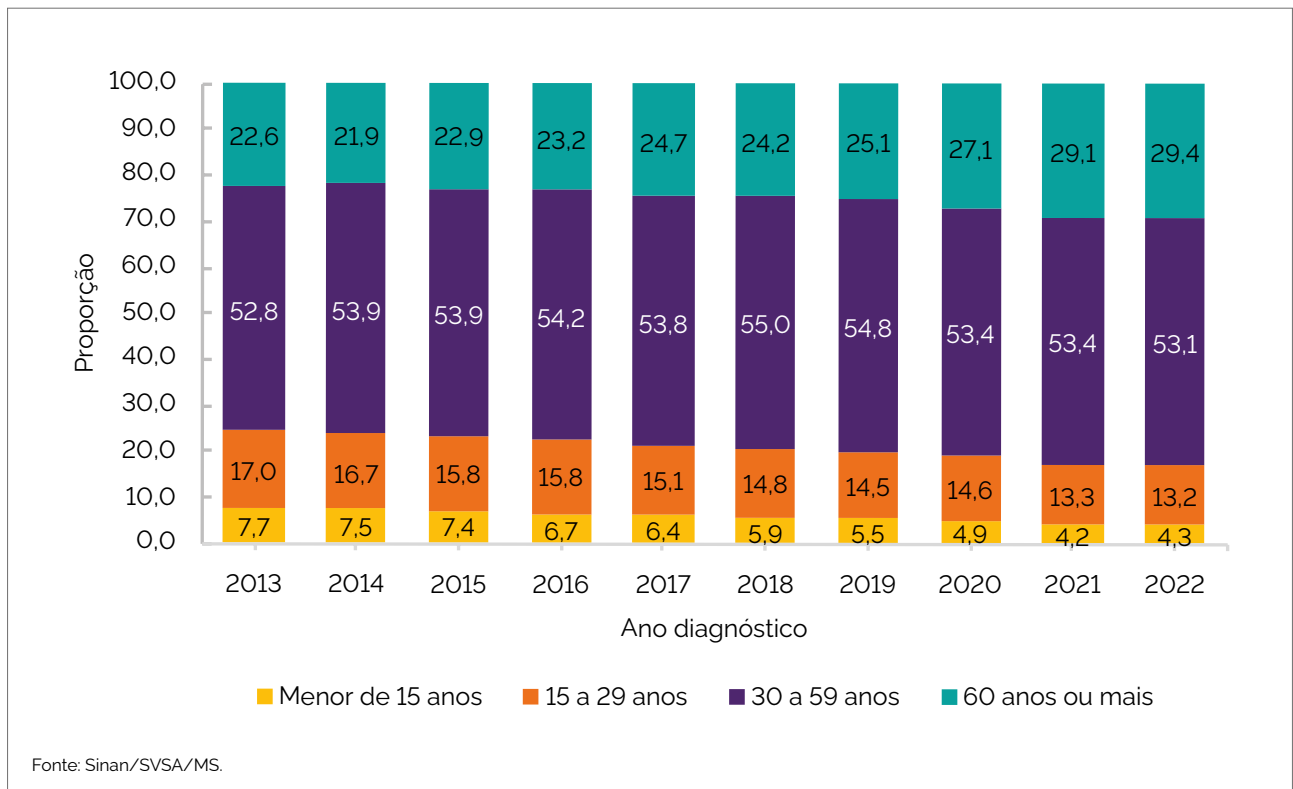


FIGURA 3 Proporção de casos novos de hanseníase por faixa etária e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

No campo raça/cor da pele houve uma melhora no preenchimento dessa variável, com redução de 13,3% na proporção de "ignorado/em branco". A maioria dos casos novos ocorreu em pessoas pardas (n=148.552; 58,3%), seguida das brancas (n=623.387; 24,5%) e pretas (n=30.912; 12,1%). A maior redução na proporção ocorreu entre pessoas de raça/cor branca, diminuindo de 26,0% em 2013 para 22,3% em 2022, o que representa uma redução de 14,2% (Figura 4 e Tabela 4 – Anexo).

No que diz respeito à escolaridade dos casos novos, 18,7% (n=47.660) das informações não foram preenchidas. Do total de casos novos, 47,6% tinham o ensino fundamental incompleto ou completo, 19,3%, o ensino médio incompleto e completo, 8,7% eram analfabetos e 5,0% tinham ensino superior incompleto ou completo. A maior redução da proporção de casos novos ocorreu naqueles

sem escolaridade, diminuindo de 9,5% em 2013 para 7,0% em 2022. O maior aumento foi observado naqueles com ensino superior incompleto e completo, aumentando de 3,7% em 2013 para 6,1% em 2022, o que representa um aumento de 64,9% (Figura 5 e Tabela 5 – Anexo).

A taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase mede a força de morbidade, magnitude e tendência da endemia. De 2013 a 2019 houve uma redução na taxa de detecção de 14,3%, diminuindo de 15,44 casos novos por 100 mil habitantes em 2013 para 13,23 casos novos por 100 mil habitantes em 2019. Essa redução foi ainda mais acentuada durante o período de 2019 a 2022, com uma diminuição de 26,9% da taxa de detecção devido ao impacto significativo da pandemia da covid-19 nos serviços de saúde, que consequentemente refletiu na notificação de novos casos de hanseníase.

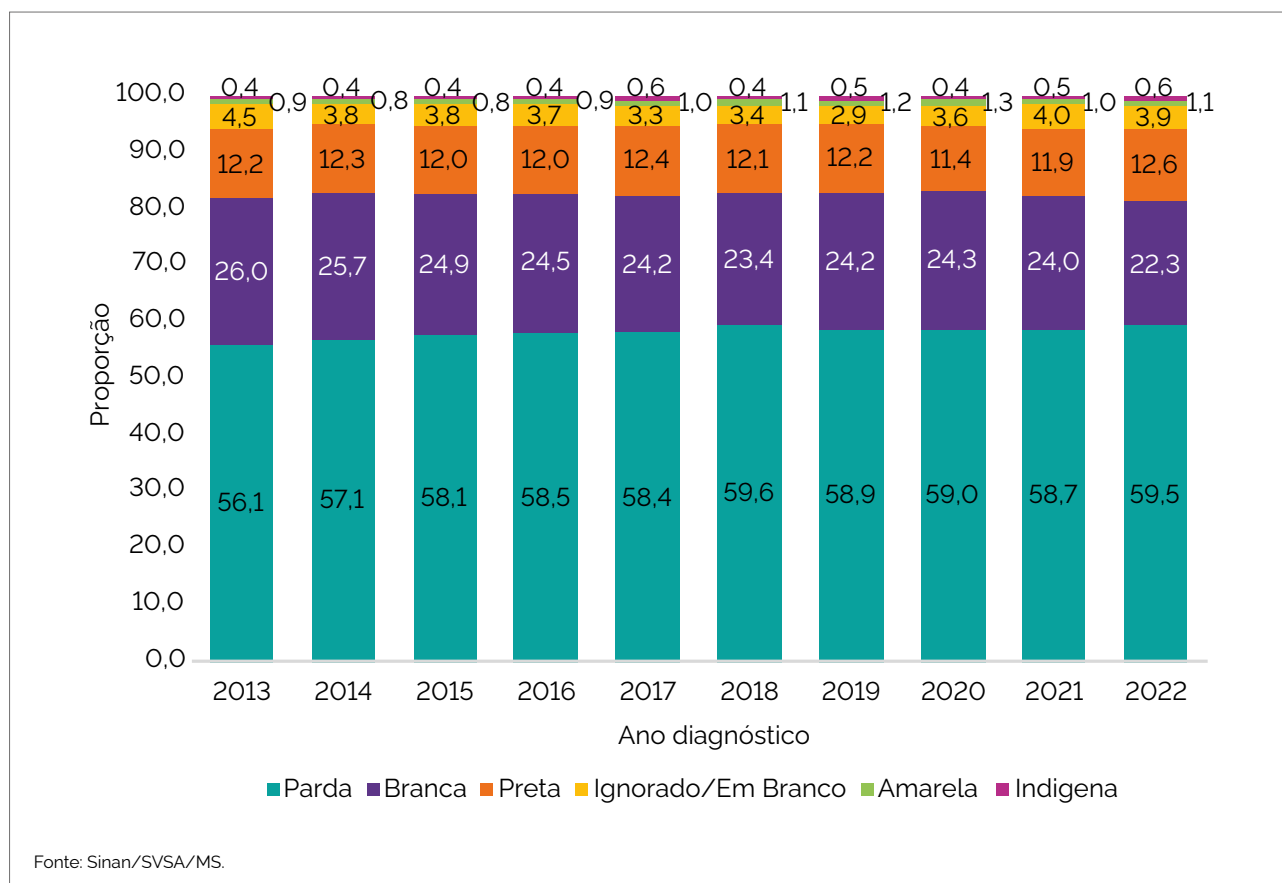


FIGURA 4 Proporção de casos novos de hanseníase por raça/cor e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

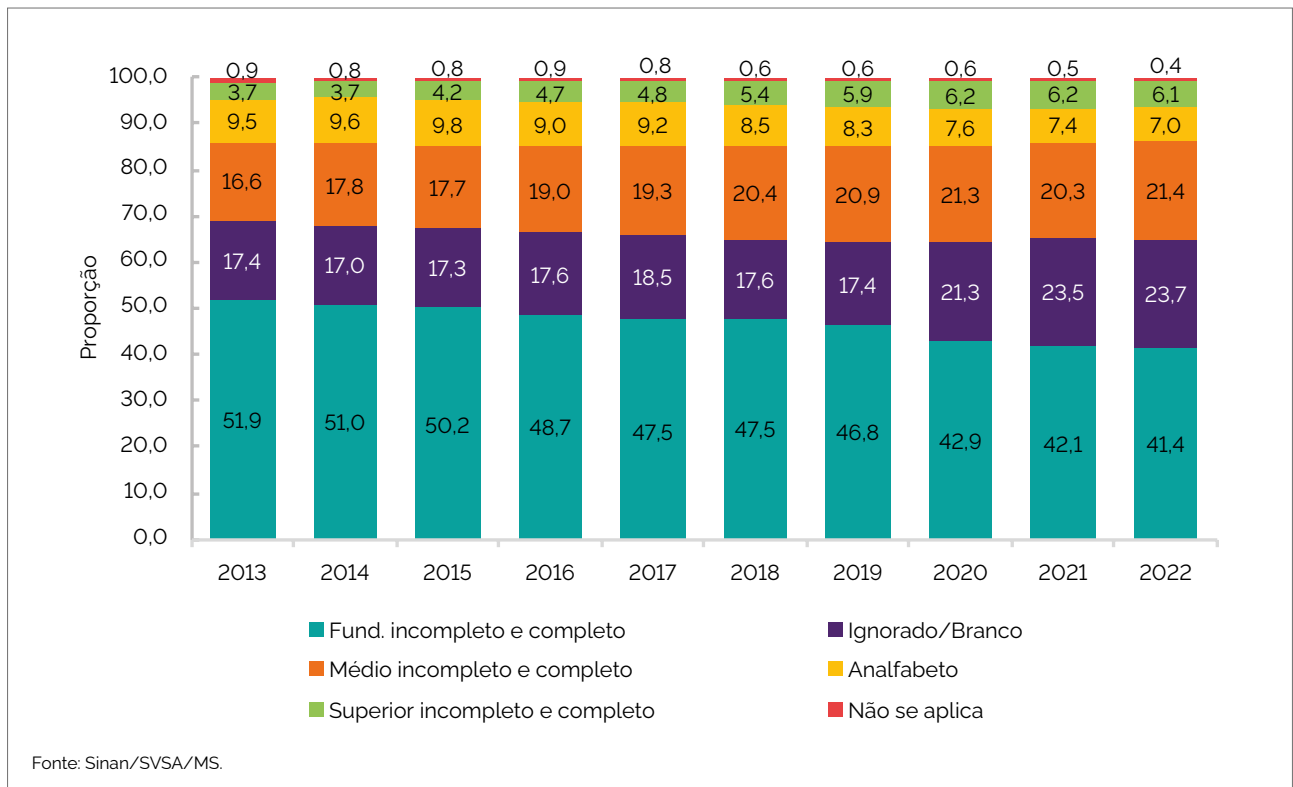


FIGURA 5 Proporção de casos novos de hanseníase por escolaridade e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

A Região Centro-Oeste apresentou taxa de detecção variando de “muito alto” a “hiperendêmico” no período de 2013 a 2022. A maior redução ocorreu na Região Norte, caindo de 35,89 casos novos por 100 mil

habitantes em 2013 para 18,53 casos novos por 100 mil habitantes em 2022, o que representa uma redução de 48,4% (Figura 6 e Tabela 6 – Anexo).

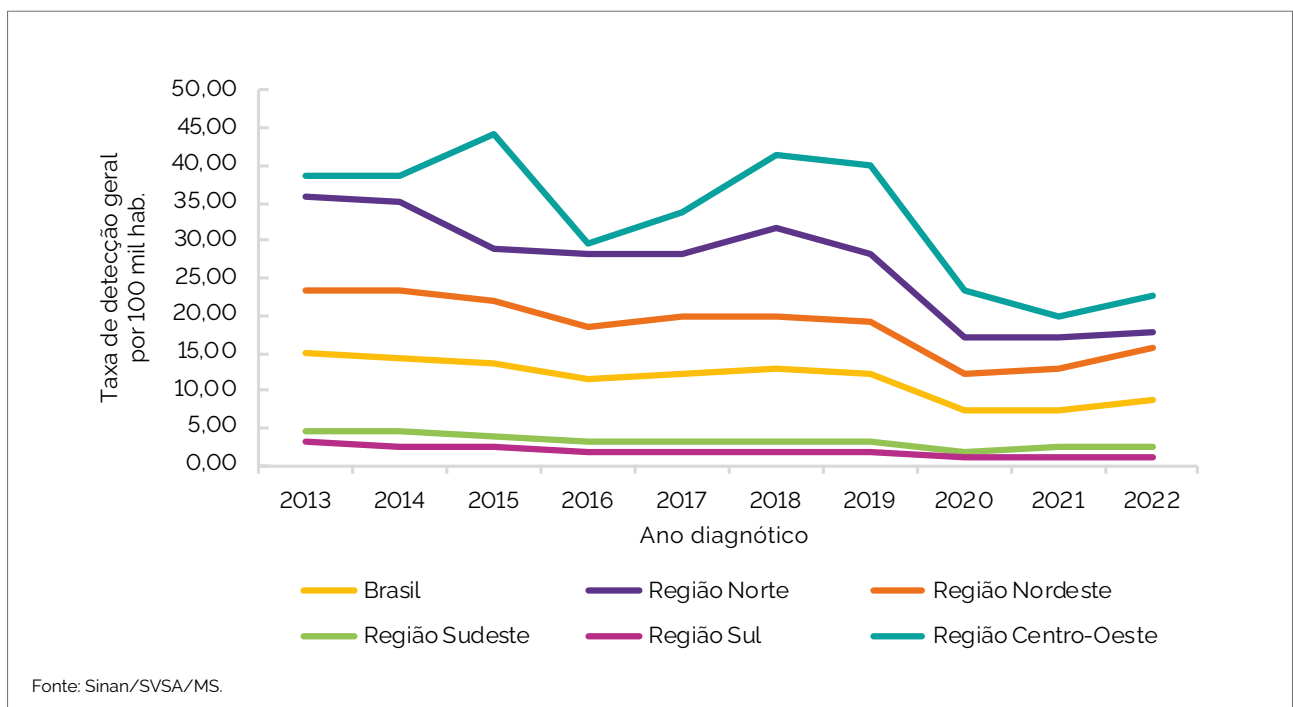


FIGURA 6 Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100.000 habitantes) por região de residência e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

Em 2022, a taxa de detecção do Brasil foi de 9,67 casos novos por 100 mil habitantes. Mato Grosso e Tocantins apresentaram as maiores taxas de detecção: 66,20 casos novos por 100 mil habitantes e 50,88 casos novos por 100 mil habitantes, respectivamente, configurando parâmetros hiperendêmicos. O Rio Grande do Sul apresentou baixa endemicidade, com taxa de 0,81 casos novos por 100 mil habitantes (Figura 7 e Tabela 6 – Anexo).

Em 2013, um total de 3.115 (55,9%) municípios detectaram casos novos de hanseníase. A taxa de detecção variou de 0 a 793,38 por 100 mil habitantes, com 703 municípios apresentando padrão de hiperendemicidade. Os Estados de Mato Grosso (n=107), Goiás (n=87), Tocantins (n=84) e

Maranhão (n=82) foram responsáveis por mais da metade (51,2%) dos municípios hiperendêmicos em 2013.

Em 2022 houve uma redução de 30,8% (n=2.156; 38,7%) no número de municípios que detectaram casos novos de hanseníase. A taxa de detecção nos municípios oscilou de 0 a 754,38 por 100 mil habitantes, com 359 municípios considerados hiperendêmicos, uma redução de mais de 48,0% no número de municípios hiperendêmicos em comparação a 2013. As Regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte concentraram os municípios com parâmetros hiperendêmicos. Mato Grosso (n=81), Maranhão (n=55), Tocantins (n=43), Goiás (n=38) e Piauí (n=36) apresentaram o maior número de municípios hiperendêmicos (Figura 8).

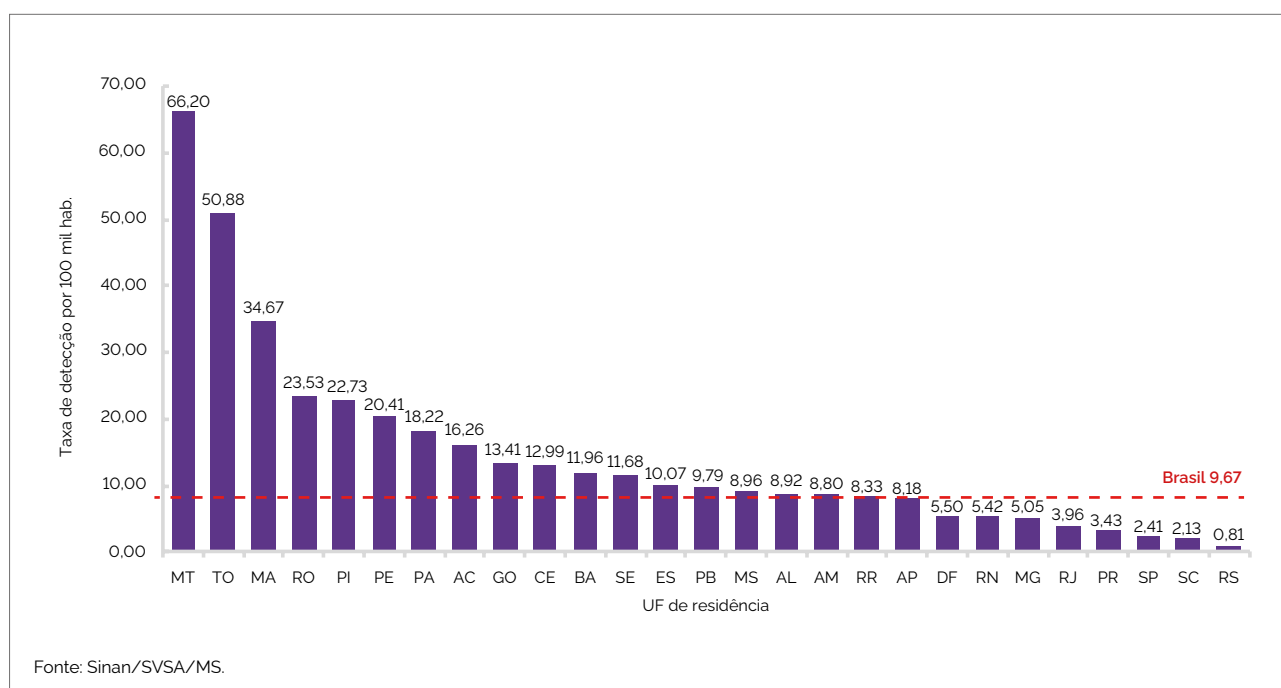


FIGURA 7 Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil habitantes) por unidade da Federação de residência – Brasil, 2022

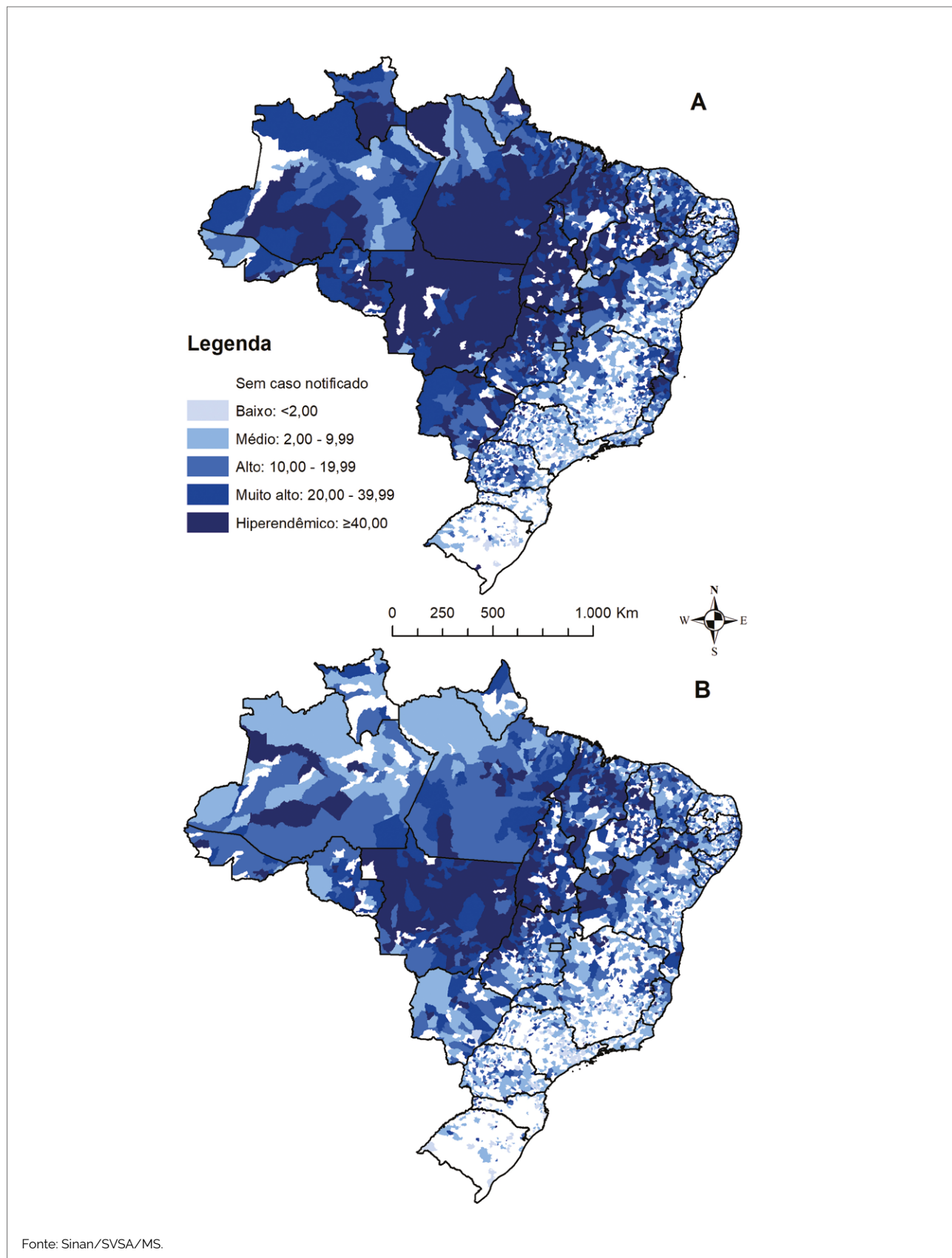


FIGURA 8 Distribuição da taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

Incapacidades físicas pela hanseníase

A proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliados no momento do diagnóstico mensura a efetividade das atividades de detecção precoce dos casos. De 2013 a 2022, a proporção de avaliados manteve-se em parâmetro "regular", apesar da redução de 3,4%. Dos avaliados, 19.218 casos novos foram diagnosticados com GIF 2. A proporção de casos novos de hanseníase com GIF 2 no momento do diagnóstico aumentou de 7,3%, considerado um parâmetro "médio" em 2013, para 11,5% em 2022, um parâmetro "alto" (Figura 9 e Tabelas 7 e 8 – Anexo).

Em 2013, 2.966 municípios avaliaram casos novos de hanseníase no momento do diagnóstico. Destes, 214 (7,2%) apresentaram parâmetro "precário". Dos municípios com classificação "precária" nesse indicador, a metade (n=107; 50,0%) encontrava-se na Região Nordeste, com destaque para os localizados no Maranhão (n=25; 23,4%), na Bahia (n=25; 23,4%) e no Ceará (n=20; 18,7%). No mesmo período, houve 2.558 (45,9%) municípios com parâmetro "bom", e destes, 876 (34,2%) estavam na Região Nordeste e 700 (27,4%) na Região Sudeste, destacando-se os localizados nos Estados de São Paulo (n=295), Minas Gerais (n=284), Paraná (n= 216), Bahia (n=190), Goiás (n=166) e Maranhão (n=137).

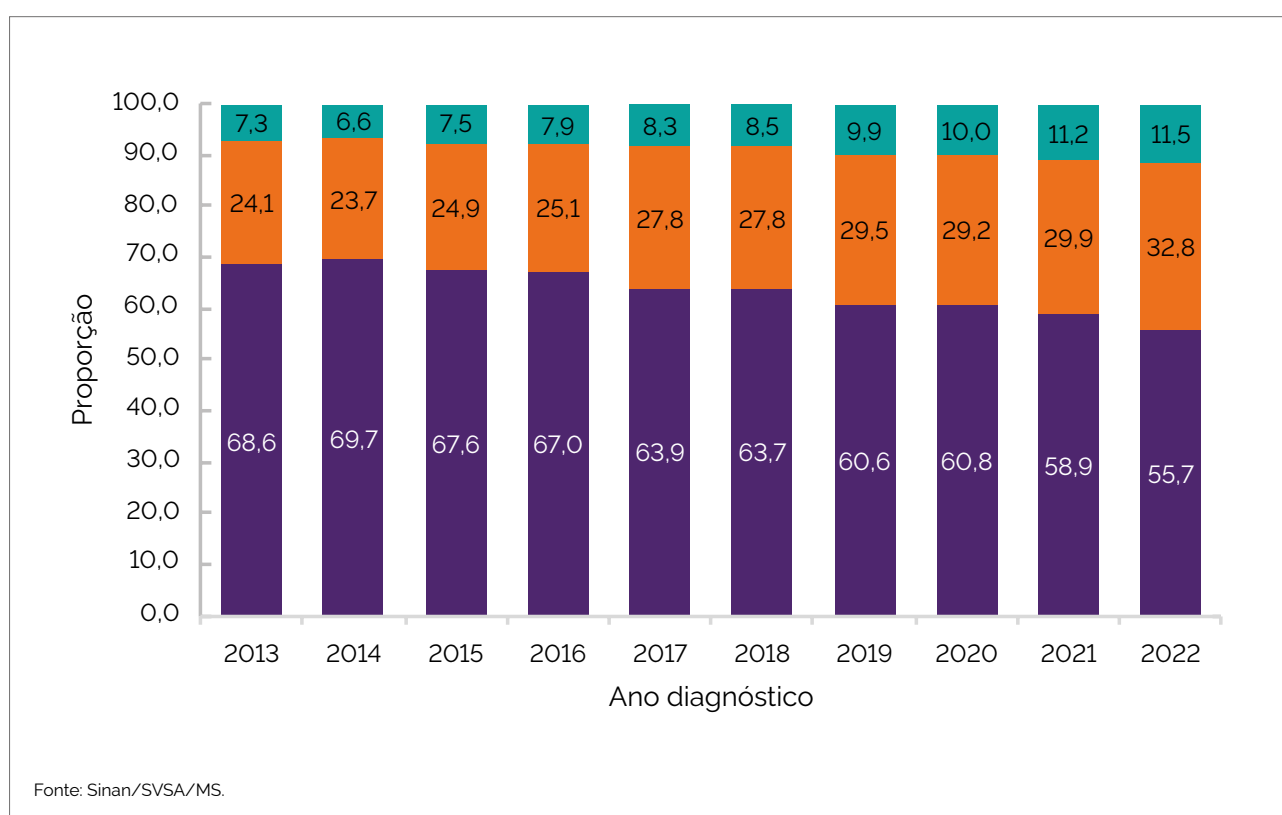


FIGURA 9 Proporção de casos novos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física no momento do diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

Em 2022 houve um aumento de cerca de 8,0% na quantidade de municípios com parâmetro "precário" em comparação a 2013. No mesmo período, 2.023 municípios apresentaram parâmetro "bom", com destaque para os localizados em Minas Gerais (n=215), São Paulo (n=169), Bahia (n=160) e Maranhão (n=156) (Figura 10).

Em 2013, 849 municípios notificaram casos com GIF 2 no País. Destes, 612 (72,0%) apresentaram parâmetro "alto" na proporção de GIF 2 no momento do diagnóstico. Em sua maioria estão concentrados nas Regiões Nordeste (n=211) e Sudeste (n=165) e nos Estados de Minas Gerais (n=76), São Paulo (n=62), Bahia (n=49), Maranhão (n=42), Paraná (n=42) e Ceará (n=41).

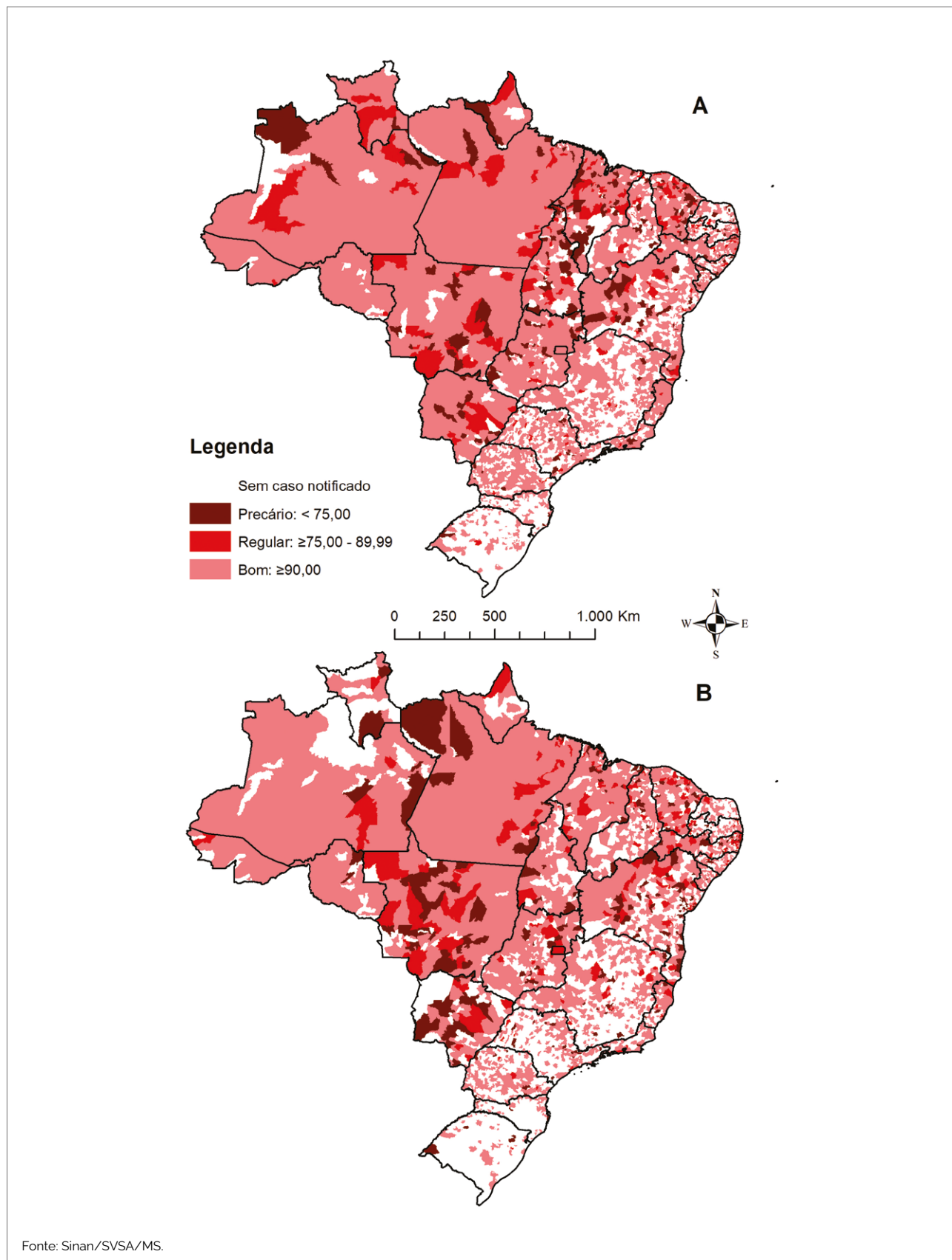


FIGURA 10 Distribuição da proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado no momento do diagnóstico por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

Em 2022, 743 municípios notificaram casos novos com GIF 2, uma redução de 12,5% em comparação a 2013. Destes, 458 (61,6%) apresentaram parâmetro "alto" na proporção de GIF 2 no momento do diagnóstico. Em sua

maioria estão concentrados nas Regiões Sudeste (n=160) e Norte (n=109) e nos Estados de Minas Gerais (n=68), São Paulo (n=62) e Pará (n=47) (Figura 11).

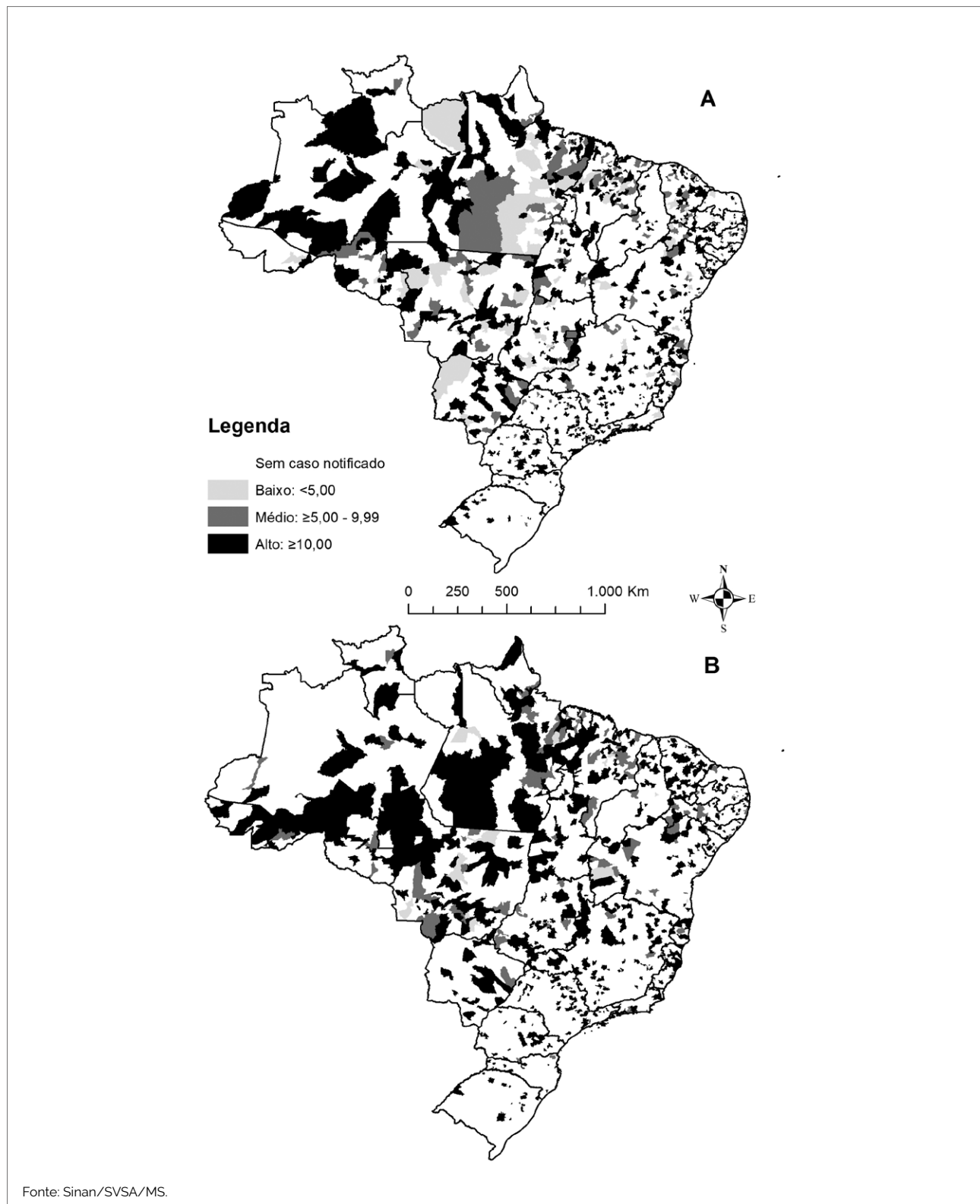


FIGURA 11 Distribuição da proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física avaliado no momento do diagnóstico por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

Perfil clínico

A proporção de casos novos multibacilares apresentou um aumento de 26,1%, saindo de 64,4% em 2013 para 81,2% em 2022. Ao se analisar por região, todas demonstraram um crescimento na proporção de MB. A Região

Centro-Oeste apresentou a maior proporção de casos de MB entre as regiões no período de 2015 a 2022, e a Região Norte apresentou um aumento de 32,9% na proporção, saindo de 62,9% em 2013 para 83,6% em 2022 (Figura 12 e Tabela 9 – Anexo).

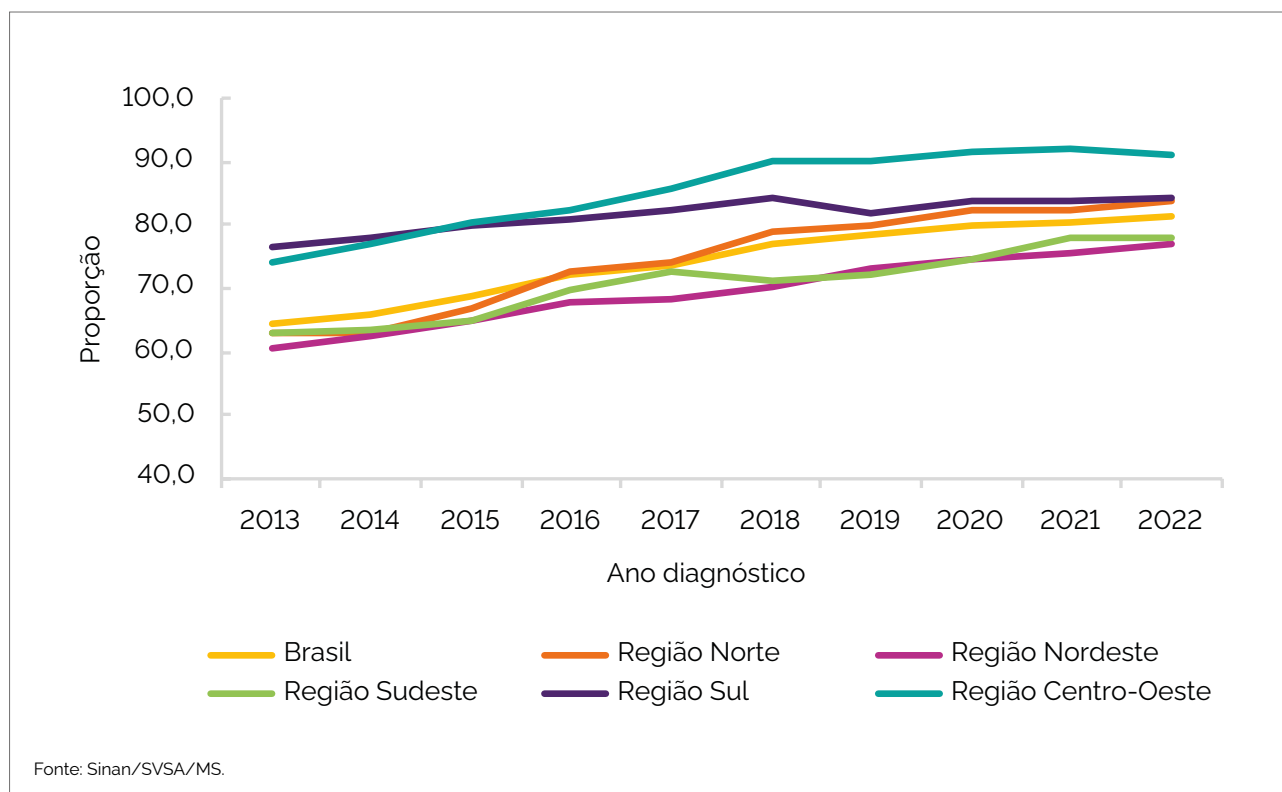


FIGURA 12 Proporção de casos novos de hanseníase multibacilares segundo o ano de diagnóstico – Brasil e regiões, 2013 a 2022

Quanto à forma clínica, 46,7% (n=118.945) dos casos novos foram classificados como "dimorfa", 16,4% (n=41.707) como "virchowiana", 14,3% (36.534) como "tuberculoide", 13,2% (n=33.644) como "indeterminada" e 5,7% (n=14.438) não foram classificados. A proporção de ignorados/em branco aumentou ao longo do período, saindo de 2,9% em 2013 para 4,2% em 2022, o que representa um aumento de 44,8%. Entre as formas clínicas houve um aumento de 22,6% em casos novos na forma dimorfa e uma redução de 40,3% e 35,4% nas formas tuberculoide e indeterminada, respectivamente (Figura 13 e Tabela 10 – Anexo).

O exame de baciloscopia consiste na pesquisa de bacilos álcool-ácido resistente (BAAR) em amostras biológicas. Na hanseníase, o exame é realizado por meio da coleta do raspado intradérmico, e a visualização microscópica de BAAR confirma o caso e classifica como multibacilar. Foi realizada baciloscopia em um total de 143.547 (56,3%) casos novos, em 35,8% não foi realizada e em 7,8% essa informação foi ignorada ou estava em branco. Das baciloscopias realizadas, 43,6% (n=62.597) apresentaram resultado positivo para BAAR. Houve um aumento de 11,2% de resultados positivos ao longo do período (Figura 14 e Tabela 11 – Anexo).

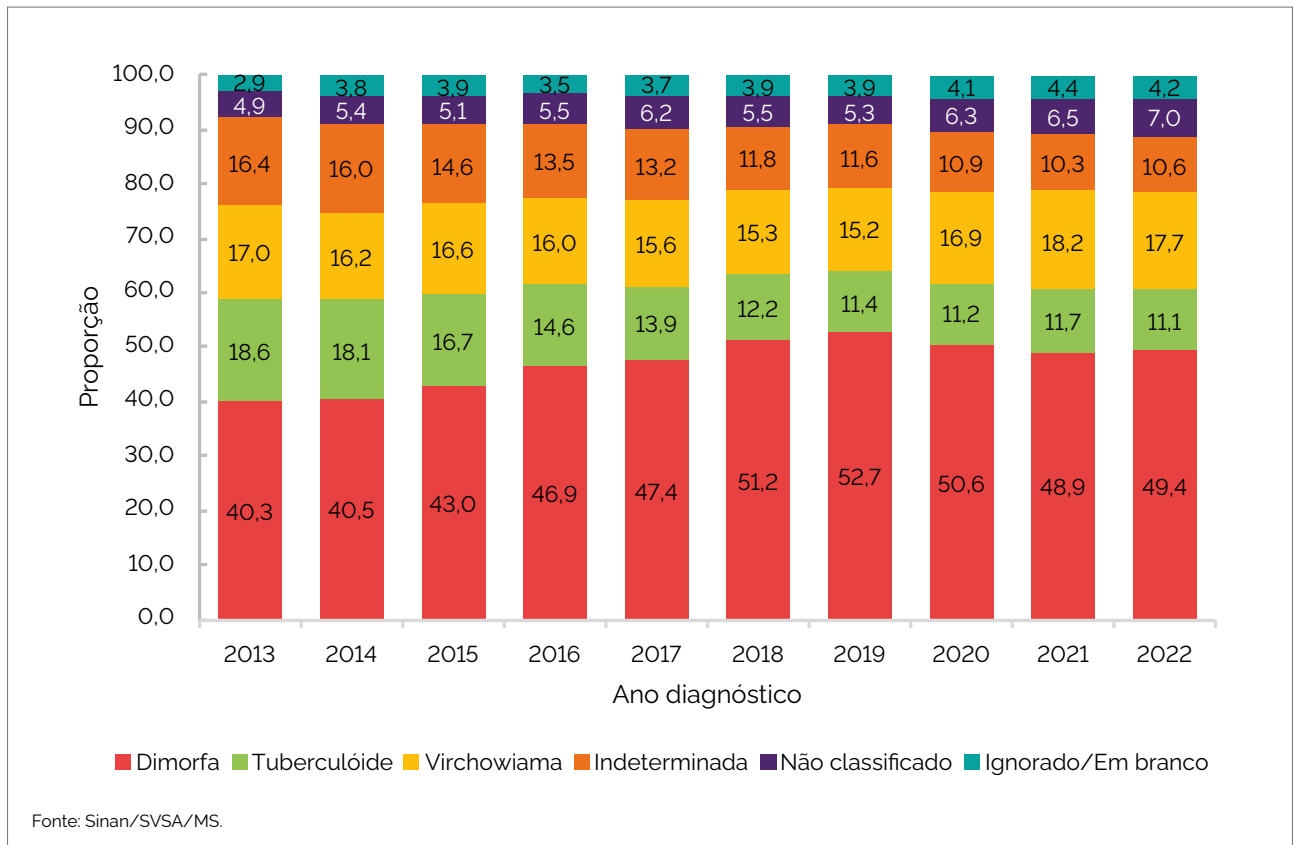


FIGURA 13 Proporção de casos novos de hanseníase por forma clínica e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

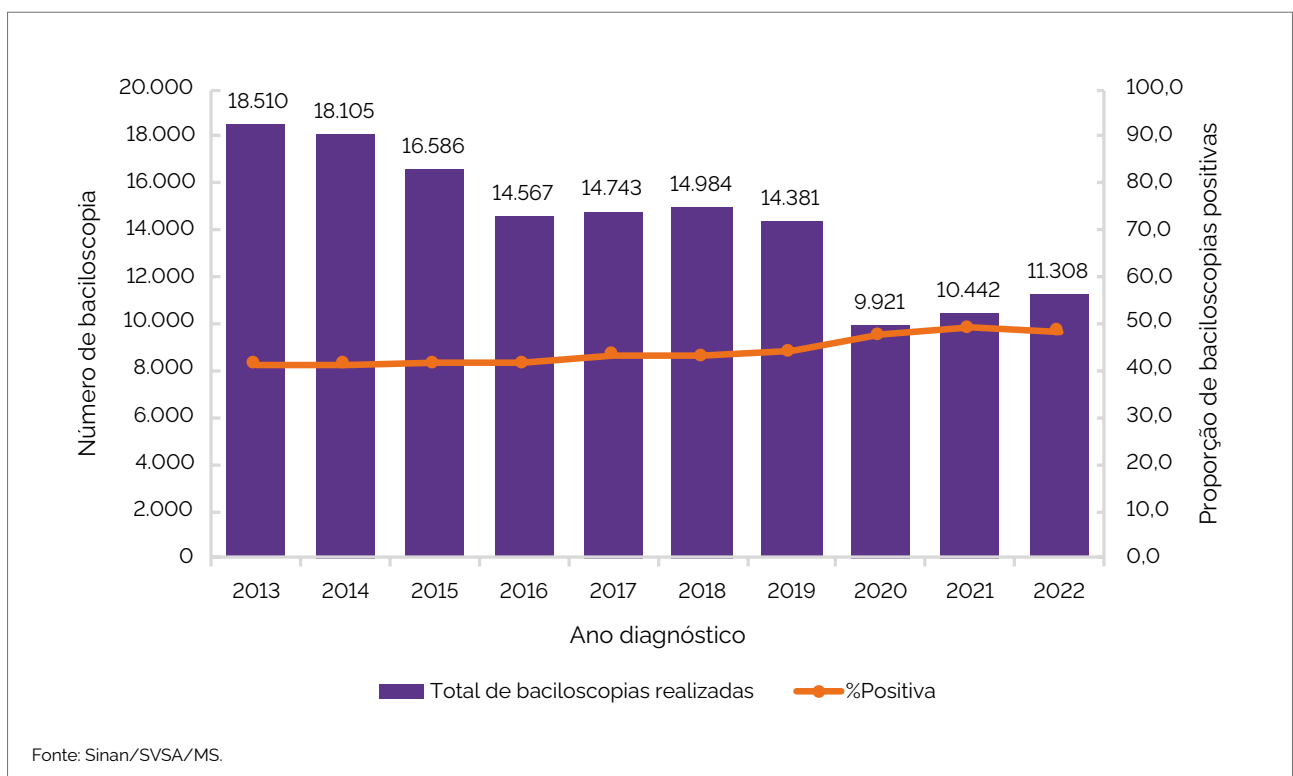


FIGURA 14 Número de baciloscopias realizadas e proporção de positividade por ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

Tratamento farmacológico na hanseníase

Alinhado ao resultado da classificação operacional, em que a maioria dos casos novos foi MB, observa-se que prevaleceu o tratamento poliquimioterápico (PQT) específico para os casos MB. Destaca-se que 0,9% dos casos novos de hanseníase iniciaram tratamento com esquemas de segunda linha (ESL) (Figura 15 e Tabela 12 – Anexo). Vale salientar que a partir de 1º de julho de 2021 a associação

dos fármacos rifampicina + dapsona + clofazimina para tratamento da hanseníase passou a ser denominada Poliquimioterapia Única (PQT-U). Desde então, todos os pacientes diagnosticados com hanseníase PB que iniciaram tratamento farmacológico a partir dessa data passaram a ser tratados com PQT-U com a manutenção do período por seis meses.¹²

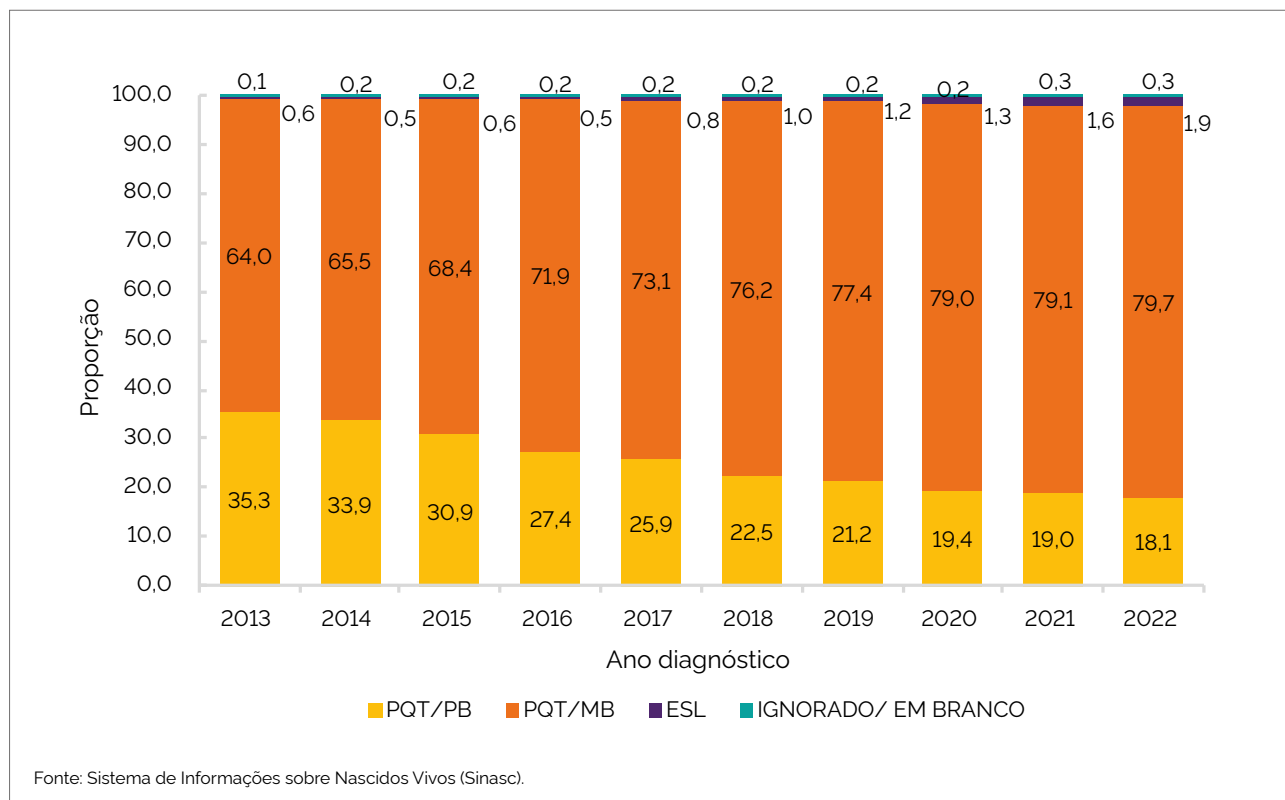


FIGURA 15 Proporção de casos novos de hanseníase por esquema de tratamento e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022






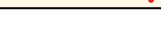
Coortes na hanseníase

Cura

A proporção de cura de hanseníase entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes é um indicador que avalia a qualidade da atenção, do acompanhamento dos casos novos diagnosticados e a efetividade do tratamento.¹¹ Durante o período

analisado, observou-se uma redução de 9,3%, que foi de 84,0% em 2013 para 76,2% em 2022, mantendo-se em um parâmetro "regular". Todas as regiões do País apresentaram diminuição na proporção de cura, com maior redução na Região Centro-Oeste, que apresentou uma queda de 13,7% e a mudança de parâmetro de "regular" para "precário" (Tabela 1 e Tabela 13 – Anexo).

TABELA 1 Proporção de cura de hanseníase entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022

| País/Região | Ano | | Variação % | Tendência 2013 a 2022 |
|--------------|------|------|------------|---|
| | 2013 | 2022 | | |
| Brasil | 84,0 | 76,2 | -9,3 |  |
| Norte | 83,7 | 77,3 | -7,6 |  |
| Nordeste | 81,5 | 76,7 | -5,9 |  |
| Sudeste | 89,7 | 78,9 | -12,0 |  |
| Sul | 89,0 | 77,4 | -13,0 |  |
| Centro-Oeste | 83,8 | 72,3 | -13,7 |  |

Fonte: Sinan/SVSA/MS.

Em 2013, 3.214 (57,7%) municípios notificaram casos novos nas coortes. Destes, 1.974 (61,4%) foram classificados com parâmetro "bom", 529 (16,5%) "regular" e 711 (22,1%) "precário". As UFs que apresentaram o maior número de municípios com parâmetro "precário" foram Bahia, com 110 (15,5%), seguida de Goiás, com 56 (7,9%), e Piauí, com 54 (7,6%).

Em 2022, 2.523 (45,3%) municípios notificaram casos novos nas coortes, o que representa uma redução de 21,5% em relação a 2013. Destes, 1.317 (52,2%) foram

classificados com parâmetro "bom", 324 (12,8%) "regular" e 882 (35,0%) "precário". Entre as UFs, Bahia manteve-se com o maior número de municípios com parâmetro "precário", com 118 (13,5%), seguida de Minas Gerais, com 82 (9,3%), e Mato Grosso, com 62 (7,7%).

Assim, observou-se que em 2022 a proporção de municípios classificados com parâmetros "bom" e "regular" reduziu-se 15,0% e 22,4%, respectivamente, em relação a 2013. Em contrapartida, houve um aumento de 58,4% nos municípios com parâmetro "precário" (Figura 16).

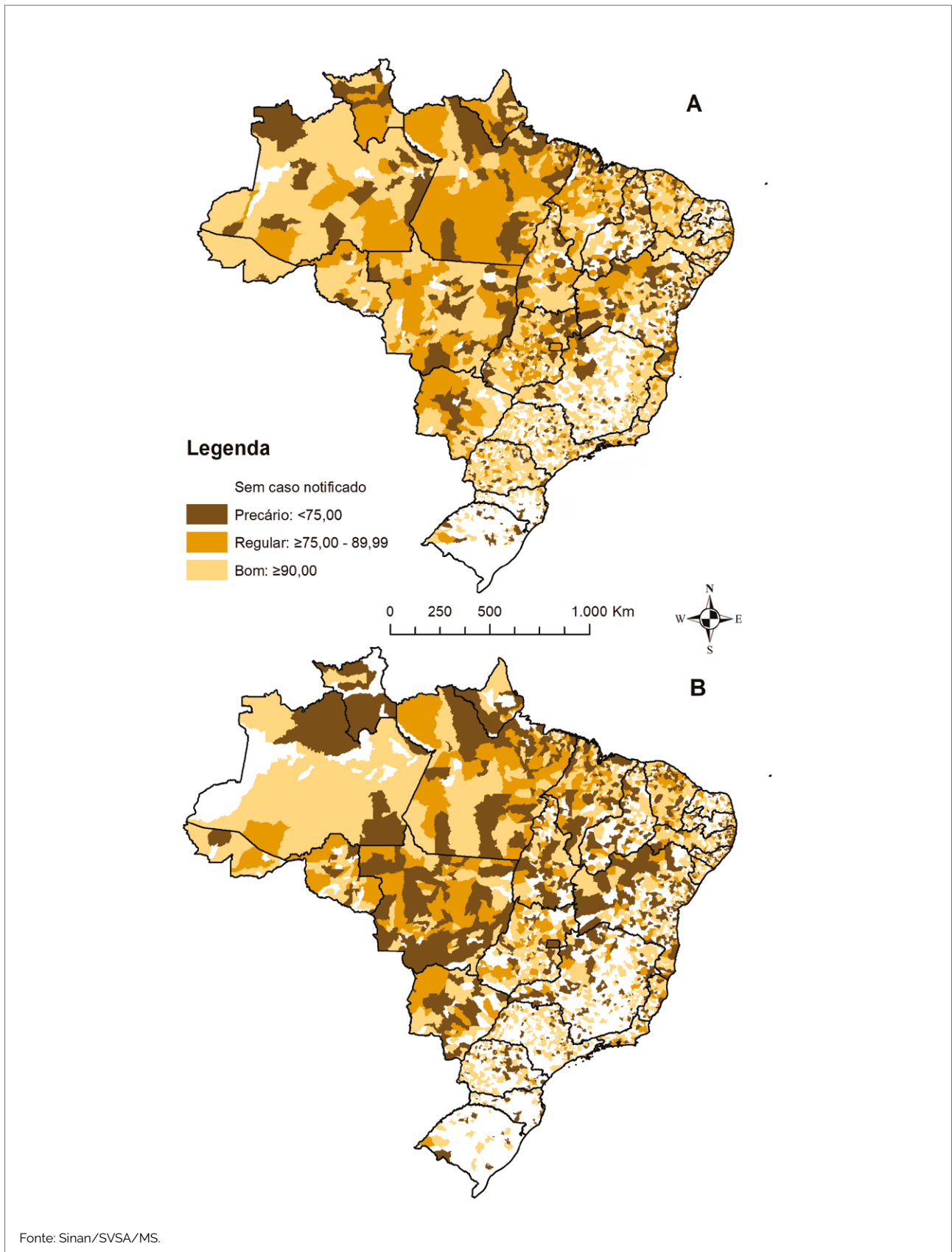


FIGURA 16 Distribuição da proporção de cura de hanseníase entre os casos novos diagnosticados nos anos das cortes – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

Abandono de tratamento

O indicador da proporção de casos de hanseníase em abandono de tratamento entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes avalia a qualidade da atenção e do acompanhamento dos casos novos diagnosticados.¹³

Houve um incremento de 97,8% na proporção de casos com tipo de saída abandono para o país, sendo de 4,5% em 2013 para 8,9% em 2022. As regiões com maior incremento foram Centro-Oeste, com 155,8%, seguida da Sudeste, com 145,9% (Tabela 2).

TABELA 2 Proporção de casos de hanseníase em abandono de tratamento entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022

| País/Região | Ano | | Variação % | Tendência 2013 a 2022 |
|--------------|------|------|------------|-----------------------|
| | 2013 | 2022 | | |
| Brasil | 4,5 | 8,9 | 97,8 | |
| Norte | 5,2 | 9,1 | 75,0 | |
| Nordeste | 4,9 | 8,1 | 65,3 | |
| Sudeste | 3,7 | 9,1 | 145,9 | |
| Sul | 1,8 | 4,3 | 138,9 | |
| Centro-Oeste | 4,3 | 11,0 | 155,8 | |

Fonte: Sinan/SVSA/MS.

Em 2013, 3.214 municípios apresentaram casos novos nos anos das coortes. Destes, 2.895 (90,1%) foram classificados com parâmetro "bom", 188 (5,8%) com parâmetro "regular" e 131 (4,1%) com parâmetro "precário". As UFs com maior número de municípios com critério "precário" foram Maranhão, com 18 (13,7%), São Paulo, com 17 (13,0%), e Bahia, com 15 (11,5%).

Em 2022, 2.523 municípios notificaram casos novos nos anos das coortes. Destes, 2.098 (83,2%) apresentaram parâmetro "bom", 205 (8,1%) parâmetro "regular" e 220

(8,7%) parâmetro "precário". Maranhão, com 24 (10,9%), e São Paulo, com 20 (9,1%), mantiveram-se com o maior número de municípios com o parâmetro "precário".

Portanto, ao se comparar o ano de 2022 com 2013, observa-se uma redução de 7,7% na proporção de municípios com critério "bom". Houve um incremento de 39,6% e de 112,1% para os municípios classificados com os critérios "regular" e "precário", respectivamente (Figura 17).

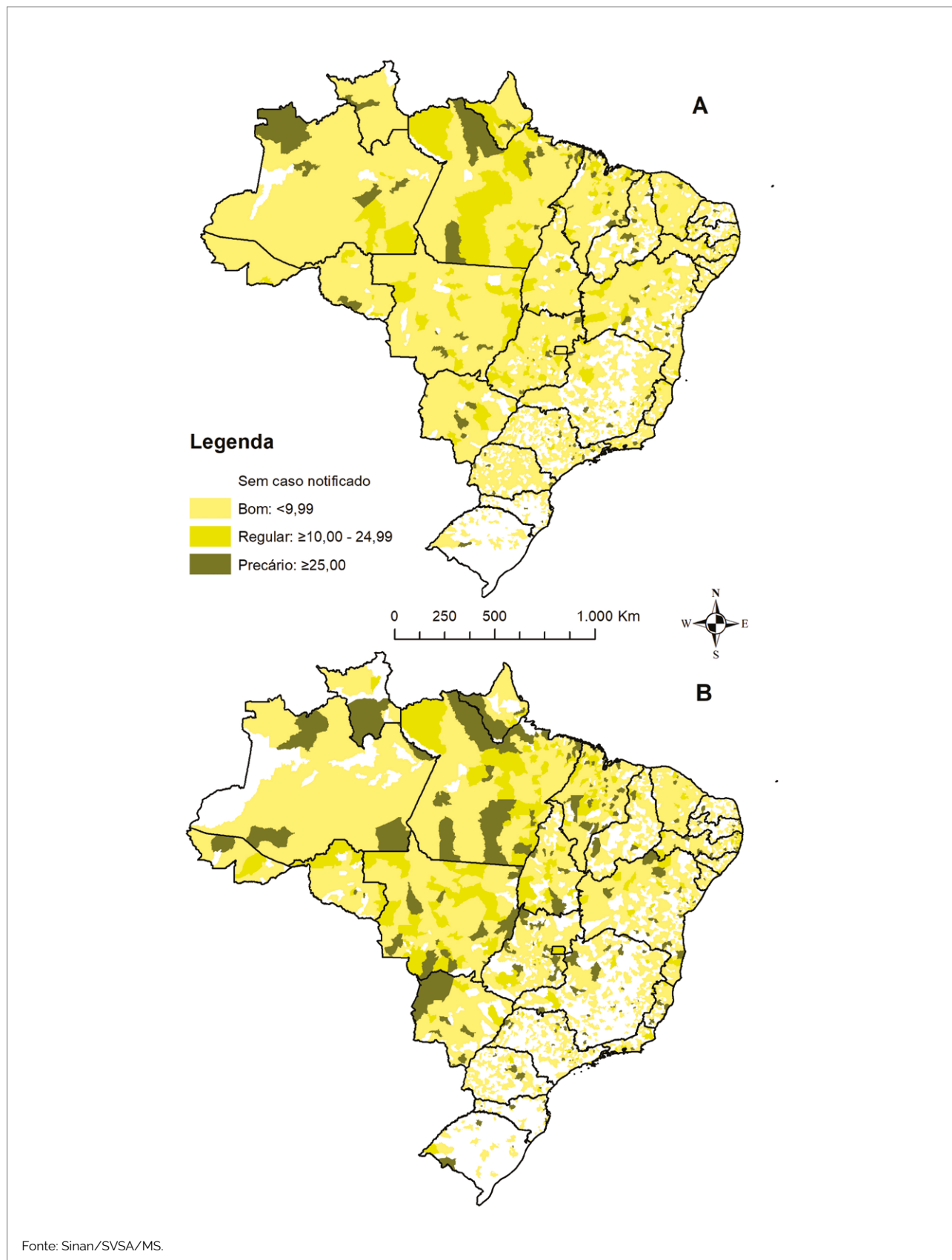








FIGURA 17 Distribuição da proporção de casos de hanseníase em abandono de tratamento entre os casos novos diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

GIF avaliados na cura

O indicador da proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliados na cura nos anos das coortes mede a qualidade do atendimento dos serviços de saúde. Durante o período analisado, observou-se uma redução de 5,3% no resultado desse indicador. Em 2013, a proporção de avaliados na cura foi

de 72,4%, enquanto em 2022 foi de 68,6%, classificado como um parâmetro "precário". Todas as regiões do País apresentaram diminuição na proporção de avaliados quanto ao GIF na cura, com a maior redução na Região Sudeste, que apresentou uma queda de 11,0%, classificando-se em parâmetro "regular" (Tabela 3).

TABELA 3 Proporção de GIF avaliados na cura nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022

| País/Região | Ano | | Variação % | Tendência 2013 a 2022 |
|--------------|------|------|------------|---|
| | 2013 | 2022 | | |
| Brasil | 72,4 | 68,6 | -5,3 |  |
| Norte | 75,2 | 73,2 | -2,7 |  |
| Nordeste | 65,4 | 65,2 | -0,3 |  |
| Sudeste | 87,1 | 77,5 | -11,0 |  |
| Sul | 79,7 | 77,7 | -2,5 |  |
| Centro-Oeste | 69,9 | 64,3 | -7,9 |  |

Fonte: Sinan/SVSA/MS.

Em 2013, 2.988 (53,6%) municípios notificaram casos novos nas coortes para esse indicador. Destes, 1.563 (52,3%) foram classificados com parâmetro "bom", 277 (9,3%) com parâmetro "regular" e 1.148 (38,4%) com parâmetro "precário". Entre as Ufs, as que apresentaram o maior número de municípios com parâmetro "precário" foram Bahia, com 140 (12,2%), seguida do Maranhão, com 119 (2,1%), e Minas Gerais, com 88 (7,7%).

Em 2022, 2.152 (38,6%) municípios notificaram casos novos nas coortes, representando uma redução de

28,0% em relação a 2013. Desse total de municípios, 1.080 (50,2%) foram classificados com parâmetro "bom", 162 (7,6%) "regular" e 909 (42,2%) "precário". A Bahia manteve-se com o maior número de municípios com parâmetro "precário", com 93 (10,2%), seguida de Minas Gerais, com 79 (8,7%), e Mato Grosso, com 75 (8,3%).

Assim, observou-se que em 2022 a proporção de municípios classificados com parâmetros "bom" e "regular" reduziu-se 4,0% e 18,3%, respectivamente, em relação a 2013 (Figura 18).

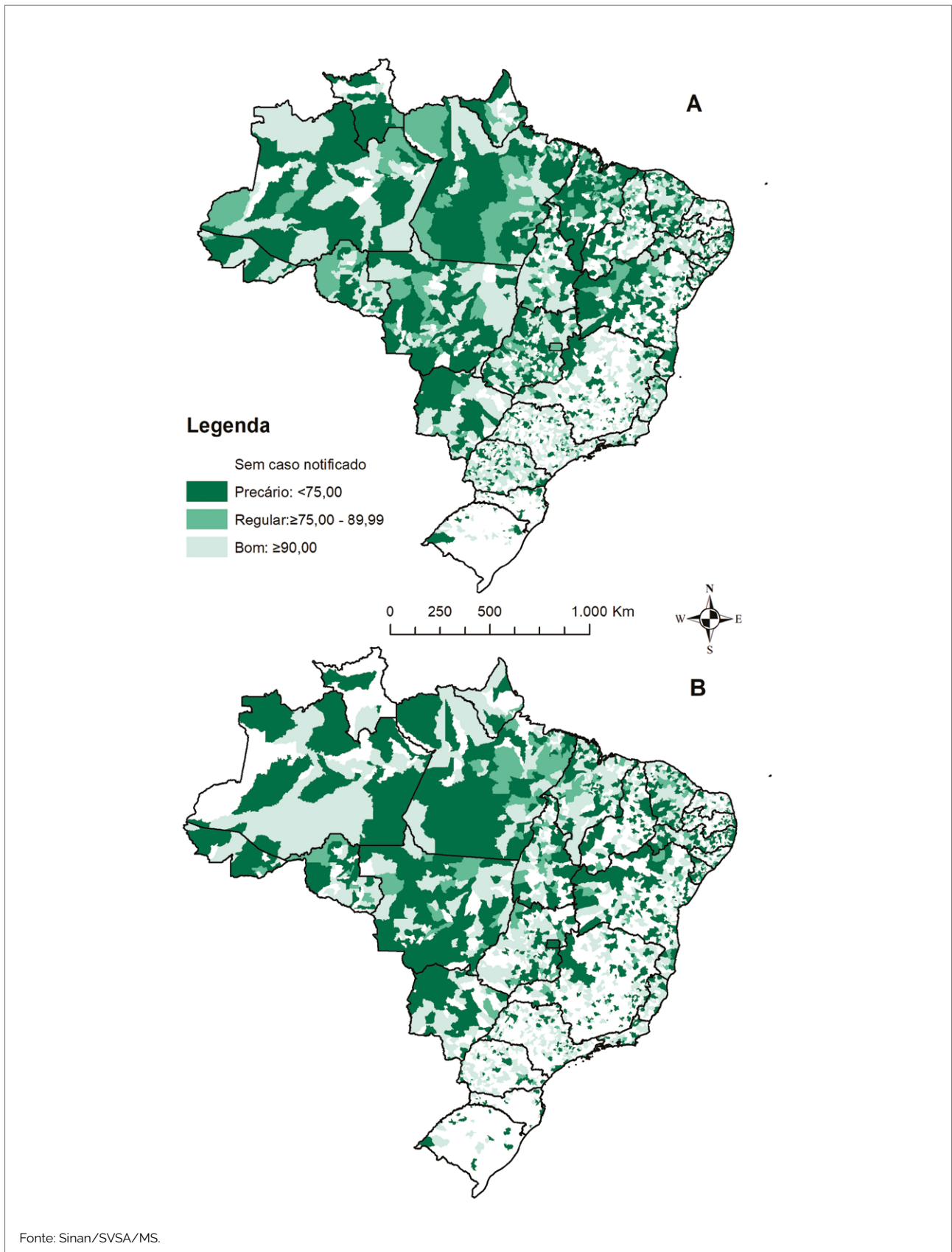








FIGURA 18 Distribuição da proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado na cura nos anos das coortes – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

Contatos examinados

A proporção de contatos examinados de casos novos de hanseníase diagnosticados nos anos das coortes mede a capacidade dos serviços em realizar a vigilância de contatos. Foi observado um aumento de 2,4% na proporção de contatos examinados, saindo de 75,1% em 2013 para

76,9% em 2022, um parâmetro "regular". As Regiões Norte e Nordeste apresentaram aumento de 0,9% e 10,9%, respectivamente. As demais regiões reduziram a proporção de contatos examinados, com maior diminuição na Região Sudeste (Tabelas 4 e Tabela 14 – Anexo).

TABELA 4 Proporção de contatos examinados de casos novos de hanseníase diagnosticados nos anos das coortes – Brasil, 2013 a 2022

| País/Região | Ano | | Variação % | Tendência 2013 a 2022 |
|--------------|------|------|------------|---|
| | 2013 | 2022 | | |
| Brasil | 75,1 | 76,9 | 2,4 |  |
| Norte | 75,0 | 75,7 | 0,9 |  |
| Nordeste | 69,7 | 77,3 | 10,9 |  |
| Sudeste | 83,1 | 78,4 | -5,6 |  |
| Sul | 89,1 | 84,2 | -5,4 |  |
| Centro-Oeste | 79,6 | 75,4 | -5,3 |  |

Fonte: Sinan/SVSA/MS.

Em 2013, 3.214 municípios apresentaram casos novos de hanseníase nos anos das coortes. Destes, 1.798 (55,9%) foram classificados com parâmetro "bom", 384 (11,9%) "regular" e 912 (28,4%) "precário". As UFs com o maior número de municípios classificados como "precário" foram Bahia, com 138 (15,1%), Maranhão, com 97 (10,6%), e Goiás, com 65 (7,1%).

Em 2022, dos 2.523 municípios com casos novos nos anos das coortes, 1.440 (57,1%) apresentaram proporção de contatos examinados com parâmetro "bom", 223 (8,8%) "regular" e 698 (27,7%) "precário". A Bahia, com 106 (15,2%), manteve-se com o maior número de municípios com parâmetro "precário", seguida de Minas Gerais, com 78 (11,2%), e Piauí, com 57 (8,2%).

Dessa forma, observa-se que em 2022 houve um incremento de 2,2% na proporção de municípios com parâmetro "bom" em relação a 2013. Destaca-se que 120 municípios das coortes de 2013 e 162 das coortes de 2022 não foram avaliados para esse indicador, pois não apresentaram contatos registrados e examinados no Sinan, ainda que tenham notificado casos novos nas coortes (Figura 19).

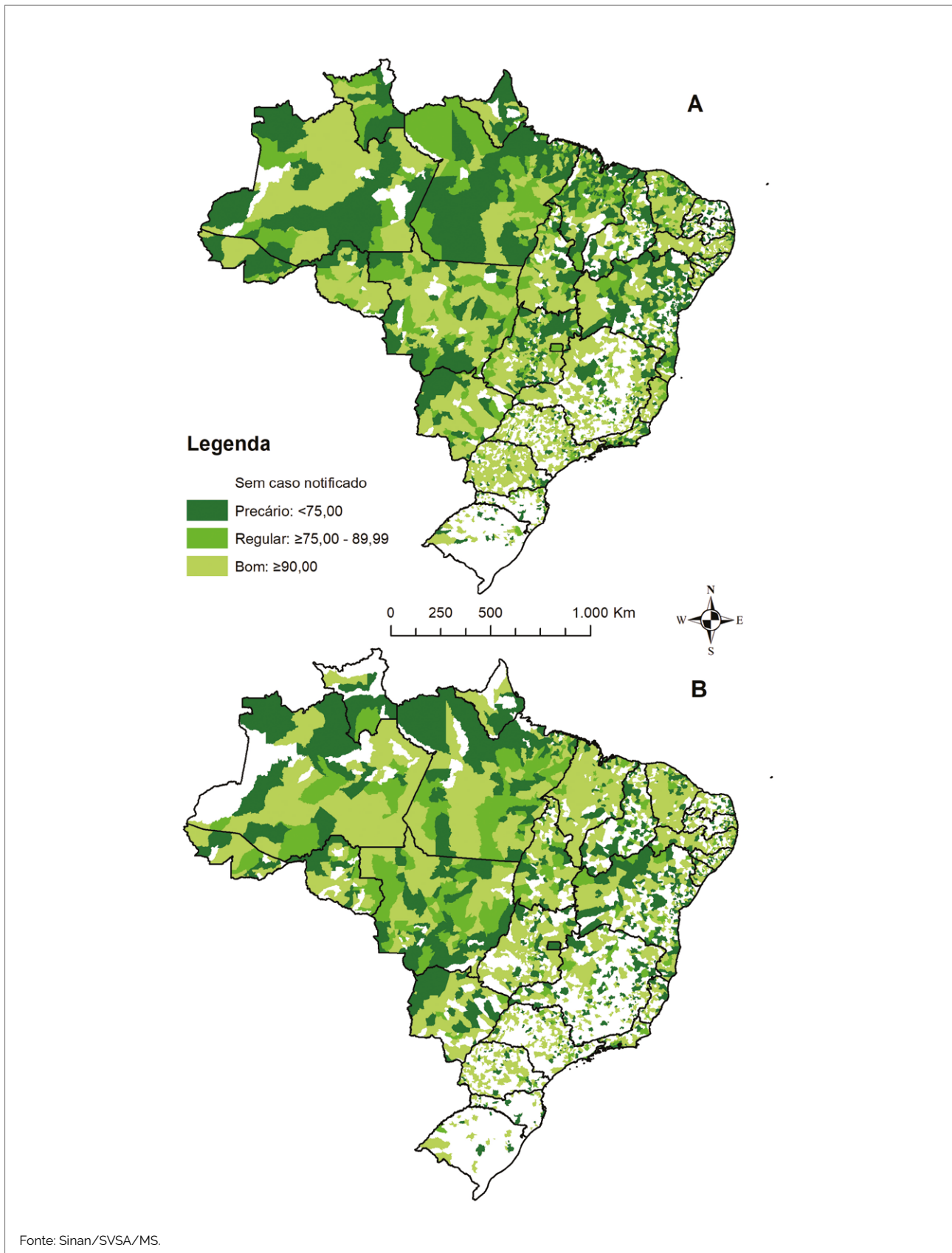


FIGURA 19 Distribuição da proporção de contatos examinados de casos novos de hanseníase diagnosticados nos anos das coortes. Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

Hanseníase em menores de 15 anos

Durante o período de 2013 a 2022 foram diagnosticados 17.940 casos novos de hanseníase em menores de 15 anos. De 2013 a 2022 houve uma redução de 61,4% no número de casos novos notificados. Nos anos pré-pandemia da covid-19 (2013 a 2019) houve uma redução de 30,7%. No período de 2019 a 2022, a redução foi de 44,3%. Entre os modos de entrada, 88,9% (n=15.947) eram "casos novos", 7,7%

(n=1.380) "transferências", 2,6% (n=462) "outros reingressos", 0,7% (n=119) "recidivas" e apenas 0,2% "ignorados/em branco". A proporção do modo de entrada "caso novo" diminuiu 7,8%, saindo de 92,6% em 2013 para 85,4% em 2022. Paralelamente, houve aumento de 123,5% nos "outros reingressos" (1,7% em 2013; 3,8% em 2022) e 50,0% nas "recidivas" (0,6% em 2013; 0,9% em 2022). (Figura 20 e Tabela 15 – Anexo).

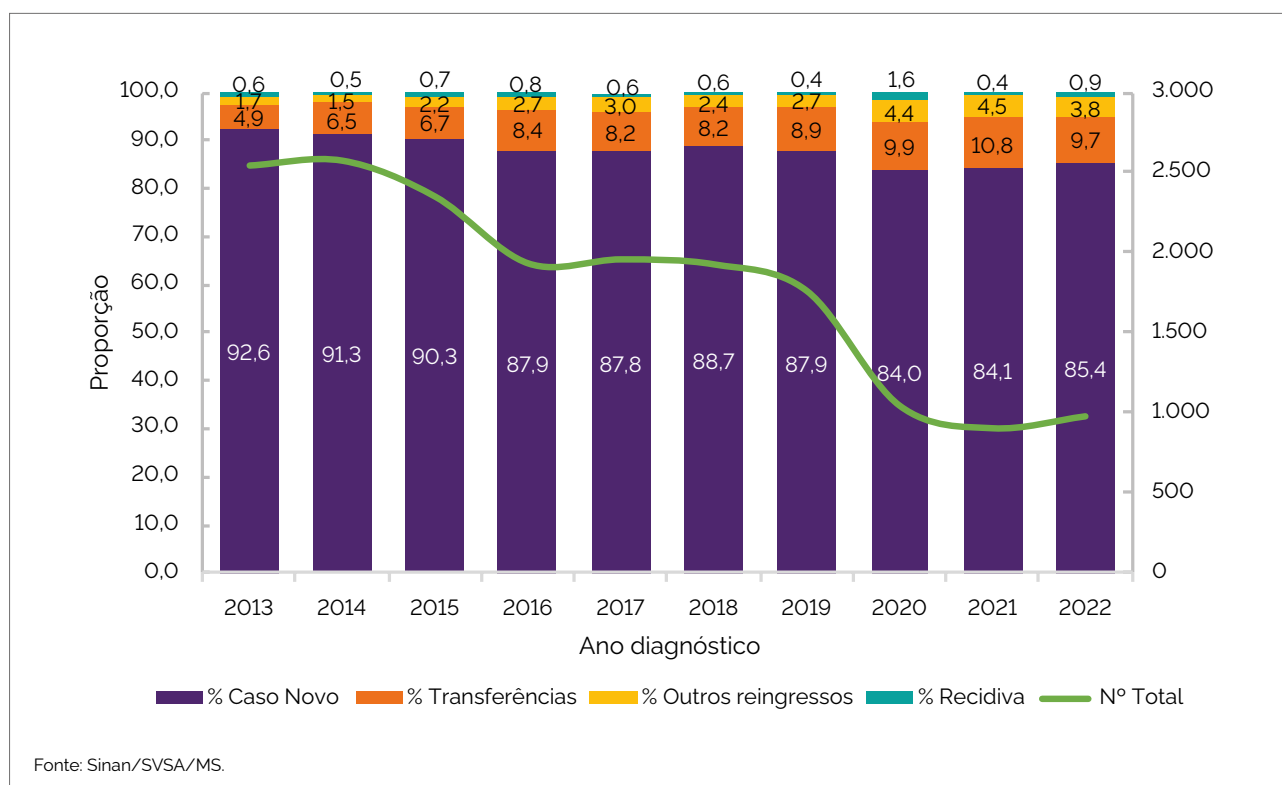


FIGURA 20 Proporção de casos de hanseníase em menores de 15 anos por modo de entrada e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

Quanto à avaliação do GIF no momento do diagnóstico em menores de 15 anos, 14.208 (89,1%) casos novos foram avaliados no período de 2013 a 2022. Dentre os avaliados no período, 3,2% apresentaram GIF 2, 12,3% GIF 1 e 84,4% GIF 0. Em 2013, 90,0% dos casos novos em menores de 15 anos foram avaliados. Destes, 3,1% foram diagnosticados com GIF 2. Em 2022, a proporção de avaliados foi de 88,6%, caracterizando uma redução de 1,6% em relação a 2013. Quanto ao GIF 2, a proporção foi de 5,9%, classificado com um parâmetro "médio" (Figura 21 e Tabela 16 – Anexo).

Do total de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos, 52,8% (n=8.422) eram MB. Houve um aumento de 59,4% na proporção de casos novos MB nesse grupo etário ao longo do período no Brasil. Ao se analisar por região, todas demonstraram um crescimento na proporção de MB, exceto a Região Sul, que apresentou uma flutuação dessa proporção. A Região Centro-Oeste foi a de maior proporção de casos novos MB em menores de 15 anos do período. Porém, a Sudeste apresentou o maior aumento dessa proporção, saindo de 31,8% em 2013 para 60,9% em 2022, um incremento de 91,5% (Figura 22 e Tabela 17 – Anexo).

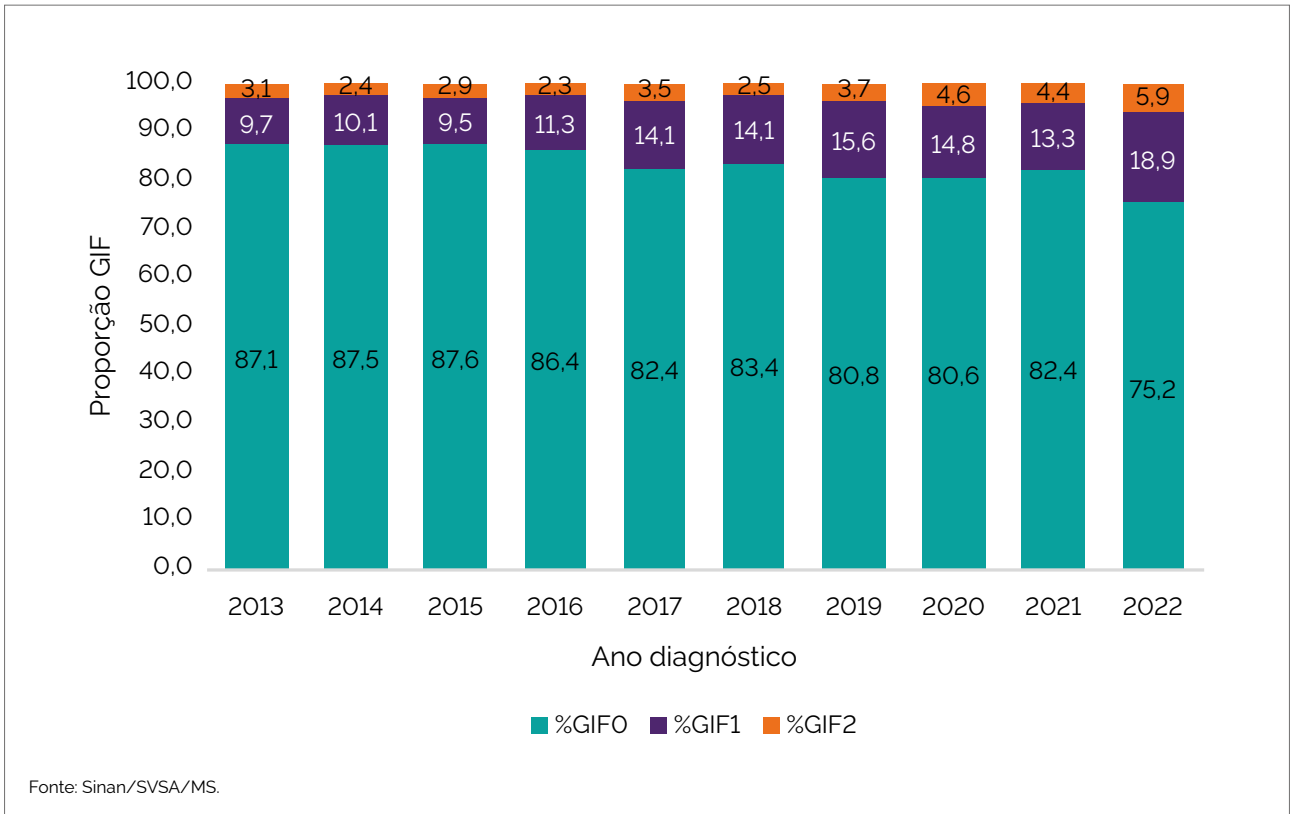


FIGURA 21 Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos avaliados quanto ao grau de incapacidade física no momento do diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

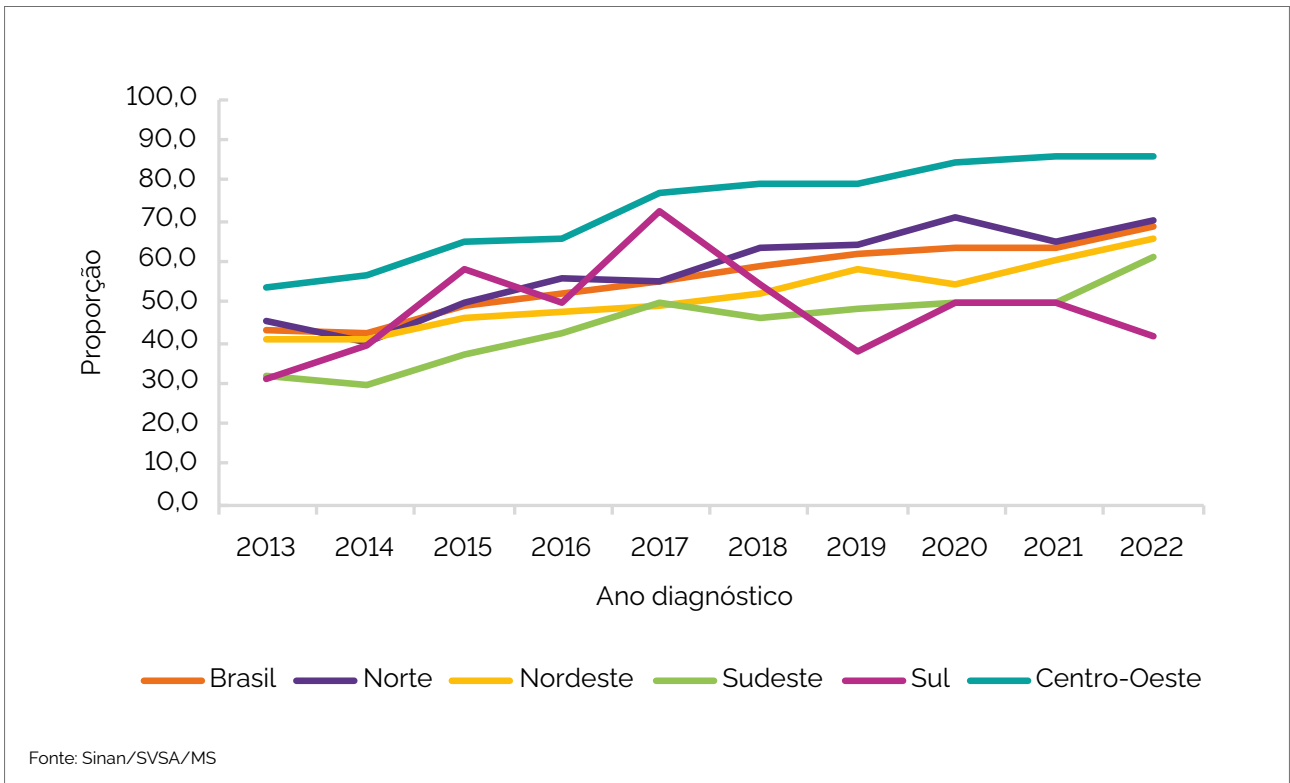


FIGURA 22 Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos multibacilares – Brasil, 2013 a 2022

A taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos mede a força da transmissão recente da endemia e sua tendência. Nesse grupo etário, a taxa diminuiu de 5,03 casos por 100 mil habitantes em 2013 para 1,90 casos por 100 mil habitantes em 2022, resultando em uma mudança de parâmetro "muito alto" para "médio" no País. Esse indicador apresentou uma redução em todas as regiões do Brasil. A maior diminuição

foi observada na Região Norte, onde a taxa saiu de 13,54 casos por 100 mil habitantes em 2013 para 3,74 casos por 100 mil habitantes em 2022, redução de 72,4%. A tendência de queda da taxa de detecção em menores de 15 anos já vinha sendo observada, e com o advento da pandemia essa tendência de queda se acentuou, o que não significa uma real diminuição da transmissão nesse período (Figura 23 e Tabela 18 – Anexo).

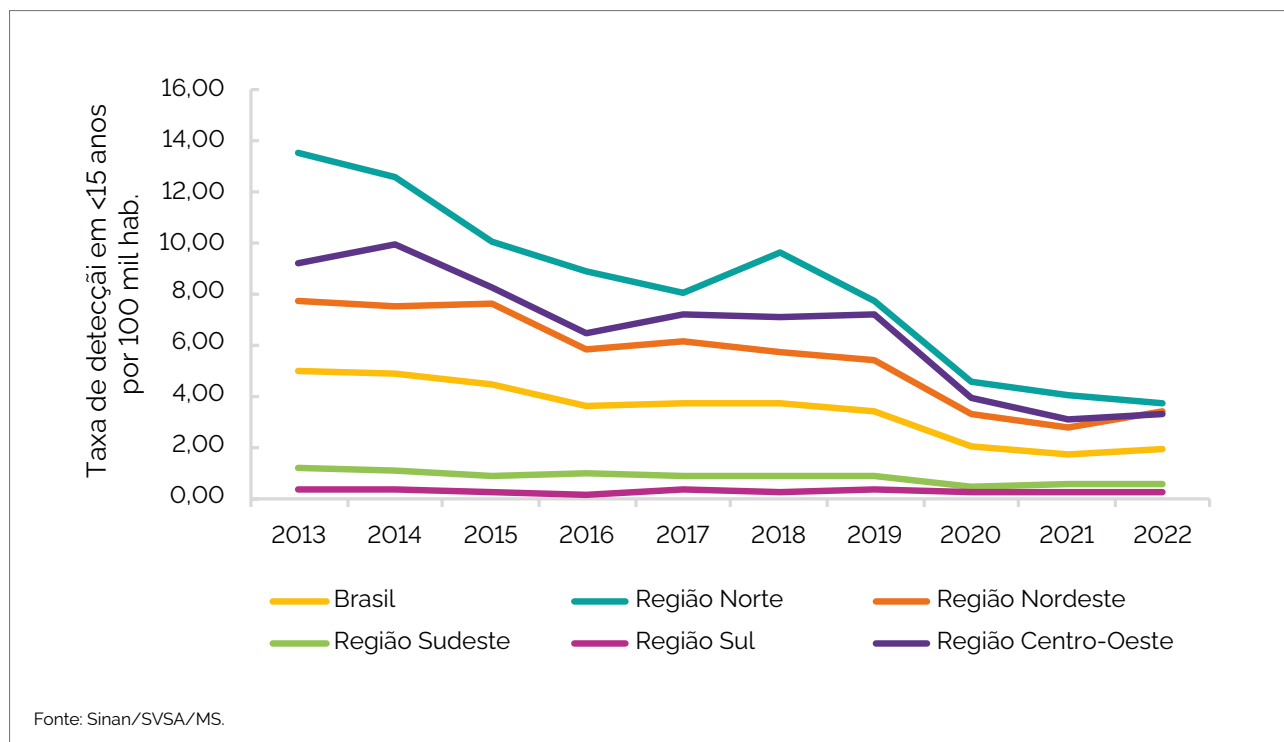


FIGURA 23 Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.) por região de residência e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

Em 2022, o País apresentou taxa de detecção em menores de 15 anos considerada "média", enquanto Tocantins, Mato Grosso e Maranhão foram classificados com taxas "hiperendêmicas". Pernambuco, Pará, Piauí, Amazonas e Rondônia, apresentaram taxas com parâmetro "alto". Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, taxas com parâmetros de endemicidade "baixo" (Figura 24 e Tabela 18 – Anexo).

Em 2013, 721 (12,9%) municípios notificaram casos novos de hanseníase em menores de 15 anos. Destes, 547 (83,8%) apresentaram taxas com parâmetros "hiperendêmicos", 114 (15,8%) "muito alto" e 30 (4,2%) "alto". Em 2022, 396 (7,1%) municípios notificaram casos novos de hanseníase em menores de 15 anos, uma redução de 45,1% em comparação com 2013. Desse total, 258 (65,1%) municípios apresentaram parâmetros "hiperendêmicos", 60 (23,2%) "muito alto" e 42 (12,3%) "alto". Os municípios hiperendêmicos concentram-se nas Regiões Nordeste (n=126), Norte (n=53) e Centro-Oeste (n=47) (Figura 25).

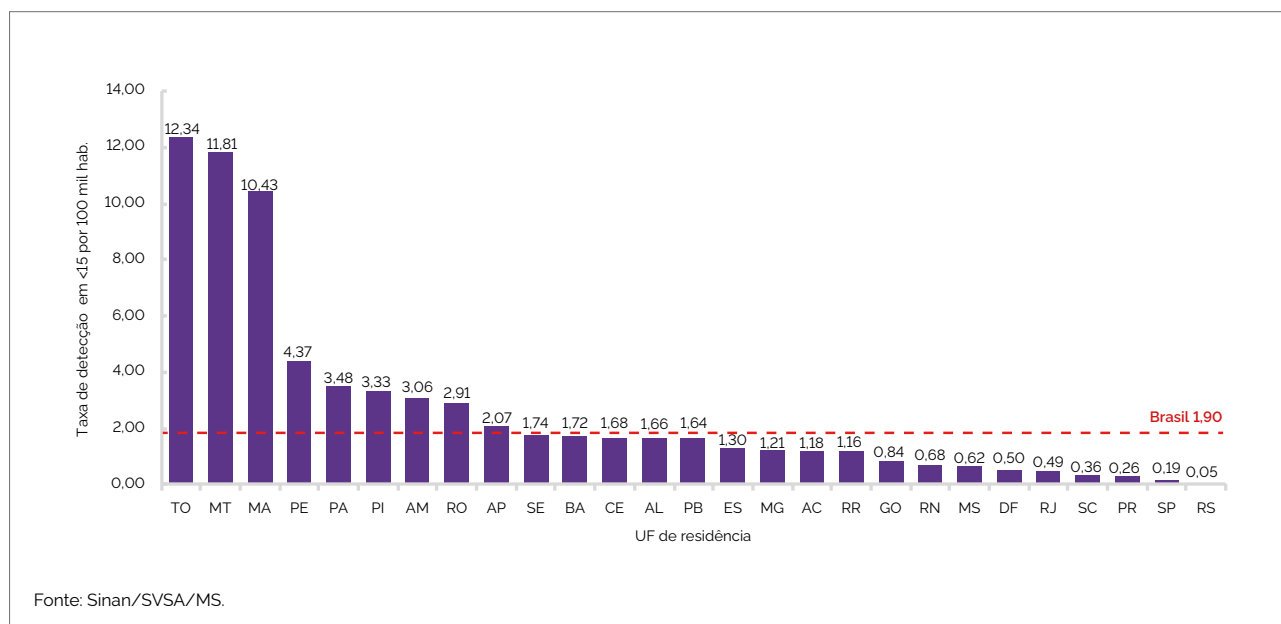


FIGURA 24 Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.) por unidade Federativa – Brasil, 2022

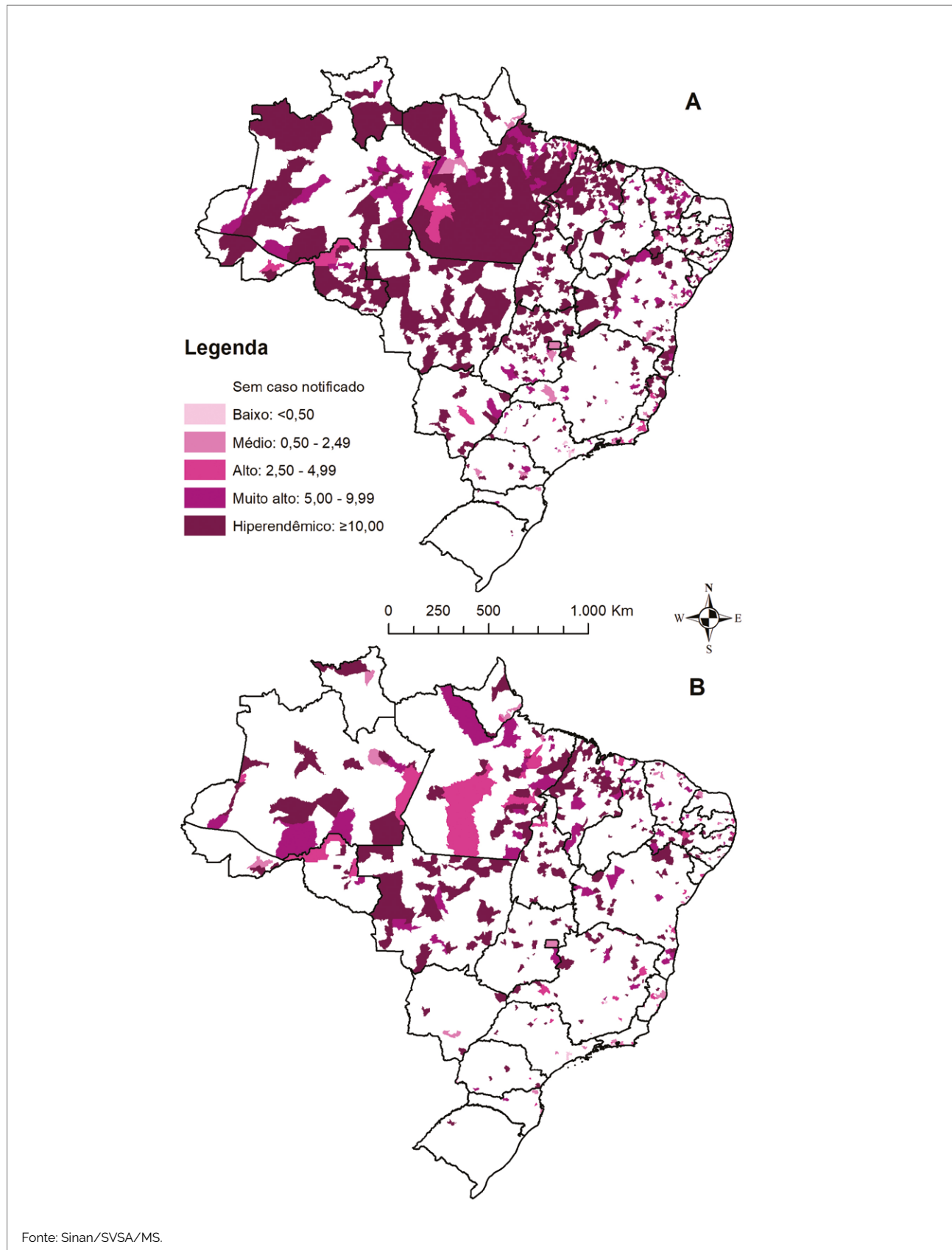







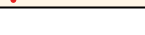
FIGURA 25 Distribuição da taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.) por município de residência – Brasil, 2013 (A) e 2022 (B)

Recidiva

A proporção de casos de recidiva entre os casos notificados no ano constitui um indicador fundamental para o monitoramento da falência terapêutica.¹¹ Observou-se um aumento na proporção desse indicador de 30,8%,

elevando-se de 3,9% em 2013 para 5,1% em 2022, no País. Apenas a Região Sudeste apresentou diminuição na proporção de recidiva, enquanto as demais regiões apresentaram aumento, com destaque para a Região Norte, que registrou o maior aumento percentual (Tabela 5).

TABELA 5 Proporção de casos de recidiva entre os casos notificados no ano – Brasil e regiões, 2013 a 2022

| País/Região | Ano | | Variação % | Tendência 2013 a 2022 |
|--------------|------|------|------------|---|
| | 2013 | 2022 | | |
| Brasil | 3,9 | 5,1 | 30,8 |  |
| Norte | 3,7 | 6,7 | 80,9 |  |
| Nordeste | 3,8 | 4,3 | 13,5 |  |
| Sudeste | 5,2 | 5,1 | -1,5 |  |
| Sul | 5,8 | 9,1 | 57,6 |  |
| Centro-Oeste | 2,7 | 4,7 | 75,2 |  |

Fonte: Sinan/SVSA/MS.

Vigilâncias específicas

Vigilância da resistência antimicrobiana na hanseníase

A vigilância da resistência do *M. leprae* aos antimicrobianos da hanseníase foi implementada em outubro de 2018 com o objetivo de padronizar e aumentar a detecção e o monitoramento das resistências primária e secundária no País, bem como seu tratamento. A rede de vigilância foi implementada por meio de publicações de notas técnicas, implantação do Sistema de Investigação da Resistência na Hanseníase (Sirh) e a realização de capacitações nas UFs. Recentemente foi publicado um boletim epidemiológico com o propósito de apresentar a organização da rede de vigilância e o perfil clínico-epidemiológico dos casos com *M. leprae* resistentes.

Neste boletim foram analisados os dados do Sirh até 31 de setembro de 2023, nos quais os critérios de investigação para a resistência secundária eram os casos de recidiva e os casos de suspeita de falência terapêutica. Ressalta-se que, a partir de 1º de outubro de 2023, os novos critérios de investigação normatizados no PCDT foram incorporados à rede de vigilância com o intuito de ampliar a detecção da resistência secundária na hanseníase.⁸

Entre outubro de 2018 e setembro de 2023 foram registrados 84 casos de hanseníase com resistência antimicrobiana no Brasil, sendo 1,53% de resistência primária e 2,80% de resistência secundária (Figuras 26 e 27 e Tabela 19 – Anexo).

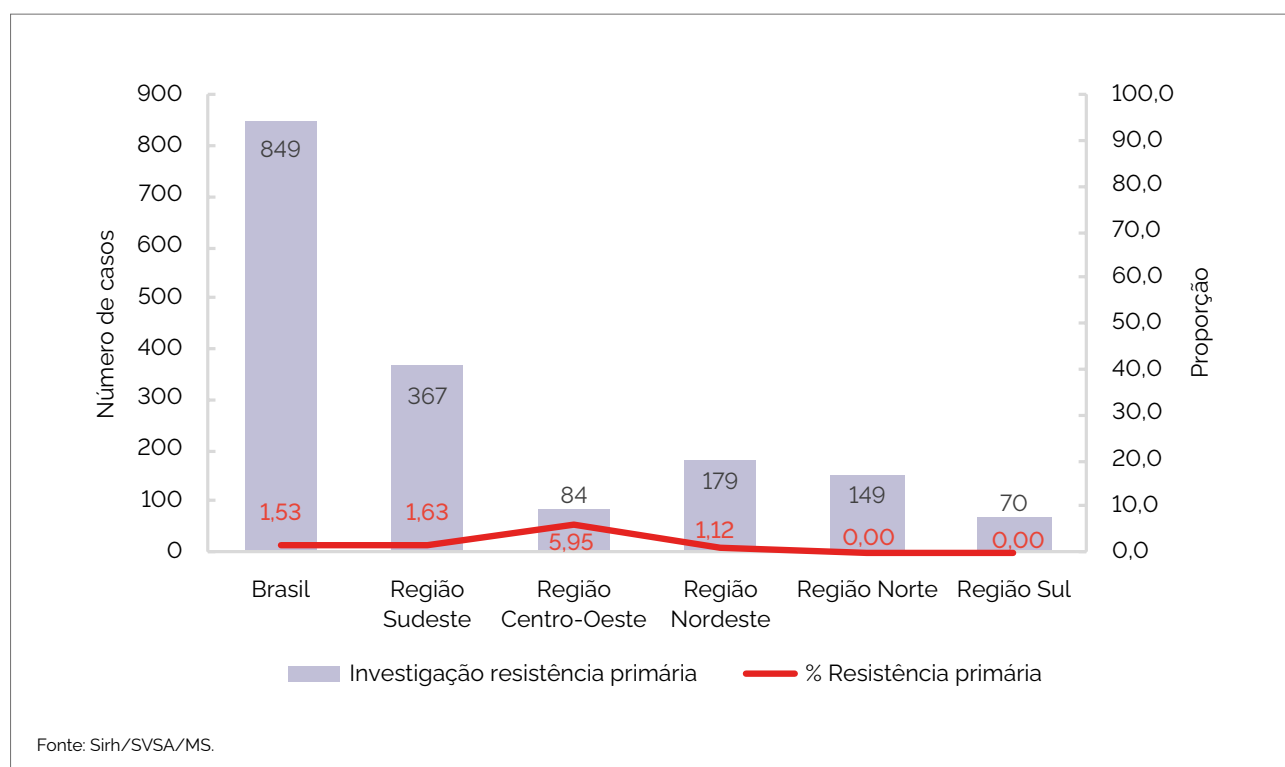


FIGURA 26 Casos de hanseníase investigados para resistência primária e proporção de resistência primária – Regiões e Brasil, outubro de 2018 a setembro de 2023

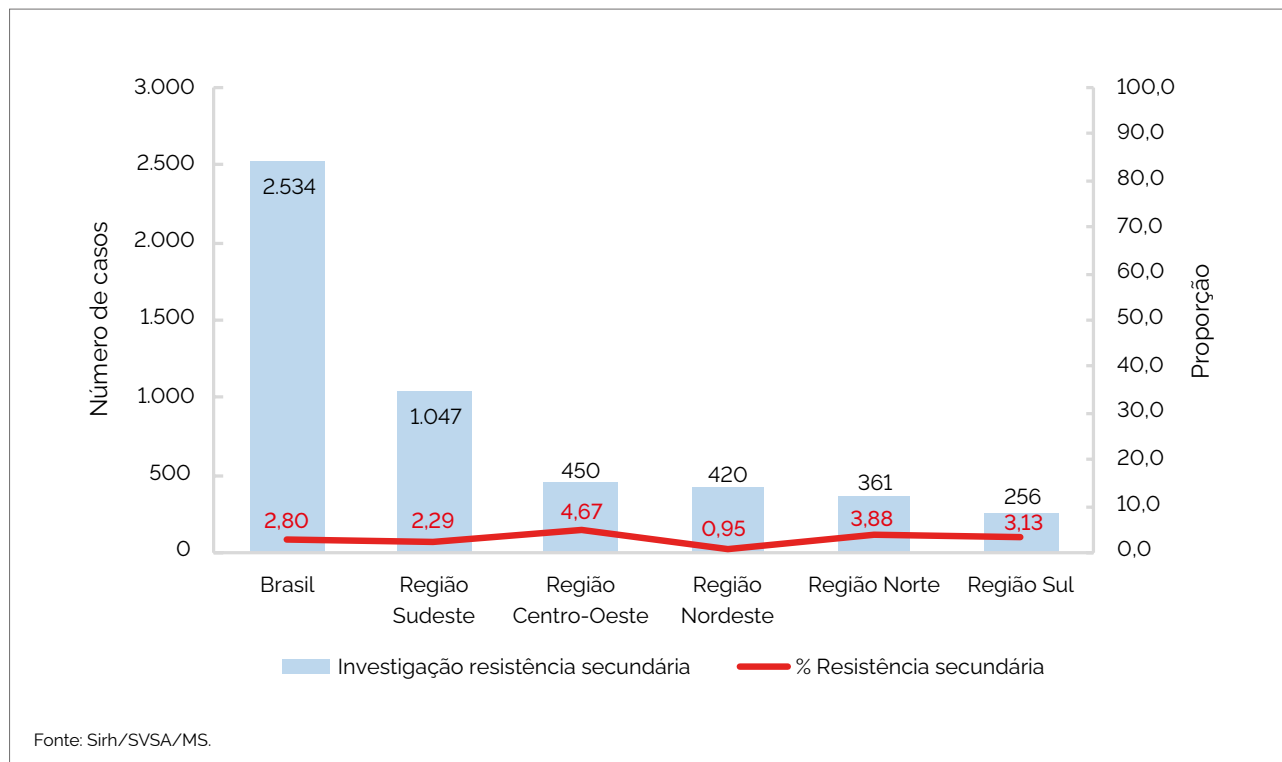


FIGURA 27 Casos de hanseníase investigados para resistência secundária e proporção de resistência secundária – Regiões e Brasil, outubro de 2018 a setembro de 2023

Nesses cinco anos da rede de vigilância implementada, observaram-se seis casos de hanseníase com resistência isolada à rifampicina e quatro casos com resistência dupla (rifampicina e dapsona), principais antimicrobianos da PQT-U. Destaca-se também o aumento da resistência à quinolona nos anos de 2022 e 2023 (Tabela 6).

O surgimento crescente de cepas de *M. leprae* resistentes a quinolonas no Brasil assemelha-se aos achados de um estudo conduzido na Índia, que identificou uma elevada incidência de resistência ao ofloxacino. Esses resultados configuram um cenário preocupante, que pode colocar em risco o único esquema de segunda linha disponível.¹⁴

TABELA 6 Número de casos de hanseníase com *M. leprae* resistente segundo o padrão de resistência – Brasil, outubro de 2018 a setembro de 2023

| Antimicrobianos | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 |
|-----------------------------|----------|-----------|----------|-----------|-----------|-----------|
| Rifampicina | 1 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 |
| Dapsona | 0 | 10 | 3 | 4 | 5 | 2 |
| Quinolona | 0 | 1 | 0 | 5 | 28 | 16 |
| Dupla (Rifampicina+Dapsona) | 0 | 3 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| Total | 1 | 14 | 3 | 11 | 37 | 18 |

Fonte: Sirh/SVSA/MS.

O Ministério da Saúde recomenda reforçar o rigor na gestão de antimicrobianos, bem como a adesão ao PCDT da hanseníase, instituído no âmbito do SUS por meio da Portaria SCTIE/MS nº 67, de 7 de julho de 2022, o qual estabelece critérios para a prescrição de ofloxacino.¹⁵

A implantação e/ou implementação da rede de vigilância da resistência antimicrobiana na hanseníase é considerada uma importante estratégia preventiva pela OMS, principalmente no monitoramento da resistência à rifampicina devido à escassez de fármacos de substituição. Embora a resistência à rifampicina não seja alta no Brasil, seu monitoramento continua primordial para a avaliação da efetividade da PQT-U e a prevenção da transmissão de cepas resistentes, principalmente para contatos intradomiciliares.

Vigilância do grau 2 de incapacidade física na hanseníase

O GIF 2 é atribuído quando há deficiências visíveis causadas pela hanseníase nos olhos e/ou nas mãos e/ou nos pés, tais como lagofalmo, ectrópio, triquiase, garras, reabsorção óssea, atrofia muscular, feridas tróficas e/ou traumáticas. Essas deformidades contribuem para a manutenção do estigma e da discriminação e favorecem o isolamento social, impactando econômica e psicologicamente a vida do indivíduo.^{11,16}

A Nota Técnica nº 13/2020-CGDE/DCCI/SVS/MS instituiu a vigilância do GIF 2 em menores de 15 anos, que operacionalmente teve início em 2018 e prosseguiu até 2022. O objetivo foi investigar todos os casos de hanseníase em menores de 15 anos notificados com GIF 2. Tal iniciativa visava identificar as circunstâncias determinantes do evento com o intuito de implementar ações de prevenção e redução do diagnóstico tardio nesse grupo etário. Além disso, objetivou monitorar o cumprimento da meta da Estratégia Global da Hanseníase 2016-2020 de zero pessoas menores de 15 anos com diagnóstico de hanseníase e deformidades visíveis.

A implantação dessa vigilância foi precedida de discussões e alinhamento com as coordenações estaduais e especialistas parceiros do Ministério da Saúde. Durante o período de 2018 a 2022, a principal missão da vigilância foi confirmar a ocorrência de hanseníase e de deformidade física em menores de 15 anos com base no formulário de investigação do incidente crítico e da elaboração do plano terapêutico calcado na avaliação neurológica simplificada.⁸

Por sua vez, a Nota Técnica nº 12/2023-CGDE/DEDT/SVSA/MS amplia a vigilância do GIF 2 para todas as faixas etárias. Em 2022, após reuniões com os coordenadores dos programas de hanseníase de todos os estados, a vigilância do GIF 2 foi ampliada para todas as pessoas acometidas e focada apenas em novos casos, até sessenta dias após o diagnóstico. Isso porque a proporção de casos novos de hanseníase diagnosticados com GIF 2 é um importante indicador epidemiológico que avalia a efetividade das atividades de detecção dos casos pelos programas de vigilância em hanseníase. Além disso, avalia indiretamente os níveis de conscientização sobre sinais iniciais da doença, o acesso aos serviços de saúde e as habilidades da equipe de atenção à saúde no diagnóstico precoce.¹¹

Em relação ao sistema de coleta de dados de vigilância, foram criados formulários de investigação de incidentes críticos no FormSUS que funcionou durante o período de acompanhamento de menores de 15 anos e foi desativado em 2021. Consequentemente, o Sistema de Investigação do Grau de Incapacidade Física 2 (Sigif 2) foi desenvolvido para substituir o FormSUS e se tornar o sistema de informação da vigilância ampliada.

No que se refere aos resultados da vigilância do GIF 2 nos menores de 15 anos, nos anos 2018 e 2019, antes da pandemia da covid-19, foram notificados no Brasil 110 casos de hanseníase nesse grupo etário com GIF 2. Destes, 99 (90,0%) foram submetidos à avaliação. Do total de casos avaliados, 86 (86,8%) tiveram o GIF 2 confirmado (Figura 28). Os anos de pandemia de 2020 e 2021 dificultaram a vigilância e outras medidas de controle da doença. No entanto, esses resultados foram suficientes para iniciar as discussões acerca da ampliação da vigilância.

A ampliação da vigilância do GIF 2 nos casos de hanseníase é um novo modelo de monitoramento e assistência capaz de qualificar o dado e implementar medidas que garantam o acesso à reabilitação física para alcançar um cuidado mais eficaz a esses pacientes. Os casos de hanseníase em menores de 15 anos com GIF 2 continua sendo uma prioridade dessa vigilância, e sua ocorrência é considerada um incidente grave. A Tabela 7 contém os primeiros dados do monitoramento ampliado em 2023.

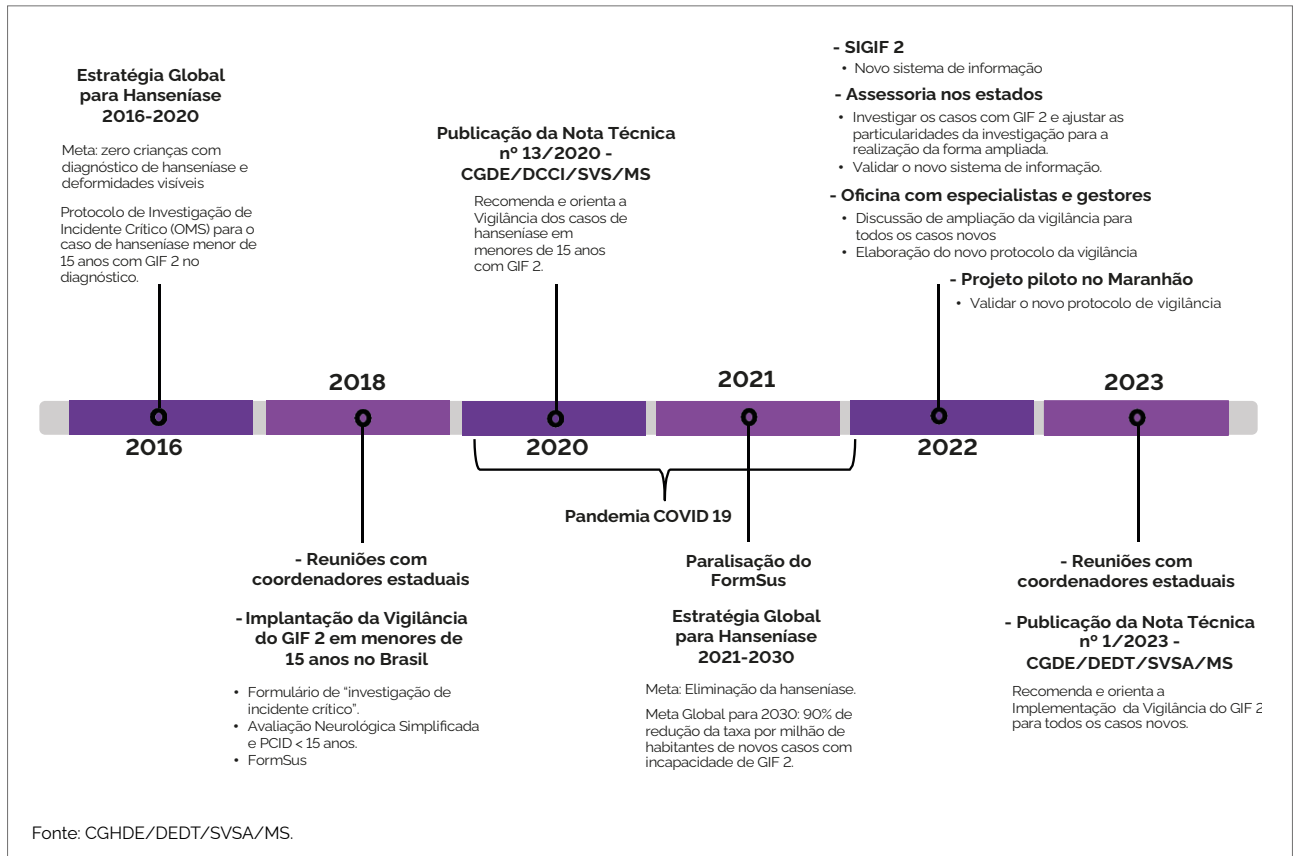


FIGURA 28 Marcos relacionados à implantação da vigilância do GIF 2

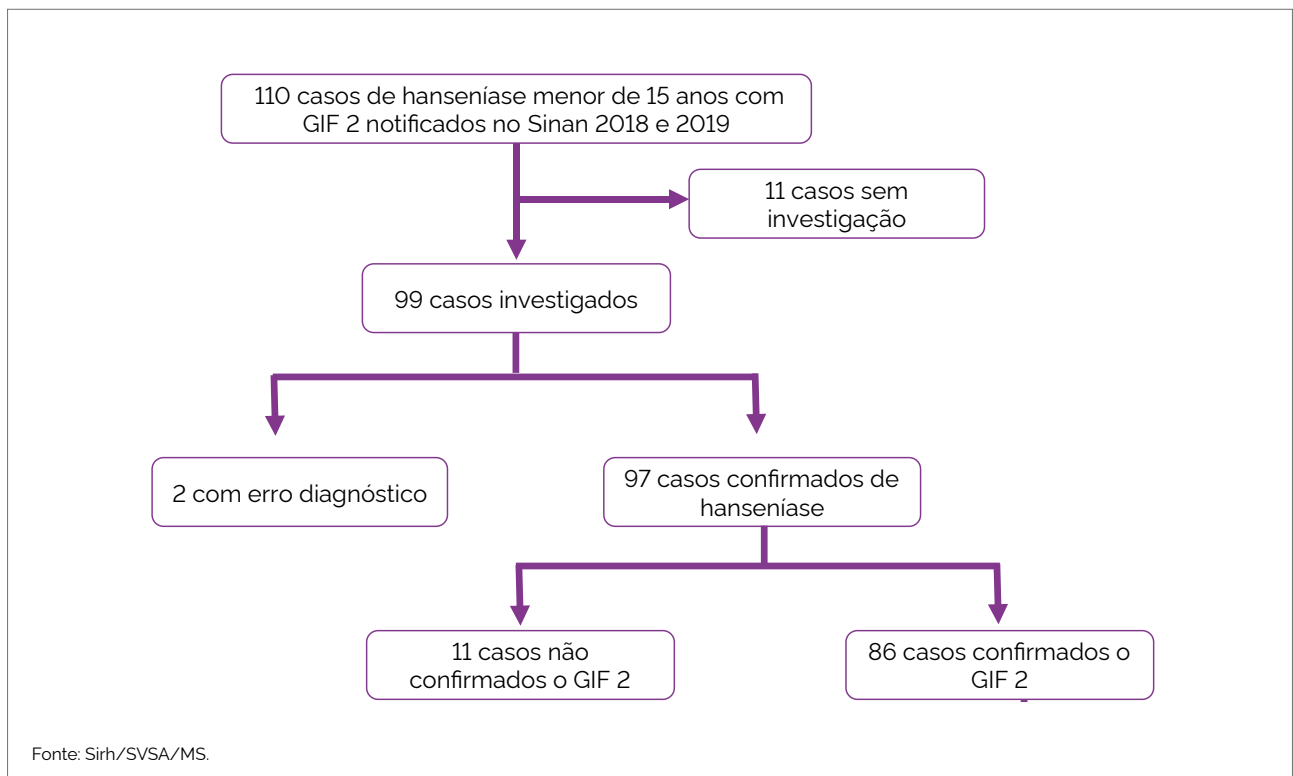


FIGURA 29 Fluxograma de investigação dos casos de hanseníase em menores de 15 anos com GIF 2 – Brasil, 2018 e 2019

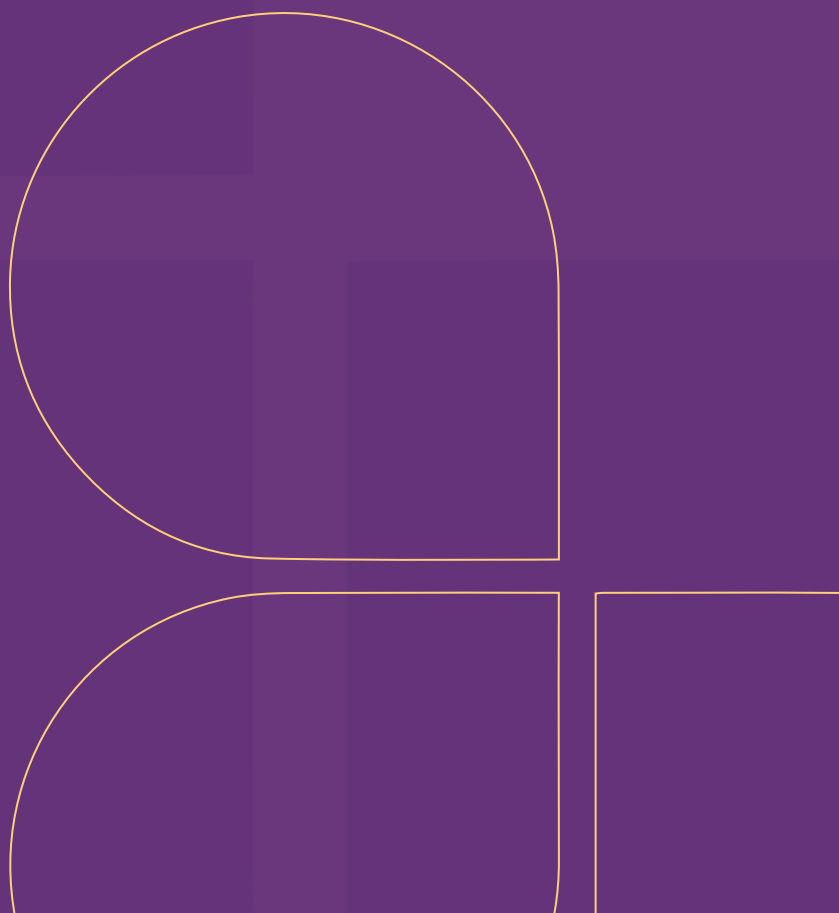
TABELA 7 Número e percentual da vigilância do GIF 2 – UF e Brasil, 2023*

| UF de notificação | Casos novos com GIF 2 notificados | Casos novos com GIF 2 investigados | Casos novos com GIF 2 investigados (%) | Casos novos com GIF 2 confirmados | Casos novos com GIF 2 confirmados(%) |
|---------------------|-----------------------------------|------------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------------------------|
| Rondônia | 26 | 15 | 57,7 | 10 | 66,7 |
| Acre | 5 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Amazonas | 35 | 15 | 42,9 | 11 | 73,3 |
| Roraima | 2 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Pará | 82 | 29 | 35,4 | 24 | 82,8 |
| Amapá | 3 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Tocantins | 70 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Maranhão | 110 | 26 | 23,6 | 12 | 46,2 |
| Piauí | 40 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Ceará | 55 | 24 | 43,6 | 24 | 100,0 |
| Rio Grande do Norte | 4 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Paraíba | 18 | 25 | 138,9 | 17 | 68,0 |
| Pernambuco | 81 | 3 | 3,7 | 2 | 66,7 |
| Alagoas | 35 | 1 | 2,9 | 1 | 100,0 |
| Sergipe | 19 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Bahia | 84 | 30 | 35,7 | 24 | 80,0 |
| Minas Gerais | 102 | 48 | 47,1 | 29 | 60,4 |
| Espírito Santo | 21 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Rio de Janeiro | 35 | 4 | 11,4 | 4 | 100,0 |
| São Paulo | 117 | 45 | 38,5 | 38 | 84,4 |
| Paraná | 39 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Santa Catarina | 15 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Rio Grande do Sul | 11 | 4 | 36,4 | 4 | 100,0 |
| Mato Grosso do Sul | 6 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Mato Grosso | 291 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Goiás | 37 | 27 | 73,0 | 27 | 100,0 |
| Distrito Federal | 15 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| Brasil | 1.358 | 296 | 21,8 | 227 | 76,7 |

Fonte: Sinan/SVSA/MS em 30/10/2023 e Sigif.2/SVSA/MS em 12/12/2023.

*Dados preliminares de 2023.

Considerações finais



A taxa de detecção de casos novos apresentou uma redução ao longo do período analisado, em maior percentual nos anos pandêmicos. A pandemia da covid-19 teve impacto direto no diagnóstico e no acompanhamento dos casos de hanseníase. As ações desenvolvidas para o controle da covid-19 dificultaram o acesso dos pacientes de hanseníase aos serviços de saúde. As medidas de intervenção não farmacológicas, tais como a suspensão ou a redução do transporte público, a proibição de aglomerações em eventos e espaços públicos e privados, juntamente com campanhas enfatizando a importância de permanecer em casa, tiveram um impacto direto na diminuição do número de registros de casos novos de hanseníase.^{17,18}

Assim como na detecção geral, observou-se uma redução importante na taxa de detecção de casos novos em menores de 15 anos. Além disso, houve aumento na proporção de GIF 2 nessa faixa etária, o que indica um diagnóstico tardio. A ocorrência da hanseníase em crianças é importante indicador epidemiológico de determinação do grau de transmissão, da magnitude da doença no território e sinaliza a necessidade de reforço nas ações de vigilância, sobretudo no âmbito domiciliar. Essa redução das atividades assistenciais possivelmente favoreceu a manutenção da cadeia de transmissão da hanseníase no país.¹⁹ A maioria dos casos foi notificada com o modo de entrada "caso novo". Entretanto, houve aumento na proporção de casos de hanseníase com modo de entrada por "outros reingressos", "transferências" e "recidivas". Vale salientar que "outros reingressos" são situações em que os pacientes abandonam o tratamento e retornam ao serviço de saúde ou casos MB tratados como paucibacilares (PB) que receberam alta por cura no passado e se reapresentam com sinais e sintomas da hanseníase à unidade de saúde.²⁰ Por sua vez, as transferências são situações passíveis de ajustes por meio da execução da rotina de duplicidade de casos no Sinan.

A proporção de casos novos avaliados quanto ao GIF no diagnóstico permaneceu em parâmetro "regular", mas em declínio. O aumento na proporção de GIF 2 é preocupante e implica a necessidade de ajustes nas estratégias de diagnóstico precoce e tratamento para minimizar o impacto das incapacidades relacionadas à hanseníase. É evidente a necessidade de aperfeiçoar a avaliação neurológica simplificada e, sobretudo, utilizá-la como indutora do cuidado à pessoa afetada pela hanseníase durante e após o tratamento da PQT.

A diminuição na proporção de cura, aliada ao aumento na proporção de abandono de tratamento, especialmente nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, aponta para desafios no manejo clínico, na adesão ao tratamento e na atualização do Sinan. Essa situação requer uma abordagem integrada que considere a efetividade dos protocolos terapêuticos e os aspectos sociais, econômicos e culturais que possam influenciar no engajamento dos pacientes. O monitoramento da adesão ao tratamento, a realização de ações para enfrentar o estigma e a discriminação, o tratamento conforme preconizado pelo PCDT da hanseníase, a atualização do boletim de acompanhamento de casos e a rotina de duplicidades no Sinan estão entre as estratégias que podem influenciar na reversão desse quadro.

Embora tenha ocorrido um aumento na proporção de contatos examinados, é necessário intensificar as estratégias de busca ativa e o acompanhamento de contatos para uma detecção precoce de casos novos. Ações coordenadas com outras secretarias de saúde são necessárias para implantar novas estratégias de controle e implementar as já existentes, principalmente nas áreas mais endêmicas. A implantação do teste rápido para o grupo de contatos, por exemplo, é uma ação importantíssima para a redução da carga da doença no País que deve ser estruturada nos territórios juntamente com a APS.

A vigilância da resistência antimicrobiana na hanseníase e a vigilância do GIF 2 desempenham papéis cruciais no monitoramento da doença. A primeira é essencial para identificar e tratar precocemente possíveis mutações de resistência do *M. leprae* aos medicamentos utilizados no tratamento, como também prevenir a disseminação de cepas resistentes. A segunda vigilância é fundamental para avaliar o impacto da hanseníase na funcionalidade dos pacientes, possibilitando intervenções precoces e direcionadas, bem como a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos afetados pela doença.

Na perspectiva do enfrentamento aos determinantes sociais da doença, o Ciedds configura-se como uma grande estratégia de parceria intersetorial que certamente ajudará na elaboração e na implantação de novas políticas voltadas para as dimensões socioeconômica, política e cultural. Assim, é primordial que os determinantes sociais sejam também pauta de discussões em espaços compartilhados de decisões entre instituições e diferentes setores do governo locais.

Em resumo, os resultados do boletim apontam para a necessidade de um enfoque abrangente, regionalmente adaptado e centrado na pessoa acometida pela doença. Dado o período de incubação prolongado da hanseníase, os próximos anos serão cruciais para fortalecer as iniciativas de busca ativa de casos, visando ao diagnóstico e ao tratamento precoce a fim de prevenir o desenvolvimento de possíveis deficiências físicas. Uma nova estratégia nacional e planos de enfrentamento locais da hanseníase poderão nortear a implementação de medidas mais eficazes para a melhoria da qualidade da vigilância e da atenção às pessoas acometidas pela doença e seus familiares.

Links úteis

Páginas

Saúde de A a Z/Hanseníase – <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hanseniaese>

Painel de indicadores e dados básicos de hanseníase – <http://indicadoreshanseniaese.aids.gov.br/>

Painel de monitoramento de indicadores da hanseníase no Brasil – <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrJoiZ-jk4MGYwODctOGQxZC00MWJjLWl2ZTItOTMxZDVmMTUzMGlxliwidCI6JjhtNTU0YWQzLWl1MmItNDg2Mi1hMzZmLTg0ZDg5MWU1YzcxNSJ9>

Plataforma IVIS

<http://plataforma.saude.gov.br/cidades/>

Notas técnicas

Nota Informativa nº 03 – Distribuição da segunda pauta do teste rápido imunocromatográfico para determinação qualitativa de anticorpos IgM anti-*Mycobacterium leprae* em contatos de hanseníase, na Atenção Primária à Saúde – Código SIGTAP 02.14.01.017-1, conforme preconizado pelo Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase – <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/estudos-e-notas-informativas/2023/nota-informativa-no-3-2023-cgde-dedt-svsa-ms/view>

Nota Técnica nº 23/2023, referente à vigilância da resistência aos antimicrobianos (AMR) utilizados por pessoas acometidas pela hanseníase no Brasil – https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2023/sei_ms-0036360178-nota-tecnica-23.pdf/view

Nota Técnica nº 27/2023 (atualização da Nota Técnica nº 03), referente a orientações sobre o fornecimento e o uso do na Atenção Primária à Saúde – Código SIGTAP 02.14.01.017-1, conforme preconizado pelo Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase – <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2023/nota-tecnica-no-27-2023-cgde-dedt-svsa-ms/view>

Nota Técnica nº 20, referente ao aumento – da detecção de casos de *Mycobacterium leprae* resistente a quinolonas (hanseníase resistente a ofloxacino) – <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2023/nota-tecnica-no-20-2023-cgde-dedt-svsa-ms/view>

Boletins epidemiológicos

Boletim epidemiológico v. 54, n. 07. Tendência temporal de casos novos de hanseníase no Brasil, 2010 a 2021 – <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-07/view>

Descrição dos casos de hanseníase com o esquema de segunda linha terapêutica – Brasil, 2016 a 2020 – <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-14/view>

Detecção de mutações genéticas de *M. leprae* associadas à resistência aos antimicrobianos no Brasil – <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-15/view>

Documentos técnicos

Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da hanseníase. 2022 – <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hanseniaese/publicacoes/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-da-hanseniaese-2022/view>

Referências

1. World Health Organization. Lepra (doença de Hansen). Doenças tropicais negligenciadas 1 <https://www.who.int/data/gho/data/themes/topics/leprosy-hansens-disease> (2023).
2. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Transmissão | Doença de Hansen (Lepra) | CDC. <https://www.cdc.gov/leprosy/transmission/index.html> (2017).
3. Lockwood DNJ, Kumar B. Treatment of leprosy. *Br. Med. J.* 328, 1447-1448 (2004).
4. World Health Organization. Towards zero leprosy. Global leprosy (Hansen's disease) Strategy 2021-2030. (2022).
5. Lopes JGCB et al. Subdiagnóstico de hanseníase no Brasil durante a pandemia da covid-19. *Rev. Eletrônica Acervo Médico* 20, e11172 (2022).
6. Mendonça IMS, Eleres FB, Santos Silva EM, Ferreira SMB, Sousa GS de. Impacto da pandemia de covid-19 no atendimento ao paciente com hanseníase: estudo avaliativo sob a ótica do profissional de saúde. *Res. Soc. Dev.* 11, e4111225459 (2022).
7. World Health Organization. Ending the neglect to attain the Sustainable Development Goals: a rationale for continued investment in tackling neglected tropical diseases 2021–2030. WHO (World Health Organization) (2022).
8. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Coordenação-Geral de Vigilância das Doenças em Eliminação. Nota Técnica nº 13/2021-CGDE/DCCI/SVS/MS. 2-5 at (2021).
9. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Departamento de Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral de Vigilância das Doenças em Eliminação. Nota Técnica nº 12/2023-CGDE/DEDT/SVSA/MS. 14-16 at (2023).
10. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Articulação Estratégica de Vigilância em Saúde. Guia de vigilância em saúde [recurso eletrônico]. (2021).
11. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública: manual técnico operacional [recurso eletrônico]. (2016).
12. Ministério da Saúde do Brasil. Nota técnica nº 16/2021-CGDE/DCCI/SVS/MS. 2-6 at (2021).
13. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da hanseníase [recurso eletrônico]. (2022).
14. Chhabra S et al. High frequency of ofloxacin resistance patterns of *Mycobacterium leprae* from India: an indication to revisit second line anti-leprosy treatment regimen. *J. Glob. Antimicrob. Resist.* 35, 262-267 (2023).
15. Ministério da Saúde do Brasil. Portaria SCTIE/MS n. 67, de 7 de julho de 2022. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase. 1-107 at https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/protocolos/20220818_pcdt_hanseníase.pdf (2022).
16. NHR Brasil. Guia de aplicação das escalas de estigma (EMIC). *Univ. Fed. do Ceará* 28 (2019).
17. Mahato S, Bhattarai S, Singh R. Inequities towards leprosy-affected people: a challenge during covid-19 pandemic. *PLoS Negl. Trop. Dis.* 14, 1-4 (2020).
18. Thangaraju P, Arulmani M, Venkatesan S, Gurunthalingam M, Thangaraju E. Covid-19 and leprosy-hurdles and possible solutions. *Asian Pac. J. Trop. Med.* 13, 472-473 (2020).
19. Pedrosa VL. et al. Leprosy among schoolchildren in the Amazon region: a cross-sectional study of active search and possible source of infection by contact tracing. *PLoS Negl. Trop. Dis.* 12, 1-12 (2018).
20. Ministério da Saúde do Brasil. Roteiro para uso do Sinan Net Hanseníase e Manual para tabulação dos indicadores de hanseníase. (2022).

Anexo

TABELA 1 Número e proporção de casos de hanseníase segundo o modo de entrada – Brasil, 2013 a 2022

| Modo de entrada | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|--------------------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|----------------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Caso novo | 30.542 | 85,7 | 31.064 | 84,2 | 28.761 | 82,7 | 25.218 | 80,8 | 26.877 | 79,1 | 28.660 | 79,4 | 27.864 | 78,8 | 17.979 | 78,3 | 18.318 | 76,5 | 19.635 | 77,6 | 254.918 | 80,6 |
| Recidiva | 1.373 | 3,9 | 1.619 | 4,4 | 1.589 | 4,6 | 1.431 | 4,6 | 1.734 | 5,1 | 1.840 | 5,1 | 1.698 | 4,8 | 1.153 | 5,0 | 1.212 | 5,1 | 1.277 | 5,0 | 14.926 | 4,7 |
| Outros ingressos | 1.857 | 5,2 | 1.829 | 5,0 | 1.895 | 5,4 | 2.015 | 6,5 | 2.488 | 7,3 | 2.622 | 7,3 | 2.867 | 8,1 | 1.920 | 8,4 | 2.374 | 9,9 | 2.310 | 9,1 | 22.177 | 7,0 |
| Transferências | 1.798 | 5,0 | 2.334 | 6,3 | 2.471 | 7,1 | 2.483 | 8,0 | 2.771 | 8,2 | 2.921 | 8,1 | 2.805 | 7,9 | 1.861 | 8,1 | 1.993 | 8,3 | 1.995 | 7,9 | 23.432 | 7,4 |
| Ignorado/em branco | 52 | 0,1 | 61 | 0,2 | 59 | 0,2 | 57 | 0,2 | 117 | 0,3 | 69 | 0,2 | 109 | 0 | 47 | 0,20 | 56 | 0,20 | 102 | 0,4 | 729 | 0,2 |
| Total | 35.622 | | 36.907 | | 34.775 | | 31.204 | | 33.987 | | 36.112 | | 35.343 | | 22.960 | | 23.953 | | 25.319 | | 316.182 | |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 2 Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo o sexo – Brasil, 2013 a 2022

| Sexo | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|---------------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|-------|--------|------|--------|------|---------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Masculino | 16.839 | 55,1 | 16.953 | 54,6 | 16.055 | 55,8 | 14.060 | 55,8 | 14.895 | 55,4 | 15.581 | 54,4 | 15.393 | 55,2 | 10.235 | 56,90 | 10.503 | 57,3 | 11.158 | 56,8 | 141.672 | 55,6 |
| Feminino | 13.703 | 44,9 | 14.111 | 45,4 | 12.706 | 44,2 | 11.157 | 44,2 | 11.982 | 44,6 | 13.079 | 45,6 | 12.471 | 44,8 | 7.743 | 43,10 | 7.815 | 42,7 | 8.477 | 43,2 | 113.244 | 44,4 |
| Ignorado | 0 | -- | 0 | -- | 0 | -- | 1 | | 0 | -- | 0 | -- | 0 | -- | 1 | | 0 | -- | 0 | -- | 2 | 0,0 |
| Razão de sexo | 1,2 | | 1,2 | | 1,3 | | 1,3 | | 1,2 | | 1,2 | | 1,2 | | 1,3 | | 1,3 | | 1,3 | | 1,3 | |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 3 Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a faixa etária – Brasil, 2013 a 2022

| Faixa etária | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|------------------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|-------|------|-------|------|--------|------|---------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Menor de 15 anos | 2.350 | 7,7 | 2.344 | 7,5 | 2.115 | 7,4 | 1.696 | 6,7 | 1.716 | 6,4 | 1.705 | 5,9 | 1.546 | 5,5 | 878 | 4,9 | 761 | 4,2 | 836 | 4,3 | 15.947 | 6,3 |
| 15 a 29 anos | 5.181 | 17,0 | 5.192 | 16,7 | 4.547 | 15,8 | 3.996 | 15,8 | 4.049 | 15,1 | 4.232 | 14,8 | 4.047 | 14,5 | 2.620 | 14,6 | 2.442 | 13,3 | 2.593 | 13,2 | 38.899 | 15,3 |
| 30 a 59 anos | 16.121 | 52,8 | 16.738 | 53,9 | 15.510 | 53,9 | 13.674 | 54,2 | 14.466 | 53,8 | 15.774 | 55,0 | 15.275 | 54,8 | 9.603 | 53,4 | 9.785 | 53,4 | 10.433 | 53,1 | 137.379 | 53,9 |
| 60 anos ou mais | 6.890 | 22,6 | 6.790 | 21,9 | 6.589 | 22,9 | 5.852 | 23,2 | 6.646 | 24,7 | 6.949 | 24,2 | 6.996 | 25,1 | 4.878 | 27,1 | 5.330 | 29,1 | 5.773 | 29,4 | 62.693 | 24,6 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 4 Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a raça/cor da pele – Brasil, 2013 a 2022

| Raça/cor | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|--------------------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|---------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Branca | 7.934 | 26,0 | 7.978 | 25,7 | 7.173 | 24,9 | 6.187 | 24,5 | 6.511 | 24,2 | 6.705 | 23,4 | 6.751 | 24,2 | 4.369 | 24,3 | 4.397 | 24,0 | 4.382 | 22,3 | 62.387 | 24,5 |
| Preta | 3.721 | 12,2 | 3.828 | 12,3 | 3.440 | 12 | 3.028 | 12,0 | 3.332 | 12,4 | 3.455 | 12,1 | 3.398 | 12,2 | 2.057 | 11,4 | 2.178 | 11,9 | 2.475 | 12,6 | 30.912 | 12,1 |
| Amarela | 276 | 0,9 | 236 | 0,8 | 226 | 0,8 | 236 | 0,9 | 278 | 1,0 | 304 | 1,1 | 335 | 1,2 | 226 | 1,3 | 190 | 1,0 | 223 | 1,1 | 2.530 | 1,0 |
| Parda | 17.132 | 56,1 | 17.729 | 57,1 | 16.699 | 58,1 | 14.752 | 58,5 | 15.701 | 58,4 | 17.084 | 59,6 | 16.412 | 58,9 | 10.609 | 59,0 | 10.744 | 58,7 | 11.690 | 59,5 | 148.552 | 58,3 |
| Indígena | 119 | 0,4 | 127 | 0,4 | 129 | 0,4 | 92 | 0,4 | 170 | 0,6 | 128 | 0,4 | 152 | 0,5 | 68 | 0,4 | 85 | 0,5 | 108 | 0,6 | 1.178 | 0,5 |
| Ignorado/em branco | 1.360 | 4,5 | 1.166 | 3,8 | 1.094 | 3,8 | 923 | 3,7 | 885 | 3,3 | 984 | 3,4 | 816 | 2,9 | 650 | 3,6 | 724 | 4,0 | 757 | 3,9 | 9.359 | 3,7 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 5 Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a escolaridade – Brasil, 2013 a 2022

| Escolaridade | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|--|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|-------|------|-------|------|-------|------|---------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Analfabeto | 2.889 | 9,5 | 2.991 | 9,6 | 2.827 | 9,8 | 2.278 | 9,0 | 2.465 | 9,2 | 2.422 | 8,5 | 2.316 | 8,3 | 1.371 | 7,6 | 1.359 | 7,4 | 1.369 | 7,0 | 22.287 | 8,7 |
| Ensino fundamental incompleto e completo | 15.862 | 51,9 | 15.842 | 51,0 | 14.434 | 50,2 | 12.290 | 48,7 | 12.757 | 47,5 | 13.611 | 47,5 | 13.054 | 46,8 | 7.713 | 42,9 | 7.718 | 42,1 | 8.123 | 41,4 | 121.404 | 47,6 |
| Ensino médio incompleto e completo | 5.080 | 16,6 | 5.544 | 17,8 | 5.083 | 17,7 | 4.797 | 19,0 | 5.186 | 19,3 | 5.848 | 20,4 | 5.831 | 20,9 | 3.821 | 21,3 | 3.712 | 20,3 | 4.194 | 21,4 | 49.096 | 19,3 |
| Ensino superior incompleto e completo | 1.124 | 3,7 | 1.148 | 17,7 | 1.222 | 4,2 | 1.185 | 4,7 | 1.293 | 4,8 | 1.552 | 5,4 | 1.657 | 5,9 | 1.121 | 6,2 | 1.142 | 6,2 | 1.204 | 6,1 | 12.648 | 5,0 |
| Não se aplica | 281 | 0,9 | 246 | 19,0 | 231 | 0,8 | 221 | 0,9 | 210 | 0,8 | 186 | 0,6 | 162 | 0,6 | 115 | 0,6 | 86 | 0,5 | 85 | 0,4 | 1.823 | 0,7 |
| Ignorado/em branco | 5.306 | 17,4 | 5.293 | 19,3 | 4.964 | 17,3 | 4.447 | 17,6 | 4.966 | 18,5 | 5.041 | 17,6 | 4.844 | 17,4 | 3.838 | 21,3 | 4.301 | 23,5 | 4.660 | 23,7 | 47.660 | 18,7 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 6 Número e taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil habitantes) segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022

| Região/UF de residência | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | |
|-------------------------|---------------|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx |
| BRASIL | 31.044 | 15,44 | 31.064 | 15,32 | 28.761 | 14,07 | 25.218 | 12,23 | 26.875 | 12,94 | 28.660 | 13,70 | 27.864 | 13,23 | 17.979 | 8,49 | 18.318 | 8,59 | 19.635 | 9,67 |
| Região Norte | 6.095 | 35,89 | 6.113 | 35,41 | 5.181 | 29,65 | 5.092 | 28,70 | 5.169 | 28,82 | 5.802 | 31,95 | 5.261 | 28,63 | 3.278 | 17,56 | 3.324 | 17,58 | 3.215 | 15,53 |
| Rondônia | 735 | 42,53 | 721 | 41,23 | 584 | 33,03 | 476 | 26,63 | 503 | 27,85 | 741 | 40,63 | 465 | 25,26 | 352 | 19,59 | 363 | 20,00 | 372 | 23,53 |
| Acre | 137 | 17,64 | 141 | 17,85 | 129 | 16,05 | 116 | 14,20 | 125 | 15,07 | 133 | 15,79 | 110 | 12,87 | 83 | 9,28 | 109 | 12,02 | 135 | 16,26 |
| Amazonas | 693 | 18,20 | 567 | 14,64 | 512 | 13,00 | 448 | 11,20 | 460 | 11,32 | 425 | 10,31 | 407 | 9,73 | 240 | 5,70 | 353 | 8,27 | 347 | 8,80 |
| Roraima | 127 | 26,02 | 83 | 16,70 | 78 | 15,43 | 84 | 16,34 | 133 | 25,45 | 107 | 20,16 | 87 | 16,14 | 39 | 6,18 | 56 | 8,43 | 53 | 8,33 |
| Pará | 3.368 | 42,26 | 3.432 | 42,34 | 2.889 | 35,34 | 2.527 | 30,43 | 2.598 | 31,05 | 2.574 | 30,44 | 2.548 | 29,82 | 1.643 | 18,91 | 1.634 | 18,62 | 1.479 | 18,22 |
| Amapá | 134 | 18,23 | 123 | 16,38 | 109 | 14,22 | 90 | 11,50 | 101 | 12,66 | 109 | 13,41 | 117 | 14,13 | 63 | 7,31 | 38 | 4,33 | 60 | 8,18 |
| Tocantins | 901 | 60,95 | 1.046 | 69,88 | 880 | 58,08 | 1.351 | 88,13 | 1.249 | 80,57 | 1.713 | 109,32 | 1.527 | 96,44 | 858 | 53,95 | 771 | 47,97 | 769 | 50,88 |
| Região Nordeste | 13.276 | 23,79 | 13.523 | 24,07 | 12.848 | 22,72 | 10.984 | 19,30 | 11.783 | 20,58 | 11.725 | 20,36 | 11.561 | 19,97 | 7.631 | 13,30 | 8.012 | 13,89 | 8.879 | 16,25 |
| Maranhão | 3.739 | 55,03 | 3.632 | 53,02 | 3.540 | 51,27 | 3.298 | 47,43 | 3.115 | 44,50 | 3.165 | 44,94 | 3.189 | 45,02 | 1.891 | 26,58 | 1.941 | 27,13 | 2.349 | 34,67 |
| Piauí | 981 | 30,81 | 1.038 | 32,49 | 1.015 | 31,69 | 888 | 27,64 | 1.071 | 33,27 | 1.021 | 31,66 | 877 | 27,15 | 534 | 16,27 | 670 | 20,37 | 743 | 22,73 |
| Ceará | 2.071 | 23,59 | 2.027 | 22,92 | 1.838 | 20,64 | 1.698 | 18,94 | 1.555 | 17,24 | 1.691 | 18,63 | 1.575 | 17,25 | 1.149 | 12,51 | 1.209 | 13,08 | 1.142 | 12,99 |
| Rio Grande do Norte | 273 | 8,09 | 272 | 7,98 | 269 | 7,81 | 198 | 5,70 | 253 | 7,21 | 257 | 7,26 | 192 | 5,38 | 195 | 5,52 | 205 | 5,76 | 179 | 5,42 |
| Paraíba | 647 | 16,53 | 587 | 14,88 | 526 | 13,24 | 385 | 9,63 | 481 | 11,95 | 518 | 12,79 | 616 | 15,12 | 399 | 9,88 | 379 | 9,34 | 389 | 9,79 |
| Pernambuco | 2.593 | 28,16 | 2.583 | 27,84 | 2.395 | 25,63 | 1.856 | 19,72 | 2.410 | 25,44 | 2.263 | 23,73 | 2.517 | 26,24 | 1.591 | 16,54 | 1.547 | 15,99 | 1.849 | 20,41 |
| Alagoas | 346 | 10,48 | 341 | 10,27 | 353 | 10,57 | 273 | 8,13 | 306 | 9,06 | 357 | 10,53 | 282 | 8,28 | 218 | 6,50 | 264 | 7,84 | 279 | 8,92 |
| Sergipe | 389 | 17,72 | 416 | 18,74 | 364 | 16,23 | 311 | 13,73 | 367 | 16,04 | 322 | 13,94 | 323 | 13,85 | 249 | 10,74 | 260 | 11,12 | 258 | 11,68 |
| Bahia | 2.237 | 14,87 | 2.627 | 17,37 | 2.548 | 16,76 | 2.077 | 13,60 | 2.225 | 14,50 | 2.131 | 13,83 | 1.990 | 12,87 | 1.405 | 9,41 | 1.537 | 10,26 | 1.691 | 11,96 |
| Região Sudeste | 4.712 | 5,58 | 4.510 | 5,30 | 4.041 | 4,71 | 3.601 | 4,17 | 3.774 | 4,34 | 3.691 | 4,22 | 3.729 | 4,23 | 2.578 | 2,90 | 2.904 | 3,24 | 3.128 | 3,69 |
| Minas Gerais | 1.243 | 6,04 | 1.215 | 5,86 | 1.141 | 5,47 | 1.122 | 5,34 | 1.111 | 5,26 | 1.047 | 4,93 | 1.108 | 5,19 | 749 | 3,52 | 872 | 4,07 | 1.037 | 5,05 |
| Espírito Santo | 748 | 19,48 | 619 | 15,93 | 631 | 16,06 | 436 | 10,97 | 491 | 12,23 | 466 | 11,48 | 508 | 12,39 | 304 | 7,48 | 317 | 7,72 | 386 | 10,07 |
| Rio de Janeiro | 1.212 | 7,40 | 1.212 | 7,36 | 1.057 | 6,39 | 721 | 4,33 | 933 | 5,58 | 946 | 5,63 | 931 | 5,52 | 579 | 3,33 | 681 | 3,90 | 636 | 3,96 |
| São Paulo | 1.509 | 3,46 | 1.464 | 3,32 | 1.212 | 2,73 | 1.322 | 2,95 | 1.239 | 2,75 | 1.232 | 2,71 | 1.182 | 2,58 | 946 | 2,04 | 1.034 | 2,22 | 1.069 | 2,41 |

continua

conclusão

| Região/UF de residência | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | |
|----------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx | n | tx |
| Região Sul | 1.175 | 4,08 | 1.035 | 3,57 | 1.021 | 3,49 | 836 | 2,84 | 776 | 2,62 | 797 | 2,67 | 806 | 2,68 | 558 | 1,85 | 652 | 2,13 | 643 | 2,15 |
| Paraná | 865 | 7,87 | 744 | 6,71 | 729 | 6,53 | 585 | 5,20 | 554 | 4,89 | 559 | 4,91 | 571 | 4,98 | 388 | 3,37 | 423 | 3,62 | 393 | 3,43 |
| Santa Catarina | 154 | 2,32 | 151 | 2,24 | 171 | 2,51 | 147 | 2,13 | 113 | 1,61 | 122 | 1,72 | 143 | 1,99 | 106 | 1,46 | 136 | 1,85 | 162 | 2,13 |
| Rio Grande do Sul | 156 | 1,40 | 140 | 1,25 | 121 | 1,08 | 104 | 0,92 | 109 | 0,96 | 116 | 1,02 | 92 | 0,81 | 64 | 0,56 | 93 | 0,81 | 88 | 0,81 |
| Região Centro-Oeste | 5.786 | 38,59 | 5.878 | 38,62 | 5.667 | 44,30 | 4.701 | 30,02 | 5.373 | 33,84 | 6.642 | 41,29 | 6.506 | 39,93 | 3.934 | 23,84 | 3.426 | 20,50 | 3.770 | 23,15 |
| Mato Grosso do Sul | 753 | 29,10 | 1.063 | 40,58 | 711 | 26,82 | 408 | 15,21 | 387 | 14,26 | 352 | 12,83 | 493 | 17,78 | 265 | 9,43 | 264 | 9,30 | 247 | 8,96 |
| Mato Grosso | 2.915 | 91,61 | 2.645 | 82,03 | 3.037 | 93,00 | 2.665 | 80,62 | 3.452 | 103,21 | 4.678 | 138,30 | 4.424 | 129,38 | 2.519 | 71,44 | 2.096 | 58,76 | 2.422 | 66,20 |
| Goiás | 1.943 | 30,20 | 1.890 | 28,97 | 1.702 | 25,75 | 1.452 | 21,69 | 1.369 | 20,20 | 1.472 | 21,46 | 1.421 | 20,48 | 932 | 13,10 | 934 | 12,95 | 946 | 13,41 |
| Distrito Federal | 175 | 6,27 | 280 | 9,82 | 217 | 7,44 | 176 | 5,91 | 165 | 5,43 | 140 | 4,51 | 168 | 5,31 | 218 | 7,14 | 132 | 4,27 | 155 | 5,50 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 7 Proporção de casos novos de hanseníase avaliados no momento do diagnóstico quanto ao GIF segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| BRASIL | 88,1 | 88,1 | 87,1 | 87,3 | 87,1 | 86,5 | 85,6 | 83,7 | 84,7 | 85,1 |
| Região Norte | 91,6 | 91,6 | 91,9 | 92,3 | 93,4 | 93,6 | 92,5 | 92,5 | 93,7 | 92,4 |
| Rondônia | 95,2 | 95,2 | 95,0 | 93,3 | 93,8 | 95,0 | 92,5 | 89,8 | 91,5 | 93,5 |
| Acre | 94,2 | 94,2 | 96,9 | 97,4 | 94,4 | 94,7 | 94,5 | 94,0 | 93,6 | 95,6 |
| Amazonas | 91,9 | 91,9 | 89,1 | 93,5 | 95,2 | 94,8 | 93,1 | 90,4 | 93,5 | 93,4 |
| Roraima | 85,8 | 85,8 | 70,5 | 73,8 | 87,2 | 80,4 | 74,7 | 69,2 | 89,1 | 75,5 |
| Pará | 91,6 | 91,6 | 93,6 | 94,0 | 94,0 | 93,6 | 92,9 | 93,4 | 93,9 | 93,2 |
| Amapá | 96,3 | 96,3 | 99,1 | 97,8 | 98,0 | 94,5 | 94,0 | 96,8 | 100,0 | 91,7 |
| Tocantins | 88,0 | 88,0 | 86,4 | 88,6 | 91,5 | 93,2 | 92,3 | 93,2 | 94,4 | 90,6 |
| Região Nordeste | 84,9 | 84,9 | 84,0 | 83,3 | 82,2 | 82,4 | 80,8 | 79,3 | 81,1 | 81,7 |
| Maranhão | 86,7 | 86,7 | 85,5 | 83,8 | 84,6 | 84,9 | 86,2 | 85,0 | 91,0 | 93,6 |
| Piauí | 88,0 | 88,0 | 85,7 | 89,0 | 89,8 | 89,1 | 87,9 | 85,2 | 87,2 | 85,3 |
| Ceará | 81,1 | 81,1 | 81,9 | 82,5 | 81,3 | 81,0 | 72,4 | 77,3 | 72,0 | 72,4 |
| Rio Grande do Norte | 72,9 | 72,9 | 75,8 | 67,7 | 53,0 | 81,3 | 69,8 | 73,8 | 76,1 | 72,6 |

continua

conclusão

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|----------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Paraíba | 85,8 | 85,8 | 83,7 | 83,6 | 84,8 | 81,5 | 72,6 | 60,4 | 77,8 | 74,8 |
| Pernambuco | 85,9 | 85,9 | 87,5 | 84,6 | 79,8 | 77,8 | 78,2 | 79,4 | 79,9 | 76,1 |
| Alagoas | 85,5 | 85,5 | 85,0 | 83,9 | 78,1 | 82,1 | 78,7 | 77,1 | 83,3 | 83,9 |
| Sergipe | 81,5 | 81,5 | 86,5 | 83,0 | 80,7 | 83,5 | 86,1 | 75,1 | 77,7 | 91,1 |
| Bahia | 84,4 | 84,4 | 79,9 | 81,2 | 82,2 | 81,6 | 81,9 | 78,2 | 75,9 | 76,5 |
| Região Sudeste | 91,9 | 91,9 | 91,1 | 92,1 | 90,8 | 89,5 | 86,9 | 87,4 | 86,5 | 88,2 |
| Minas Gerais | 94,0 | 94,0 | 92,1 | 92,4 | 89,7 | 90,4 | 88,3 | 86,6 | 88,4 | 90,8 |
| Espírito Santo | 97,6 | 97,6 | 94,8 | 93,1 | 95,5 | 93,3 | 86,8 | 100,0 | 84,5 | 89,1 |
| Rio de Janeiro | 88,3 | 88,3 | 90,5 | 90,0 | 90,1 | 85,1 | 81,4 | 83,9 | 85,2 | 85,5 |
| São Paulo | 90,1 | 90,1 | 88,7 | 92,6 | 90,3 | 90,6 | 90,0 | 86,2 | 86,5 | 86,8 |
| Região Sul | 94,6 | 94,6 | 91,3 | 92,6 | 91,8 | 92,3 | 91,8 | 83,7 | 88,4 | 88,2 |
| Paraná | 96,6 | 96,6 | 94,0 | 94,5 | 94,9 | 95,5 | 93,7 | 84,8 | 87,9 | 88,8 |
| Santa Catarina | 90,3 | 90,3 | 90,6 | 91,2 | 82,3 | 79,5 | 89,5 | 82,1 | 89,0 | 88,9 |
| Rio Grande do Sul | 87,8 | 87,8 | 76,0 | 83,7 | 85,3 | 90,5 | 83,7 | 79,7 | 90,3 | 84,1 |
| Região Centro-Oeste | 87,7 | 87,7 | 86,3 | 86,7 | 88,5 | 85,1 | 87,0 | 82,3 | 82,3 | 83,8 |
| Mato Grosso do Sul | 78,0 | 78,0 | 83,1 | 74,0 | 82,4 | 76,4 | 77,5 | 78,5 | 78,4 | 73,7 |
| Mato Grosso | 85,8 | 85,8 | 82,5 | 83,6 | 87,1 | 83,2 | 86,0 | 78,5 | 79,3 | 81,7 |
| Goiás | 93,7 | 93,7 | 94,2 | 95,9 | 95,0 | 94,4 | 93,2 | 93,1 | 91,2 | 92,5 |
| Distrito Federal | 93,7 | 93,7 | 86,6 | 88,1 | 79,4 | 71,4 | 87,5 | 83,9 | 75,8 | 80,6 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 8 Proporção de casos novos de hanseníase com GIF 2 no momento do diagnóstico segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|-------------------------|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| BRASIL | 7,3 | 6,6 | 7,5 | 7,9 | 8,3 | 8,5 | 10,0 | 10,0 | 11,2 | 11,5 |
| Região Norte | 6,7 | 6,1 | 6,7 | 7,3 | 8,4 | 8,7 | 9,7 | 8,8 | 12,2 | 11,5 |
| Rondônia | 6,3 | 5,7 | 8,5 | 5,6 | 7,2 | 9,4 | 7,9 | 9,5 | 13,9 | 9,2 |
| Acre | 4,7 | 8,5 | 1,6 | 1,8 | 7,6 | 13,5 | 9,9 | 9,0 | 14,7 | 14,0 |
| Amazonas | 11,1 | 7,8 | 8,6 | 11,0 | 11,0 | 9,2 | 12,4 | 13,8 | 15,2 | 9,6 |
| Roraima | 4,6 | 8,4 | 10,9 | 6,5 | 8,6 | 11,6 | 11,5 | 3,7 | 8,2 | 15,0 |
| Pará | 5,9 | 6,2 | 5,7 | 7,2 | 7,9 | 8,3 | 9,1 | 8,3 | 9,8 | 10,8 |
| Amapá | 10,1 | 4,1 | 15,7 | 6,8 | 6,1 | 7,8 | 7,3 | 9,8 | 21,1 | 10,9 |
| Tocantins | 6,4 | 5,2 | 7,2 | 7,3 | 9,5 | 8,3 | 10,6 | 8,1 | 14,6 | 14,3 |
| Região Nordeste | 6,8 | 5,7 | 7,2 | 6,7 | 7,9 | 8,3 | 8,8 | 8,7 | 9,7 | 9,6 |
| Maranhão | 7,0 | 5,9 | 7,9 | 6,9 | 7,3 | 7,7 | 8,3 | 8,0 | 9,6 | 8,5 |
| Piauí | 5,1 | 5,7 | 5,2 | 5,6 | 7,7 | 7,1 | 5,0 | 7,9 | 10,3 | 9,1 |
| Ceará | 7,7 | 5,2 | 9,1 | 8,1 | 8,5 | 10,7 | 11,5 | 9,1 | 11,0 | 12,1 |
| Rio Grande do Norte | 6,0 | 5,5 | 9,3 | 10,4 | 11,2 | 9,6 | 11,0 | 13,2 | 10,3 | 12,3 |
| Paraíba | 7,4 | 6,3 | 8,9 | 9,9 | 10,5 | 11,4 | 11,0 | 10,0 | 12,2 | 8,9 |
| Pernambuco | 4,3 | 4,8 | 4,8 | 5,2 | 5,8 | 7,2 | 9,2 | 8,2 | 9,1 | 10,3 |
| Alagoas | 10,8 | 4,1 | 11,0 | 9,6 | 9,6 | 8,5 | 8,7 | 10,7 | 10,9 | 15,0 |
| Sergipe | 8,8 | 7,0 | 8,6 | 7,0 | 12,8 | 8,9 | 10,1 | 9,1 | 8,9 | 6,4 |
| Bahia | 8,2 | 6,4 | 6,5 | 5,6 | 8,6 | 7,7 | 7,8 | 8,8 | 8,4 | 9,0 |
| Região Sudeste | 9,8 | 10,5 | 10,2 | 13,1 | 11,9 | 11,7 | 14,6 | 15,0 | 15,0 | 16,1 |
| Minas Gerais | 10,4 | 10,9 | 12,4 | 13,9 | 12,0 | 11,8 | 15,3 | 15,1 | 18,9 | 19,0 |
| Espírito Santo | 5,9 | 8,1 | 4,8 | 8,9 | 5,8 | 4,8 | 6,6 | 6,6 | 10,8 | 15,7 |
| Rio de Janeiro | 10,4 | 10,1 | 11,2 | 12,8 | 13,2 | 10,8 | 14,6 | 13,8 | 13,3 | 10,7 |
| São Paulo | 10,9 | 11,3 | 10,2 | 14,1 | 13,5 | 15,0 | 17,6 | 18,9 | 13,9 | 16,4 |
| Região Sul | 9,4 | 9,6 | 9,9 | 11,5 | 12,4 | 14,5 | 15,4 | 12,4 | 14,1 | 15,2 |
| Paraná | 8,0 | 8,6 | 8,6 | 8,7 | 9,9 | 12,9 | 13,9 | 10,6 | 11,1 | 12,6 |
| Santa Catarina | 11,5 | 10,6 | 11,0 | 17,9 | 18,3 | 12,4 | 15,6 | 12,6 | 19,0 | 16,0 |
| Rio Grande do Sul | 16,1 | 13,6 | 17,4 | 19,5 | 20,4 | 24,8 | 25,8 | 23,5 | 20,2 | 25,7 |

continua

conclusão

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|----------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|
| Região Centro-Oeste | 6,5 | 5,5 | 6,5 | 6,3 | 5,9 | 6,2 | 8,9 | 9,8 | 9,6 | 11,0 |
| Mato Grosso do Sul | 11,1 | 6,1 | 12,4 | 13,6 | 9,7 | 10,4 | 15,5 | 15,9 | 14,5 | 13,7 |
| Mato Grosso | 5,6 | 5,0 | 5,4 | 4,5 | 5,0 | 5,4 | 7,6 | 7,8 | 8,4 | 10,9 |
| Goiás | 6,3 | 6,1 | 5,9 | 6,4 | 6,5 | 7,3 | 10,9 | 9,3 | 9,2 | 10,9 |
| Distrito Federal | 7,9 | 5,0 | 8,0 | 16,8 | 13,7 | 8,0 | 8,6 | 25,7 | 25,0 | 11,2 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 9 Número e proporção de casos novos de hanseníase multibacilares segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022

| Região/UF de residência | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | |
|-------------------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % |
| BRASIL | 20.005 | 64,4 | 20.474 | 65,9 | 19.813 | 68,9 | 18.224 | 72,3 | 19.843 | 73,8 | 22.127 | 77,2 | 21.851 | 78,4 | 14.400 | 80,1 | 14.752 | 80,5 | 15.944 | 81,2 |
| Região Norte | 3.831 | 62,9 | 3.840 | 62,8 | 3.467 | 66,9 | 3.703 | 72,7 | 3.829 | 74,1 | 4.587 | 79,1 | 4.196 | 79,8 | 2.702 | 82,4 | 2.732 | 82,2 | 2.688 | 83,6 |
| Rondônia | 476 | 64,8 | 493 | 68,4 | 399 | 68,3 | 338 | 71,0 | 382 | 75,9 | 610 | 82,3 | 368 | 79,1 | 302 | 85,8 | 308 | 84,8 | 305 | 82,0 |
| Acre | 106 | 77,4 | 111 | 78,7 | 102 | 79,1 | 90 | 77,6 | 88 | 70,4 | 112 | 84,2 | 95 | 86,4 | 71 | 85,5 | 96 | 88,1 | 132 | 97,8 |
| Amazonas | 414 | 59,7 | 300 | 52,9 | 301 | 58,8 | 257 | 57,4 | 260 | 56,5 | 281 | 66,1 | 263 | 64,6 | 171 | 71,3 | 265 | 75,1 | 276 | 79,5 |
| Roraima | 83 | 65,4 | 52 | 62,7 | 65 | 83,3 | 60 | 71,4 | 103 | 77,4 | 81 | 75,7 | 67 | 77,0 | 30 | 76,9 | 46 | 81,8 | 44 | 83,0 |
| Pará | 2.213 | 65,7 | 2.243 | 65,4 | 1.958 | 67,8 | 1.817 | 71,9 | 1.904 | 73,3 | 1.927 | 74,9 | 1.983 | 77,8 | 1.334 | 81,2 | 1.311 | 80,2 | 1.210 | 81,8 |
| Amapá | 70 | 52,2 | 71 | 57,7 | 78 | 71,6 | 52 | 57,8 | 67 | 66,3 | 80 | 73,4 | 67 | 57,3 | 38 | 60,3 | 25 | 65,8 | 39 | 65,0 |
| Tocantins | 469 | 52,1 | 570 | 54,5 | 564 | 64,1 | 1.089 | 80,6 | 1.025 | 82,1 | 1.496 | 87,3 | 1.353 | 88,6 | 756 | 88,1 | 681 | 88,3 | 682 | 88,7 |
| Região Nordeste | 8.032 | 60,5 | 8.422 | 62,3 | 8.347 | 65,0 | 7.447 | 67,8 | 8.039 | 68,2 | 8.229 | 70,2 | 8.439 | 73,0 | 5.698 | 74,7 | 6.055 | 75,6 | 6.841 | 77,0 |
| Maranhão | 2.575 | 68,9 | 2.584 | 71,1 | 2.646 | 74,7 | 2.573 | 78,0 | 2.395 | 76,9 | 2.447 | 77,3 | 2.573 | 80,7 | 1.571 | 83,1 | 1.584 | 81,6 | 1.950 | 83,0 |
| Piauí | 565 | 57,6 | 635 | 61,2 | 614 | 60,5 | 566 | 63,7 | 728 | 68,0 | 744 | 72,9 | 649 | 74,0 | 413 | 77,3 | 522 | 77,9 | 590 | 79,4 |
| Ceará | 1.298 | 62,7 | 1.241 | 61,2 | 1.201 | 65,3 | 1.148 | 67,6 | 1.056 | 67,9 | 1.160 | 68,6 | 1.057 | 67,1 | 824 | 71,7 | 882 | 73,0 | 827 | 72,4 |
| Rio Grande do Norte | 143 | 52,4 | 158 | 58,1 | 164 | 61,0 | 123 | 62,1 | 166 | 65,6 | 160 | 62,3 | 124 | 64,6 | 143 | 73,3 | 133 | 64,9 | 114 | 63,7 |
| Paraíba | 352 | 54,4 | 337 | 57,4 | 309 | 58,7 | 238 | 61,8 | 290 | 60,3 | 327 | 63,1 | 421 | 68,3 | 281 | 70,4 | 271 | 71,5 | 256 | 65,8 |
| Pernambuco | 1.312 | 50,6 | 1.442 | 55,8 | 1.327 | 55,4 | 1.063 | 57,3 | 1.545 | 64,1 | 1.529 | 67,6 | 1.806 | 71,8 | 1.154 | 72,5 | 1.192 | 77,1 | 1.479 | 80,0 |
| Alagoas | 190 | 54,9 | 174 | 51,0 | 211 | 59,8 | 162 | 59,3 | 176 | 57,5 | 224 | 62,7 | 181 | 64,2 | 150 | 68,8 | 197 | 74,6 | 190 | 68,1 |
| Sergipe | 207 | 53,2 | 204 | 49,0 | 181 | 49,7 | 174 | 55,9 | 223 | 60,8 | 183 | 56,8 | 192 | 59,4 | 148 | 59,4 | 173 | 66,5 | 175 | 67,8 |
| Bahia | 1.390 | 62,1 | 1.647 | 62,7 | 1.694 | 66,5 | 1.400 | 67,4 | 1.460 | 65,6 | 1.455 | 68,3 | 1.436 | 72,2 | 1.014 | 72,2 | 1.101 | 71,6 | 1.260 | 74,5 |

continua

conclusão

| Região/UF de residência | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | |
|----------------------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|--------------|-------------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % |
| Região Sudeste | 2.970 | 63,0 | 2.868 | 63,6 | 2.628 | 65,0 | 2.518 | 69,9 | 2.734 | 72,4 | 2.636 | 71,4 | 2.688 | 72,1 | 1.924 | 74,6 | 2.264 | 78,0 | 2.439 | 78,0 |
| Minas Gerais | 874 | 70,3 | 850 | 70,0 | 832 | 72,9 | 834 | 74,3 | 852 | 76,7 | 789 | 75,4 | 794 | 71,7 | 542 | 72,4 | 691 | 79,2 | 824 | 79,5 |
| Espírito Santo | 368 | 49,2 | 320 | 51,7 | 308 | 48,8 | 230 | 52,8 | 300 | 61,1 | 280 | 60,1 | 329 | 64,8 | 183 | 60,2 | 241 | 76,0 | 279 | 72,3 |
| Rio de Janeiro | 727 | 60,0 | 691 | 57,0 | 653 | 61,8 | 464 | 64,4 | 626 | 67,1 | 621 | 65,6 | 632 | 67,9 | 416 | 71,8 | 469 | 68,9 | 452 | 71,1 |
| São Paulo | 1.001 | 66,3 | 1.007 | 68,8 | 835 | 68,9 | 990 | 74,9 | 956 | 77,2 | 946 | 76,8 | 933 | 78,9 | 783 | 82,8 | 863 | 83,5 | 884 | 82,7 |
| Região Sul | 898 | 76,4 | 805 | 77,8 | 815 | 79,8 | 676 | 80,9 | 638 | 82,2 | 673 | 84,4 | 658 | 81,6 | 468 | 83,9 | 548 | 84,0 | 543 | 84,4 |
| Paraná | 677 | 78,3 | 586 | 78,8 | 584 | 80,1 | 468 | 80,0 | 453 | 81,8 | 472 | 84,4 | 467 | 81,8 | 324 | 83,5 | 348 | 82,1 | 333 | 84,7 |
| Santa Catarina | 109 | 70,8 | 110 | 72,8 | 130 | 76,0 | 114 | 77,6 | 88 | 77,9 | 99 | 81,1 | 117 | 81,8 | 91 | 85,8 | 115 | 84,6 | 131 | 80,9 |
| Rio Grande do Sul | 112 | 71,8 | 109 | 77,9 | 101 | 83,5 | 94 | 90,4 | 97 | 89,0 | 102 | 87,9 | 74 | 80,4 | 53 | 82,8 | 85 | 91,4 | 79 | 89,8 |
| Região Centro-Oeste | 4.274 | 73,9 | 4.536 | 77,2 | 4.554 | 80,4 | 3.876 | 82,5 | 4.603 | 85,7 | 5.999 | 90,3 | 5.872 | 90,2 | 3.608 | 91,7 | 3.153 | 92,0 | 3.433 | 91,1 |
| Mato Grosso do Sul | 579 | 76,9 | 863 | 81,2 | 605 | 85,1 | 323 | 79,2 | 309 | 79,8 | 287 | 81,5 | 372 | 75,5 | 227 | 85,7 | 229 | 86,7 | 208 | 84,2 |
| Mato Grosso | 2.153 | 73,9 | 2.040 | 77,1 | 2.457 | 80,9 | 2.302 | 86,4 | 3.065 | 88,8 | 4.380 | 93,6 | 4.186 | 94,6 | 2.423 | 96,2 | 2.003 | 95,6 | 2.333 | 96,3 |
| Goiás | 1.409 | 72,5 | 1.421 | 75,2 | 1.312 | 77,1 | 1.114 | 76,7 | 1.092 | 79,8 | 1.209 | 82,1 | 1.180 | 83,0 | 761 | 81,7 | 804 | 86,1 | 767 | 81,1 |
| Distrito Federal | 133 | 76,0 | 212 | 75,7 | 180 | 82,9 | 137 | 77,8 | 137 | 83,0 | 123 | 87,9 | 134 | 79,8 | 197 | 90,4 | 117 | 88,6 | 125 | 80,6 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 10 Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo a forma clínica – Brasil, 2013 a 2022

| Forma clínica | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|--------------------|-------|------|-------|------|-------|------|-------|------|-------|------|---------|------|-------|------|-------|------|------|------|------|------|--------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Indeterminada | 5020 | 16,4 | 4966 | 16,0 | 4188 | 14,6 | 3392 | 13,5 | 3537 | 13,2 | 3390 | 11,8 | 3220 | 11,6 | 1957 | 10,9 | 1894 | 10,3 | 2080 | 10,6 | 33644 | 13,2 |
| Tuberculoide | 5671 | 18,6 | 5621 | 18,1 | 4807 | 16,7 | 3692 | 14,6 | 3749 | 13,9 | 3505 | 12,2 | 3165 | 11,4 | 2008 | 11,2 | 2135 | 11,7 | 2181 | 11,1 | 36534 | 14,3 |
| Dimorfa | 12300 | 40,3 | 12593 | 40,5 | 12374 | 43,0 | 11823 | 46,9 | 12745 | 47,4 | 14686 | 51,2 | 14679 | 52,7 | 9089 | 50,6 | 8961 | 48,9 | 9695 | 49,4 | 118945 | 46,7 |
| Virchowiana | 5192 | 17,0 | 5023 | 16,2 | 4783 | 16,6 | 4034 | 16,0 | 4197 | 15,6 | 4396 | 15,3 | 4234 | 15,2 | 3040 | 16,9 | 3330 | 18,2 | 3478 | 17,7 | 41707 | 16,4 |
| Não classificado | 1488 | 4,9 | 1669 | 5,4 | 1481 | 5,1 | 1388 | 5,5 | 1653 | 6,2 | 1567 | 5,5 | 1481 | 5,3 | 1140 | 6,3 | 1191 | 6,5 | 1380 | 7,0 | 14438 | 5,7 |
| Ignorado/em branco | 871 | 2,9 | 1192 | 3,8 | 1.128 | 3,9 | 889 | 3,5 | 996 | 3,7 | 1.116,0 | 3,9 | 1.085 | 3,9 | 745,0 | 4,1 | 807 | 4,4 | 821 | 4,2 | 9.650 | 3,8 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 11 Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo baciloscopia – Brasil, 2013 a 2022

| Baciloscopia | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020* | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|--------------------|--------|------|--------|------|---------|------|-------|------|--------|------|--------|------|--------|------|-------|------|-------|------|-------|------|--------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Positiva | 7.641 | 25,0 | 7.470 | 24,0 | 6.895 | 24,0 | 6.072 | 24,1 | 6.389 | 23,8 | 6.470 | 22,6 | 6.343 | 22,8 | 4.719 | 26,2 | 5.138 | 28,0 | 5.460 | 27,8 | 62.597 | 24,6 |
| Negativa | 10.869 | 35,6 | 10.635 | 34,2 | 9.691,0 | 33,7 | 8.495 | 33,7 | 8.354 | 31,1 | 8.514 | 29,7 | 8.038 | 28,8 | 5.202 | 28,9 | 5.304 | 29,0 | 5.848 | 29,8 | 80.950 | 31,7 |
| Não realizada | 9.804 | 32,1 | 10.258 | 33,0 | 9.916,0 | 34,5 | 8.560 | 33,9 | 10.039 | 37,4 | 11.511 | 40,2 | 11.225 | 40,3 | 6.747 | 37,4 | 6.422 | 35,1 | 6.852 | 34,9 | 91.334 | 35,8 |
| Ignorada/em branco | 2.228 | 7,3 | 2.701 | 8,7 | 2.259 | 7,9 | 2.091 | 8,3 | 2.095 | 7,8 | 2.165 | 7,6 | 2.258 | 8,1 | 1.354 | 7,5 | 1.454 | 7,9 | 1.475 | 7,5 | 20.080 | 7,9 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023. *Dados da rede.

TABELA 12 Número e proporção de casos novos de hanseníase segundo esquema de tratamento – Brasil, 2013 a 2022

| Esquema de tratamento | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|--------------------------|--------|------|--------|------|----------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|--------|------|---------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| PQT/PB | 10.785 | 35,3 | 10.516 | 33,9 | 8.876 | 30,9 | 6.914 | 27,4 | 6.970 | 25,9 | 6.462 | 22,5 | 5.918 | 21,2 | 3.492 | 19,4 | 3.480 | 19,0 | 3.552 | 18,1 | 66.965 | 26,3 |
| PQT/MB | 19.556 | 64,0 | 20.354 | 65,5 | 19.665,0 | 68,4 | 18.128 | 71,9 | 19.635 | 73,1 | 21.847 | 76,2 | 21.563 | 77,4 | 14.205 | 79,0 | 14.486 | 79,1 | 15.650 | 79,7 | 185.089 | 72,6 |
| Esquema de segunda linha | 171 | 0,6 | 141 | 0,5 | 176,0 | 0,6 | 137 | 0,5 | 223 | 0,8 | 299 | 1,0 | 327 | 1,2 | 239 | 1,3 | 295 | 1,6 | 373 | 1,9 | 2.381 | 0,9 |
| Ignorada/em branco | 30 | 0,1 | 53 | 0,2 | 44 | 0,2 | 39 | 0,2 | 49 | 0,2 | 52 | 0,2 | 56 | 0,2 | 43 | 0,2 | 57 | 0,3 | 60 | 0,3 | 483 | 0,2 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 13 Proporção de cura de casos novos de hanseníase segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| BRASIL | 84,0 | 82,7 | 83,5 | 81,8 | 81,2 | 80,6 | 79,4 | 81,1 | 77,2 | 74,6 |
| Região Norte | 83,7 | 81,7 | 82,9 | 81,1 | 80,8 | 79,7 | 79,7 | 80,9 | 77,2 | 75,6 |
| Rondônia | 90,4 | 88,2 | 89,8 | 91,0 | 90,3 | 87,7 | 85,4 | 86,8 | 88,5 | 83,9 |
| Acre | 94,8 | 95,6 | 91,3 | 91,7 | 90,1 | 96,9 | 91,4 | 86,8 | 86,3 | 85,9 |
| Amazonas | 84,6 | 82,0 | 85,5 | 88,5 | 89,0 | 89,4 | 92,2 | 91,7 | 91,5 | 93,9 |
| Roraima | 81,3 | 70,7 | 77,8 | 75,0 | 80,8 | 71,3 | 70,5 | 80,2 | 66,7 | 53,7 |
| Pará | 80,6 | 78,8 | 80,0 | 77,7 | 76,9 | 74,9 | 74,8 | 75,8 | 69,1 | 72,1 |
| Amapá | 82,5 | 81,7 | 83,5 | 77,3 | 72,2 | 79,5 | 81,5 | 73,2 | 81,3 | 70,0 |
| Tocantins | 87,7 | 86,9 | 85,8 | 81,8 | 83,3 | 81,8 | 83,5 | 83,9 | 84,1 | 73,8 |
| Região Nordeste | 81,5 | 82,0 | 82,0 | 80,3 | 80,3 | 78,8 | 78,7 | 80,0 | 76,4 | 75,3 |
| Maranhão | 82,2 | 82,8 | 84,3 | 81,8 | 80,5 | 74,8 | 82,3 | 82,8 | 80,1 | 78,5 |
| Piauí | 81,6 | 78,3 | 84,0 | 83,0 | 82,4 | 84,0 | 85,4 | 82,5 | 75,8 | 74,1 |
| Ceará | 87,1 | 85,6 | 84,3 | 83,2 | 83,4 | 83,1 | 75,8 | 80,8 | 77,6 | 78,7 |
| Rio Grande do Norte | 78,3 | 72,3 | 71,3 | 73,0 | 70,9 | 85,8 | 82,1 | 87,3 | 80,2 | 78,8 |
| Paraíba | 82,2 | 79,2 | 75,5 | 60,5 | 67,5 | 76,3 | 68,6 | 77,4 | 69,1 | 75,8 |
| Pernambuco | 80,2 | 82,9 | 80,4 | 78,6 | 79,8 | 80,5 | 78,7 | 76,3 | 73,5 | 70,7 |
| Alagoas | 79,6 | 80,7 | 78,3 | 79,9 | 85,4 | 77,6 | 78,3 | 76,5 | 73,0 | 69,5 |
| Sergipe | 90,5 | 87,2 | 88,6 | 84,6 | 83,7 | 83,5 | 89,0 | 88,4 | 91,3 | 91,6 |
| Bahia | 76,3 | 79,5 | 79,4 | 80,9 | 79,6 | 77,5 | 72,4 | 76,7 | 73,0 | 71,2 |
| Região Sudeste | 89,7 | 89,5 | 88,7 | 87,1 | 87,5 | 87,1 | 84,2 | 85,1 | 79,4 | 77,1 |
| Minas Gerais | 88,0 | 88,4 | 89,4 | 87,3 | 86,8 | 87,4 | 80,9 | 78,5 | 75,9 | 73,6 |
| Espírito Santo | 95,3 | 92,7 | 95,5 | 94,1 | 91,1 | 89,8 | 91,4 | 91,4 | 60,9 | 76,7 |
| Rio de Janeiro | 87,3 | 86,9 | 80,9 | 77,9 | 81,7 | 81,2 | 77,7 | 82,7 | 82,9 | 81,3 |
| São Paulo | 91,2 | 91,7 | 92,2 | 91,7 | 92,0 | 90,8 | 89,9 | 91,6 | 89,0 | 77,3 |

continua

conclusão

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|----------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Região Sul | 89,0 | 87,3 | 87,4 | 90,6 | 89,6 | 87,8 | 85,7 | 84,2 | 82,4 | 76,4 |
| Paraná | 91,7 | 89,7 | 89,2 | 92,1 | 91,2 | 91,3 | 90,9 | 87,3 | 86,1 | 78,8 |
| Santa Catarina | 86,5 | 89,9 | 89,8 | 91,2 | 91,8 | 86,5 | 81,7 | 82,5 | 76,0 | 75,2 |
| Rio Grande do Sul | 72,3 | 67,4 | 73,2 | 80,0 | 74,1 | 67,9 | 62,9 | 68,5 | 65,5 | 62,5 |
| Região Centro-Oeste | 83,8 | 79,0 | 82,6 | 80,5 | 78,1 | 79,8 | 76,1 | 80,7 | 76,8 | 70,4 |
| Mato Grosso do Sul | 84,0 | 83,3 | 80,0 | 71,8 | 72,8 | 77,9 | 74,6 | 76,5 | 72,9 | 75,3 |
| Mato Grosso | 83,4 | 74,2 | 79,9 | 78,5 | 76,3 | 77,8 | 71,9 | 78,9 | 75,5 | 66,8 |
| Goiás | 83,5 | 82,2 | 87,2 | 88,0 | 84,4 | 87,1 | 88,5 | 88,3 | 82,9 | 81,2 |
| Distrito Federal | 89,2 | 90,1 | 88,1 | 82,7 | 67,8 | 59,9 | 61,3 | 73,5 | 65,2 | 58,2 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 14 Proporção de contatos de casos novos de hanseníase examinados entre os registrados nos anos das coortes segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| BRASIL | 75,1 | 76,6 | 78,2 | 77,6 | 78,9 | 81,4 | 82,4 | 82,0 | 79,2 | 76,8 |
| Região Norte | 75,0 | 76,4 | 77,8 | 76,7 | 77,7 | 78,6 | 78,3 | 80,9 | 78,3 | 75,7 |
| Rondônia | 87,7 | 82,7 | 84,4 | 88,0 | 86,1 | 86,2 | 84,4 | 89,3 | 88,3 | 83,0 |
| Acre | 57,0 | 74,3 | 70,8 | 83,1 | 72,5 | 78,8 | 72,4 | 78,5 | 70,4 | 56,7 |
| Amazonas | 65,5 | 75,7 | 83,9 | 85,6 | 88,3 | 89,1 | 86,5 | 80,1 | 83,4 | 90,3 |
| Roraima | 57,2 | 58,4 | 51,9 | 73,1 | 69,6 | 80,7 | 77,7 | 82,0 | 61,9 | 62,3 |
| Pará | 73,3 | 74,1 | 74,5 | 72,8 | 71,5 | 70,1 | 70,1 | 73,0 | 70,0 | 68,8 |
| Amapá | 74,2 | 86,4 | 82,1 | 55,9 | 66,6 | 51,3 | 58,6 | 53,4 | 57,6 | 47,0 |
| Tocantins | 87,6 | 84,6 | 85,9 | 81,4 | 90,4 | 89,8 | 90,2 | 92,9 | 92,5 | 86,9 |
| Região Nordeste | 69,7 | 71,2 | 73,1 | 72,7 | 75,5 | 79,6 | 82,2 | 82,1 | 79,3 | 77,3 |
| Maranhão | 67,3 | 66,0 | 72,1 | 76,9 | 80,4 | 85,1 | 90,9 | 90,6 | 88,5 | 88,9 |
| Piauí | 70,9 | 70,7 | 72,9 | 76,3 | 76,9 | 75,8 | 76,7 | 75,7 | 72,8 | 58,9 |
| Ceará | 72,1 | 69,7 | 67,6 | 67,9 | 70,1 | 77,7 | 81,4 | 82,2 | 82,1 | 84,8 |
| Rio Grande do Norte | 55,4 | 56,4 | 63,0 | 58,4 | 54,9 | 68,2 | 63,0 | 72,2 | 62,6 | 63,0 |
| Paraíba | 66,5 | 75,9 | 63,8 | 48,8 | 60,4 | 66,0 | 65,7 | 75,7 | 63,6 | 68,2 |

continua

conclusão

| Região/UF de residência | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|----------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Pernambuco | 76,7 | 80,7 | 80,8 | 76,3 | 82,3 | 85,6 | 89,6 | 86,2 | 83,3 | 79,3 |
| Alagoas | 67,0 | 69,6 | 75,6 | 73,8 | 78,8 | 77,2 | 72,0 | 71,6 | 73,8 | 72,2 |
| Sergipe | 91,0 | 89,1 | 86,7 | 87,4 | 82,7 | 84,5 | 81,5 | 77,7 | 85,3 | 84,8 |
| Bahia | 62,6 | 68,2 | 71,5 | 68,4 | 69,2 | 72,2 | 70,8 | 72,1 | 66,3 | 63,6 |
| Região Sudeste | 83,1 | 86,1 | 88,4 | 88,1 | 87,3 | 86,4 | 82,0 | 81,9 | 80,2 | 78,2 |
| Minas Gerais | 87,6 | 90,7 | 94,3 | 94,4 | 93,6 | 87,6 | 82,5 | 78,1 | 78,9 | 72,0 |
| Espírito Santo | 87,1 | 88,4 | 93,3 | 92,5 | 91,4 | 94,1 | 93,7 | 90,3 | - | 91,3 |
| Rio de Janeiro | 73,0 | 77,6 | 77,6 | 73,9 | 73,8 | 74,6 | 69,5 | 74,4 | 74,3 | 77,5 |
| São Paulo | 87,9 | 89,1 | 91,1 | 92,7 | 91,1 | 92,5 | 86,7 | 87,5 | 85,4 | 81,0 |
| Região Sul | 89,1 | 91,7 | 92,0 | 91,1 | 89,1 | 86,8 | 90,0 | 89,9 | 84,0 | 84,1 |
| Paraná | 92,4 | 95,2 | 95,0 | 95,5 | 93,5 | 92,8 | 94,7 | 93,6 | 86,2 | 85,6 |
| Santa Catarina | 82,3 | 87,9 | 83,0 | 77,3 | 81,1 | 74,3 | 87,8 | 84,6 | 79,8 | 82,9 |
| Rio Grande do Sul | 72,3 | 72,1 | 81,0 | 79,7 | 70,1 | 71,6 | 67,3 | 73,7 | 75,6 | 75,2 |
| Região Centro-Oeste | 79,6 | 80,6 | 82,5 | 82,7 | 81,6 | 84,8 | 85,9 | 81,6 | 78,5 | 75,0 |
| Mato Grosso do Sul | 86,0 | 86,8 | 89,2 | 89,1 | 88,7 | 85,1 | 86,9 | 87,9 | 78,2 | 83,9 |
| Mato Grosso | 77,8 | 77,5 | 78,9 | 78,1 | 79,2 | 84,4 | 86,5 | 79,4 | 76,6 | 71,6 |
| Goiás | 79,0 | 81,2 | 85,8 | 88,5 | 85,6 | 87,7 | 85,5 | 88,4 | 83,1 | 85,4 |
| Distrito Federal | 81,7 | 88,9 | 79,3 | 76,8 | 66,0 | 67,3 | 68,3 | 76,5 | 84,9 | 63,2 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 15 Número e proporção de casos de hanseníase em menores de 15 anos – Brasil, 2013 a 2022

| Modo de entrada | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | | Total | |
|--------------------|--------------|------|--------------|------|--------------|------|--------------|------|--------------|------|--------------|------|--------------|------|--------------|------|------------|------|------------|------|---------------|------|
| | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | N | % |
| Caso novo | 2350 | 92,6 | 2344 | 91,3 | 2115 | 90,3 | 1696 | 87,9 | 1716 | 87,8 | 1705 | 88,7 | 1546 | 87,9 | 878 | 84,0 | 761 | 84,1 | 836 | 85,4 | 15.947 | 88,9 |
| Recidiva | 15 | 0,6 | 13 | 0,5 | 16 | 0,7 | 15 | 0,8 | 12 | 0,61 | 11 | 0,57 | 7 | 0,4 | 17 | 1,6 | 4 | 0,4 | 9 | 0,9 | 119 | 0,7 |
| Outros ingressos | 44 | 1,7 | 39 | 1,5 | 51 | 2,2 | 53 | 2,7 | 58 | 2,97 | 46 | 2,39 | 47 | 2,7 | 46 | 4,4 | 41 | 4,5 | 37 | 3,8 | 462 | 2,6 |
| Transferências | 125 | 4,9 | 167 | 6,5 | 156 | 6,7 | 163 | 8,4 | 160 | 8,19 | 157 | 8,16 | 156 | 8,9 | 103 | 9,9 | 98 | 10,8 | 95 | 9,7 | 1.380 | 7,7 |
| Ignorado/em branco | 3 | 0,1 | 4 | 0,2 | 5 | 0,2 | 2 | 0,1 | 8 | 0,4 | 4 | 0,2 | 2 | 0,1 | 1 | 0,1 | 1 | 0,1 | 2 | 0,2 | 32 | 0,2 |
| Total | 2.537 | | 2.567 | | 2.343 | | 1.929 | | 1.954 | | 1.923 | | 1.758 | | 1.045 | | 905 | | 979 | | 17.940 | |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 16 Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos avaliados quanto ao GIF no momento do diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

| | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|-----------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Avaliados | 90,0 | 89,7 | 88,9 | 88,9 | 89,3 | 90,4 | 88,1 | 86,8 | 87,1 | 88,6 |
| GIF 0 | 87,1 | 87,5 | 87,6 | 86,4 | 82,4 | 83,4 | 80,8 | 80,6 | 82,4 | 75,2 |
| GIF 1 | 9,7 | 10,1 | 9,5 | 11,3 | 14,1 | 14,1 | 15,6 | 14,8 | 13,3 | 18,9 |
| GIF 2 | 3,1 | 2,4 | 2,9 | 2,3 | 3,5 | 2,5 | 3,7 | 4,6 | 4,4 | 5,9 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 17 Proporção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos multibacilares por região de residência e ano de diagnóstico – Brasil, 2013 a 2022

| Região de residência | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | |
|----------------------|-------------|-------------|------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|
| | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % | n. | % |
| BRASIL | 1012 | 43,1 | 983 | 41,9 | 1034 | 48,9 | 877 | 51,7 | 942 | 54,9 | 1003 | 58,8 | 958 | 62,0 | 554 | 63,1 | 485 | 63,7 | 574 | 68,7 |
| Região Norte | 316 | 45,0 | 267 | 40,0 | 262 | 49,7 | 257 | 55,7 | 228 | 55,2 | 312 | 63,7 | 251 | 64,5 | 161 | 71,2 | 126 | 64,6 | 129 | 70,5 |
| Região Nordeste | 448 | 41,0 | 454 | 40,6 | 514 | 45,8 | 398 | 47,6 | 430 | 48,8 | 417 | 52,0 | 429 | 58,1 | 229 | 54,5 | 209 | 60,6 | 283 | 65,5 |
| Região Sudeste | 67 | 31,8 | 55 | 29,6 | 57 | 36,8 | 69 | 42,1 | 74 | 50,0 | 70 | 46,4 | 73 | 48,3 | 41 | 50,0 | 49 | 49,5 | 56 | 60,9 |
| Região Sul | 5 | 31,3 | 7 | 38,9 | 7 | 58,3 | 3 | 50,0 | 13 | 72,2 | 6 | 54,5 | 6 | 37,5 | 5 | 50,0 | 5 | 50,0 | 5 | 41,7 |
| Região Centro-Oeste | 176 | 53,7 | 200 | 56,3 | 194 | 64,9 | 150 | 65,5 | 197 | 77,0 | 198 | 78,9 | 199 | 79,3 | 118 | 84,3 | 96 | 85,7 | 101 | 86,3 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 18 Número e taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil habitantes) segundo a região e a unidade da Federação de residência – Brasil, 2013 a 2022

| Região/UF de residência | 2013 | | 2014 | | 2015 | | 2016 | | 2017 | | 2018 | | 2019 | | 2020 | | 2021 | | 2022 | |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|
| | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. | n. | tx. |
| BRASIL | 2439 | 5,03 | 2341 | 4,88 | 2113 | 4,46 | 1696 | 3,63 | 1718 | 3,72 | 1705 | 3,75 | 1545 | 3,44 | 878 | 1,99 | 761 | 1,73 | 836 | 1,90 |
| Região Norte | 719 | 13,54 | 663 | 12,66 | 527 | 10,11 | 461 | 8,92 | 413 | 8,07 | 490 | 9,67 | 388 | 7,74 | 226 | 4,60 | 195 | 3,99 | 183 | 3,74 |
| Rondônia | 61 | 12,98 | 43 | 9,36 | 36 | 7,91 | 23 | 5,13 | 25 | 5,67 | 30 | 6,91 | 14 | 3,27 | 13 | 3,15 | 15 | 3,63 | 12 | 2,91 |
| Acre | 12 | 4,58 | 11 | 4,17 | 12 | 4,55 | 11 | 4,19 | 10 | 3,83 | 12 | 4,63 | 0 | 0,00 | 6 | 2,33 | 8 | 3,14 | 3 | 1,18 |
| Amazonas | 88 | 6,97 | 69 | 5,57 | 61 | 4,94 | 46 | 3,74 | 34 | 2,78 | 51 | 4,19 | 37 | 3,07 | 19 | 1,57 | 39 | 3,22 | 37 | 3,06 |
| Roraima | 13 | 8,06 | 7 | 4,34 | 1 | 0,62 | 11 | 6,91 | 15 | 9,50 | 7 | 4,48 | 8 | 5,17 | 1 | 0,59 | - | - | 2 | 1,16 |
| Pará | 455 | 18,29 | 428 | 17,54 | 323 | 13,32 | 274 | 11,40 | 229 | 9,63 | 261 | 11,10 | 223 | 9,60 | 145 | 6,49 | 97 | 4,38 | 77 | 3,48 |
| Amapá | 6 | 2,46 | 10 | 3,99 | 13 | 5,20 | 6 | 2,42 | 7 | 2,84 | 7 | 2,87 | 6 | 2,48 | 5 | 2,07 | 1 | 0,41 | 5 | 2,07 |
| Tocantins | 84 | 19,77 | 95 | 22,43 | 81 | 19,27 | 90 | 21,67 | 93 | 22,67 | 122 | 30,13 | 100 | 25,03 | 37 | 9,66 | 35 | 9,19 | 47 | 12,34 |
| Região Nordeste | 1145 | 7,73 | 1113 | 7,48 | 1121 | 7,64 | 836 | 5,78 | 881 | 6,19 | 802 | 5,73 | 739 | 5,37 | 420 | 3,29 | 344 | 2,73 | 432 | 3,42 |
| Maranhão | 370 | 17,60 | 361 | 16,73 | 375 | 17,56 | 320 | 15,15 | 320 | 15,36 | 312 | 15,21 | 274 | 13,59 | 170 | 9,29 | 141 | 7,82 | 188 | 10,43 |
| Piauí | 66 | 7,79 | 76 | 8,78 | 72 | 8,50 | 56 | 6,76 | 72 | 8,90 | 60 | 7,59 | 50 | 6,48 | 25 | 3,42 | 20 | 2,77 | 24 | 3,33 |
| Ceará | 132 | 5,81 | 131 | 5,73 | 102 | 4,53 | 93 | 4,20 | 61 | 2,80 | 65 | 3,04 | 63 | 2,99 | 41 | 2,07 | 30 | 1,53 | 33 | 1,68 |
| Rio Grande do Norte | 24 | 2,87 | 16 | 1,88 | 35 | 4,16 | 8 | 0,96 | 8 | 0,98 | 9 | 1,11 | 6 | 0,75 | 8 | 1,08 | 7 | 0,95 | 5 | 0,68 |
| Paraíba | 39 | 3,94 | 29 | 2,87 | 27 | 2,69 | 27 | 2,73 | 27 | 2,76 | 20 | 2,07 | 29 | 3,05 | 20 | 2,32 | 13 | 1,52 | 14 | 1,64 |
| Pernambuco | 287 | 12,14 | 261 | 10,97 | 241 | 10,25 | 175 | 7,56 | 196 | 8,60 | 152 | 6,77 | 163 | 7,38 | 81 | 3,82 | 73 | 3,47 | 92 | 4,37 |
| Alagoas | 22 | 2,29 | 25 | 2,61 | 25 | 2,66 | 18 | 1,95 | 27 | 2,97 | 28 | 3,14 | 14 | 1,60 | 13 | 1,64 | 10 | 1,28 | 13 | 1,66 |
| Sergipe | 31 | 5,25 | 26 | 4,41 | 18 | 3,10 | 23 | 4,02 | 21 | 3,73 | 29 | 5,23 | 21 | 3,84 | 10 | 1,92 | 4 | 0,77 | 9 | 1,74 |
| Bahia | 174 | 4,52 | 188 | 4,97 | 226 | 6,07 | 116 | 3,16 | 149 | 4,12 | 127 | 3,57 | 119 | 3,40 | 52 | 1,64 | 46 | 1,47 | 54 | 1,72 |

continua

conclusão

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----------------------------|------------|-------------|------------|--------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|
| Região Sudeste | 216 | 1,18 | 186 | 1,03 | 154 | 0,86 | 163 | 0,93 | 150 | 0,86 | 151 | 0,88 | 152 | 0,90 | 82 | 0,45 | 100 | 0,58 | 92 | 0,54 |
| Minas Gerais | 51 | 1,10 | 55 | 1,21 | 45 | 1,01 | 57 | 1,30 | 62 | 1,43 | 59 | 1,38 | 45 | 1,07 | 28 | 0,70 | 40 | 1,01 | 48 | 1,21 |
| Espirito Santo | 56 | 6,31 | 34 | 3,88 | 41 | 4,73 | 24 | 2,80 | 20 | 2,35 | 26 | 3,09 | 32 | 3,83 | 12 | 1,42 | 9 | 1,06 | 11 | 1,30 |
| Rio de Janeiro | 69 | 1,99 | 63 | 1,86 | 46 | 1,39 | 50 | 1,53 | 40 | 1,24 | 40 | 1,26 | 35 | 1,12 | 16 | 0,49 | 23 | 0,70 | 16 | 0,49 |
| São Paulo | 40 | 0,43 | 34 | 0,36 | 22 | 0,24 | 32 | 0,35 | 28 | 0,31 | 26 | 0,29 | 40 | 0,46 | 26 | 0,29 | 28 | 0,31 | 17 | 0,19 |
| Região Sul | 17 | 0,27 | 18 | 0,29 | 12 | 0,20 | 6 | 0,10 | 18 | 0,31 | 11 | 0,19 | 16 | 0,28 | 10 | 0,17 | 10 | 0,17 | 12 | 0,21 |
| Paraná | 12 | 0,48 | 11 | 0,45 | 6 | 0,25 | 2 | 0,08 | 5 | 0,21 | 7 | 0,30 | 8 | 0,35 | 2 | 0,09 | 6 | 0,26 | 6 | 0,26 |
| Santa Catarina | 3 | 0,21 | 4 | 0,28 | 4 | 0,29 | 2 | 0,14 | 6 | 0,43 | 2 | 0,14 | 3 | 0,22 | 5 | 0,36 | 4 | 0,28 | 5 | 0,36 |
| Rio Grande do Sul | 2 | 0,09 | 3 | 0,13 | 2 | 0,09 | 2 | 0,09 | 7 | 0,33 | 2 | 0,10 | 5 | 0,24 | 3 | 0,14 | - | - | 1 | 0,05 |
| Região Centro-Oeste | 342 | 9,17 | 361 | 10,01 | 299 | 8,32 | 229 | 6,42 | 256 | 7,23 | 251 | 7,14 | 250 | 7,17 | 140 | 3,90 | 112 | 3,11 | 117 | 3,25 |
| Mato Grosso do Sul | 33 | 5,14 | 57 | 8,76 | 31 | 4,77 | 18 | 2,79 | 10 | 1,56 | 9 | 1,42 | 18 | 2,86 | 5 | 0,78 | 3 | 0,47 | 4 | 0,62 |
| Mato Grosso | 181 | 21,00 | 196 | 24,05 | 179 | 21,99 | 147 | 18,20 | 184 | 22,97 | 195 | 24,56 | 179 | 22,76 | 100 | 12,20 | 89 | 10,84 | 97 | 11,81 |
| Goiás | 117 | 7,71 | 82 | 5,39 | 82 | 5,43 | 58 | 3,88 | 56 | 3,79 | 44 | 3,01 | 46 | 3,18 | 28 | 1,83 | 19 | 1,23 | 13 | 0,84 |
| Distrito Federal | 11 | 1,56 | 26 | 4,18 | 7 | 1,13 | 6 | 0,97 | 6 | 0,96 | 3 | 0,48 | 7 | 1,12 | 7 | 1,16 | 1 | 0,17 | 3 | 0,50 |

Fonte: Sinan/SVS/MS e ESUSVS/ES. Dados atualizados em 18/10/2023.

TABELA 19 Número de casos de hanseníase investigados e número de casos confirmados com resistência antimicrobiana segundo a região e a unidade de Federação de notificação – Brasil, 2018* a 2023**

| Região/UF de residência | 2018 | | | 2019 | | | 2020 | | | 2021 | | | 2022 | | | 2023 | | |
|-------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|
| | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana |
| BRASIL | 16 | 62 | 1 | 244 | 747 | 14 | 128 | 342 | 3 | 121 | 391 | 11 | 179 | 450 | 37 | 161 | 542 | 18 |
| Região Norte | 0 | 3 | 0 | 61 | 198 | 6 | 32 | 49 | 0 | 9 | 35 | 2 | 28 | 50 | 6 | 19 | 26 | 0 |
| Rondônia | 0 | 0 | 0 | 2 | 17 | 0 | 4 | 20 | 0 | 0 | 8 | 0 | 1 | 6 | 0 | 1 | 5 | 0 |
| Acre | 0 | 0 | 0 | 15 | 12 | 0 | 13 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Amazonas | 0 | 0 | 0 | 12 | 40 | 1 | 10 | 8 | 0 | 6 | 11 | 1 | 15 | 13 | 2 | 9 | 3 | 0 |
| Roraima | 0 | 0 | 0 | 4 | 8 | 1 | 3 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Pará | 0 | 0 | 0 | 18 | 72 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Amapá | 0 | 2 | 0 | 7 | 11 | 0 | 2 | 2 | 0 | 3 | 7 | 1 | 10 | 8 | 0 | 9 | 2 | 0 |
| Tocantins | 0 | 1 | 0 | 3 | 38 | 0 | 0 | 14 | 0 | 0 | 9 | 0 | 2 | 23 | 4 | 0 | 16 | 0 |
| Região Nordeste | 1 | 6 | 0 | 45 | 89 | 0 | 25 | 39 | 0 | 19 | 58 | 2 | 57 | 107 | 2 | 32 | 121 | 2 |
| Maranhão | 1 | 1 | 0 | 10 | 20 | 0 | 15 | 16 | 0 | 11 | 13 | 1 | 38 | 51 | 2 | 18 | 68 | 2 |
| Piauí | 0 | 0 | 0 | 9 | 10 | 0 | 0 | 4 | 0 | 4 | 2 | 1 | 0 | 1 | 0 | 3 | 7 | 0 |
| Ceará | 0 | 0 | 0 | 16 | 11 | 0 | 2 | 4 | 0 | 1 | 10 | 0 | 4 | 8 | 0 | 0 | 7 | 0 |
| Rio Grande do Norte | 0 | 0 | 0 | 8 | 7 | 0 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Paraíba | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 10 | 0 | 9 | 12 | 0 | 8 | 11 | 0 |
| Pernambuco | 0 | 0 | 0 | 1 | 7 | 0 | 4 | 8 | 0 | 3 | 19 | 0 | 4 | 27 | 0 | 2 | 11 | 0 |
| Alagoas | 0 | 2 | 0 | 0 | 7 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Sergipe | 0 | 3 | 0 | 0 | 12 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 4 | 0 | 1 | 4 | 0 | 1 | 8 | 0 |
| Bahia | 0 | 0 | 0 | 1 | 15 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 9 | 0 |
| Região Sudeste | 13 | 44 | 1 | 92 | 308 | 4 | 42 | 175 | 1 | 66 | 201 | 3 | 72 | 156 | 15 | 82 | 163 | 6 |

continua

conclusão

| Região/UF de residência | 2018 | | | 2019 | | | 2020 | | | 2021 | | | 2022 | | | 2023 | | |
|----------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|-------------------------------|
| | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana | N. investigados resistência primária | N. investigados resistência secundária | N. resistência antimicrobiana |
| Minas Gerais | 2 | 22 | 0 | 9 | 131 | 0 | 2 | 47 | 0 | 3 | 52 | 1 | 5 | 31 | 2 | 5 | 32 | 0 |
| Espírito Santo | 0 | 0 | 0 | 1 | 17 | 0 | 3 | 8 | 0 | 2 | 12 | 0 | 4 | 8 | 0 | 2 | 21 | 0 |
| Rio de Janeiro | 8 | 8 | 1 | 65 | 67 | 0 | 23 | 22 | 0 | 48 | 36 | 0 | 37 | 38 | 1 | 30 | 36 | 1 |
| São Paulo | 3 | 14 | 0 | 17 | 93 | 4 | 14 | 98 | 1 | 13 | 101 | 2 | 26 | 79 | 12 | 45 | 74 | 5 |
| Região Sul | 2 | 3 | 0 | 23 | 78 | 1 | 13 | 36 | 0 | 7 | 28 | 0 | 7 | 56 | 7 | 18 | 55 | 0 |
| Paraná | 0 | 2 | 0 | 21 | 63 | 0 | 5 | 27 | 0 | 2 | 23 | 0 | 2 | 45 | 6 | 10 | 42 | 0 |
| Santa Catarina | 2 | 1 | 0 | 2 | 9 | 1 | 8 | 9 | 0 | 5 | 5 | 0 | 5 | 4 | 0 | 8 | 11 | 0 |
| Rio Grande do Sul | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7 | 1 | 0 | 2 | 0 |
| Região Centro-Oeste | 0 | 6 | 0 | 23 | 74 | 3 | 16 | 43 | 2 | 20 | 69 | 4 | 15 | 81 | 7 | 10 | 177 | 10 |
| Mato Grosso do Sul | 0 | 0 | 0 | 2 | 12 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 11 | 2 |
| Mato Grosso | 0 | 6 | 0 | 13 | 50 | 3 | 10 | 32 | 1 | 7 | 52 | 3 | 11 | 63 | 7 | 7 | 146 | 7 |
| Goiás | 0 | 0 | 0 | 4 | 3 | 0 | 0 | 3 | 0 | 9 | 4 | 0 | 4 | 9 | 0 | 3 | 15 | 1 |
| Distrito Federal | 0 | 0 | 0 | 4 | 9 | 0 | 6 | 5 | 1 | 4 | 11 | 1 | 0 | 6 | 0 | 0 | 5 | 0 |

Fonte: Sirh/SVSA/MS. *Sistema implantado em 1º/10/2018. **Dados até 30/09/2023.

Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde
bvsms.gov.br/bvs

DISQUE
SAÚDE 136



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

Governo
Federal